UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA – POSGRAP
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS – NPPCS
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

ANDERSON PEREIRA DOS SANTOS

FESTA A OXUM:

Um estudo sociológico da Lavagem das Escadarias da Catedral em Aracaju (1982-2007)

SÃO CRISTÓVÃO
2009

ANDERSON PEREIRA DOS SANTOS

FESTA A OXUM:

Um estudo sociológico da Lavagem das Escadarias da Catedral em Aracaju (1982-2007)

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi.

SÃO CRISTÓVÃO
2009

ANDERSON PEREIRA DOS SANTOS

FESTA A OXUM:

Um estudo sociológico da Lavagem das Escadarias da Catedral em Aracaju (1982-2007)

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em 14 de agosto de 2009.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi (Orientador) - UFS

_____

Prof. Dr. Jonatas Silva Meneses - UFS

_____

Prof. Dr. Sérgio Figueiredo Ferretti - UFMA

SÃO CRISTÓVÃO

2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meu pai, Alcides dos Santos, e à minha mãe, Neide Maria Pereira dos Santos, que certamente devem estar felizes por essa minha conquista. Às minhas irmãs Andreza Pereira dos Santos e Andréia Pereira dos Santos pela companhia no trabalho de campo. A minha avó Neuza Pereira Silva pela compreensão das ausências. Em especial, a Greicyhianne Fernanda Pereira de Lima pelas fotos da pesquisa de campo, pelo incentivo e força nas horas mais críticas.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi, por todo o seu incentivo e apoio, desde o momento em que aceitou atuar como meu orientador até o acompanhamento de todo o processo de construção do meu objeto de estudo, na qualificação, até a elaboração do trabalho final. A sua larga experiência na pesquisa de campo e nos assuntos de terreiro e povo de santo constituíram, para mim, um manancial importantíssimo no que diz respeito à busca de informações e, mais do que isso, à vivência de uma prática acadêmica extremamente prazerosa e estimulante. Registro a paciência, as discussões, o incentivo no trabalho árduo da pesquisa, além do respeito intelectual às minhas idéias.

Agradeço ao Prof. Dr. Jonatas Silva Meneses pelas críticas dadas ao projeto de pesquisa no exercício das suas aulas, por sua disponibilidade para compor a banca de exame de qualificação, e pelas sugestões dadas na qualificação e na defesa pública da dissertação.

Agradeço ao Prof. Dr. Sérgio Figueiredo Ferretti pelas propostas e indagações feitas ao trabalho na defesa pública da dissertação.

Agradeço ao Prof. Gilvan da Costa Santana pela revisão gramatical e ortográfica da dissertação, pelas críticas e sugestões, e pela grande amizade.

Ressalto meu agradecimento ao Prof. Dr. José Rodorval Ramalho, por sua contribuição através de excelentes aulas e também, por sua disponibilidade para formar a banca de exame de qualificação.

Agradeço à equipe dos professores do NPPCS e, especialmente, àqueles que atuaram mais diretamente na caminhada. Nesse sentido, agradeço ao Prof. Dr. Frank Marcon e ao Prof. Dr. Marcus Eugenio, pela atenção dada, seja disponibilizando-se a conversar comigo, seja dando propostas durante a pesquisa. Agradeço aos funcionários do mestrado em sociologia, em especial a Angeline, Eraldo e Rodinelson, que me ajudaram a solucionar diversas questões referentes ao mestrado, sem contar a receptividade, gentileza e acolhimento a meu jeito de ser.

Sou grato ao Prof. Msc. Fernando Aguiar que se disponibilizou desde o começo a refletir comigo o projeto, a sistematizar o trabalho, além das entrevistas concedidas e das críticas às minhas idéias que muito fizeram amadurecer o pensamento sobre o objeto.

Com efeito, também é necessário agradecer às pessoas que me auxiliaram mesmo antes do meu ingresso no NPPCS. Assim, não poderia me esquecer do incentivo do Prof. Dr. Francisco José Alves, do Departamento de História da UFS, amigo, historiador e guia intelectual. O seu apoio e estímulo foram essenciais durante essa aventura sociológica.

Agradeço a ialorixá Maria Angélica Oliveira, pois, nos intervalos de seu trabalho me recepcionou em sua casa, acolhendo-me como um verdadeiro filho, contribuindo para minha pesquisa, ensinando-me sobre os terreiros e as "coisas do santo", conhecimento adquirido na intensa vivência nos terreiros. Esta que muito me ajudou com informações, colaborações e entrevistas. Este agradecimento é extensivo à sua família e ao seu filho Anderson Oliveira.

Agradeço à Dona Argentina pelas informações dadas mesmo com todos os seus problemas de saúde. Ainda no que diz respeito à minha convivência com o "povo de santo", agradeço à Mãe Jacira, Mãe Nair, Mãe Claudeildes, Mãe Lindinalva, Mãe Tassitaoo, Mãe Acássia e Mãe Marizete pela receptividade em suas casas e na franqueza e objetividade das informações. Ainda agradeço ao Ogã Dizo pela palestra em sua residência, e à filha-de-santo Isabel pela descontração com que fui recebido em sua casa. Agradeço a Severo D'Acelino em nome da Casa de Cultura Afro Sergipana (CCAS) pela recepção, entendimento e gentileza em me receber.

Agradeço a Gustavo Paulo Bonfim e Ângela Nickaulis Correa, funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGS, que me receberam de braços abertos, e o profissionalismo com que fui atendido. A todos os funcionários do Arquivo Público Municipal de Aracaju - APMA, pela simpatia e presteza com que me ajudaram. Sou grato a Maria Lourdes e Josefa Silva, funcionárias do Arquivo Público do Estado de Sergipe – APES, pela gentileza para com a minha pessoa e pelo auxílio na busca dos periódicos.

Agradeço ao Padre João Felix Neto, chanceler da Cúria Metropolitana de Aracaju – CMA, pela licença das pesquisas e em especial à secretária Tânia Maria dos Santos pela recepção, pela gentileza, pela confiabilidade à minha pessoa e ao meu trabalho. Gostaria de agradecer ao Padre Jerônimo Nunes pela entrevista concedida, pela permissão dada ao acesso ao Arquivo da Catedral Metropolitana de Aracaju - ACMA, e à secretária da Catedral, Maria José, pela competência e atendimento.

Enfim, agradeço a todos os colegas, com quem estive durante esses dois anos e que se tornaram membros afetivos de mais uma "turma" da minha vida.

Minha Mãe, quando é meu dia?
- Meu filho, já se passou!
- Numa festa tão bonita
Minha Mãe não me acordou?

Câmara Cascudo

RESUMO

A pesquisa trata da Lavagem das Escadarias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição realizada pelo povo de santo em Aracaju (1982-2007) e a sua análise sob a perspectiva religiosa. Privilegiamos descrever os comportamentos do povo de santo na festividade, os eventos que correspondem a Festa a Oxum, especificamente a Lavagem da Conceição. Entre os aspectos analisados encontram-se: os significados atribuídos pelo povo de santo à Lavagem das Escadarias; o sentimento e a organização do significado local em relação à entrada do cortejo na Igreja, e a identidade que a Lavagem da Conceição assume para o povo de santo. Essa manifestação religiosa tem na festa o seu centro de convívio e reverência a Oxum. Assim, resulta dessa análise que em Aracaju a festa da Lavagem da Conceição tem múltiplos significados. Eles variam de acordo com o papel de cada sujeito na festa. Vê-se, por exemplo, que a Lavagem da Conceição é um rito de purificação do povo que está presente na festa a Oxum. Por outro lado, a investigação realizada com o povo de santo de Aracaju verifica que a Lavagem da Conceição espelha no seu desenrolar as dificuldades da sociedade local. No plano financeiro há sérios problemas com a organização do evento, e no plano da organização a festa carece com a limitada participação dos terreiros de Aracaju.

Palavras-Chave: religião, festa, rito, lavagem, identidade.

ABSTRACT

The research care for Church Stepladders Wash of Our lady da Conceição accomplished by the saint's people in Aracaju (1982-2007) and its analysis under the religious perspective. We privilege describe the saint people behaviors in the festivity, the events that correspond the Party Oxum, specifically Conceição's Wash. We privilege describe the saint people behaviors in the festivity, the events that correspond the Party Oxum, specifically Conceição's Wash. Among analyzed aspects meet: The meanings attributed by the saint's people to the Stepladders Wash; The feeling and the organization of the local meaning regarding the retinue entrance in church, and the identity that Conceição's Wash takes over for saint's people. This religious manifestation has in the party your conviviality and reverence center Oxum. This way, it results of this analysis that in Aracaju the Wash party of Conceição has multiple meanings. They vary according to the paper of each subject in the party. It is seen, for example, that Conceição's Wash is a people purification rite that is present in the party Oxum. On the other hand, the investigation accomplished with the saint people of Aracaju verifies that Conceição's Wash reflects in his uncoil the difficulties of the local society. In the financial plan there are serious problems with event's organization, and in the organization plan the party lacks with terreiros limited participation of Aracaju.

Words-key: religion, party, rite, wash, identity.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1. Começo do rito de purificação no adro da Igreja. Aracaju. 2007. 52
Fotografia 2. Derramamento da água das quartinhas no adro da Catedral. Aracaju. 2007. 52
Fotografia 3. Estudantes do Colégio Visão, lavando as escadarias da Igreja da Conceição, Aracaju, 1982. 62
Fotografia 4. Início do cortejo na Colina do Santo Antônio, Aracaju. 1988. 62
Fotografia 5. O cortejo de baianas se dirigindo à Catedral Metropolitana. Aracaju. [199-] 70
Fotografia 6. O cortejo adentrando no Parque Teófilo Dantas. Aracaju. [199-] 70
Fotografia 7. Afoxé Omo Oxum desfilando na Orla de Atalaia. Aracaju. 2007. 95
Fotografia 8. Consulta na areia da Praia de Atalaia. Aracaju. 2007. 95
Fotografia 9. Abraço do padre com a ialorixá próximo ao altar. Aracaju. 2007. 104
Fotografia 10. O cortejo voltando de costas para as escadarias da Catedral. Aracaju. 2007. 104
Fotografia 11. Espera para a Lavagem da Conceição. Aracaju. 2007. 136
Fotografia 12. Baianas iniciando a Lavagem. Aracaju. 2007. 136
Fotografia 13. Lavagem e purificação do povo. Aracaju. [199-] 137
Fotografia 14. A Lavagem do adro e distribuição das flores das quartinhas. Aracaju. 2005. 137
Fotografia 15. Cortejo em frente à Catedral. Aracaju. 2007. 146
Fotografia 16. O padre recepcionando o povo de santo. Aracaju. 2007. 146
Fotografia 17. Baianas jogam a água da quartinha na cabeça das pessoas. Aracaju. 2007. 156
Fotografia 18. O adro e as escadarias molhadas pela água do rito religioso. Aracaju. 2007. 156
Fotografia 19. Grande roda feita pelo povo de santo, após a Lavagem. Aracaju. 2007. 157
Fotografia 20. Término da Lavagem da Conceição. Aracaju. 2007. 157

LISTA DE ESQUEMA

Esquema 1. Superposição dos eventos da Festa da Conceição. 2007 98

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Percurso da Lavagem da Conceição em Aracaju. 2007. 110
Mapa 2. Ocupação da área do Parque Teófilo Dantas na Festa da Conceição em Aracaju. 2007. 117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Correspondências segundo o Candomblé Nagô 77
Tabela 2. Calendário de Festas anual 80
Tabela 3. Materiais da Lavagem da Conceição de 1981 122
Tabela 4. Materiais da Lavagem da Conceição de 1990 122
Tabela 5. Materiais da Lavagem da Conceição de 2007 124
Tabela 6. Materiais e preços estimados para a Lavagem da Conceição de 2007 125
Tabela 7. Materiais e preços dos materiais contidos nos presentes a Oxum 126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

ACM – Arquivo da Cúria Metropolitana

ACMA – Arquivo da Catedral Metropolitana de Aracaju

ACPLC – Arquivo da Coordenação Prol Lavagem da Conceição

AP – Arquivo Particular

APES – Arquivo Público do Estado de Sergipe

APMA – Arquivo Público Municipal de Aracaju

ASN – Agência Sergipe de Notícias

ASSERMAN - Associação Sergipana de Mulheres Trabalhadoras Religiosas Negras

CCAS - Casa de Cultura Afro Sergipana

CENARAB/SE - Coordenação Nacional de Religiões Afro-Brasileiras em Sergipe

CEUPA - Centro Espírita de Umbanda Paraíso dos Orixás

CONEN - Coordenação Nacional de Entidades Negras

DCEL - Departamento Central de Esporte e Lazer da Secretaria de Estado da Educação e Cultura

IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

INTECAB/SE – Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira de Sergipe

NPPCS – Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

SMTT - Superintendência Municipal de Transportes Terrestres

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **13**

1 – O PORQUÊ DO TRABALHO DE CAMPO **21**
1.1. Da tradução do saber local 21
1.2. Natureza da etnografia 35

2 – O RITO E SEU CONTEXTO **44**
2.1. A Lavagem da Conceição: na mira da identidade 44
2.2. O surgimento da Lavagem da Conceição 58
2.3. O ciclo da festividade 75
2.4. Tempo de festa: toda cidade é de Oxum? 89

3 – O RITO E SEUS SIGNIFICADOS **100**
3.1. A etnografia da Lavagem da Conceição 100
3.2. Os custos da lavagem das escadarias 120
3.3. Os significados da Lavagem da Conceição 128
3.4. Os sentimentos e a organização do significado local 150

4 - CONCLUSÃO **160**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **163**

GLOSSÁRIO **168**

FONTES ESCRITAS E ENTREVISTAS **177**

INTRODUÇÃO

Inúmeras são as influências das religiões afro-brasileiras no catolicismo popular. O principal dado que favorece a compreensão da influência africana no catolicismo popular brasileiro é o hibridismo na religião, nas festividades e na música, por exemplo, ou seja, todas as tradições culturais estão em contato com tradições alternativas. Nesse sentido os processos de encontro, contato, interação, troca e hibridização cultural passam a ganhar uma atenção maior por parte dos cientistas sociais.

A princípio o hibridismo causa a perda de tradições regionais e locais e faz surgir reações étnicas ou nacionalistas, bem como a tensão entre regionalismo e mestiçagem ou o surgimento de separatismo, segregacionismo e fundamentalismo. O hibridismo na religiosidade brasileira pode ser visto nas festividades públicas, por exemplo. Umas das características fundamentais da religiosidade popular brasileira seria a associação de santos católicos a orixás do candomblé ou da umbanda.

Em Sergipe, uma das mais conhecidas, entre tantas, é a festa de Nossa Senhora da Conceição em Aracaju, Oxum para as religiões afro-brasileiras. A lavagem das escadarias da Catedral pelo povo de santo com água de cheiro e flores é um rito de homenagem a Oxum. A festa em louvor a Nossa Senhora da Conceição é uma das mais antigas festas religiosas de Sergipe, sendo comemorada desde o século XVII. Em Aracaju, o louvor à santa se iniciou em 28 de marco de 1857, por resolução nº 457 da autoridade arquiepiscopal da Bahia, que concedeu a instalação da Paróquia de N. S. da Conceição na Igreja São Salvador, onde funcionou, em regime provisório, até a data de inauguração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Com uma solene celebração, lançou-se a pedra fundamental da Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Aracaju, aos 21 de setembro de 1862.

Assim, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição na recém capital de Sergipe foi erguida em 1862. E, a partir da inauguração dos seus trabalhos, começou o culto à santa na nova capital. Nessa época, o ponto alto da festa religiosa, que sempre iniciou dias antes com a novena em louvor à santa, era a procissão que percorria as principais ruas do centro da cidade levando a imagem de Nossa Senhora da Conceição. A Diocese de Aracaju foi criada em 3 de janeiro de 1910, pela Carta Apostólica do Papa Pio X, "*Divina Disponente clementia*", desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Neste mesmo ano, Nossa Senhora da Conceição foi indicada como padroeira de Aracaju, pelo mesmo Papa; em 19 de novembro de 1911, a Paróquia se tornou Catedral Diocesana.

A Festa a Oxum realizada pelos adeptos das religiões afro-brasileiras na capital sergipana tem sua origem no mesmo momento da Festa da Conceição. Não se sabe ao certo quando começaram as festividades a Oxum, mas se supõe que desde o surgimento dos primeiros terreiros de *toré* em Aracaju, no fim do século XIX e começo do século XX. Por volta do fim do século XIX até meados de 1930, foi o período do auge do nagô e do *toré* devido à consolidação das principais casas e as sessões destinavam-se às práticas de cura e o desenvolvimento espiritual dos médiuns através do "trabalho"; e de 1930 até 1960, foi o período em que surge o candomblé em Sergipe, oriundo da Bahia, e as sessões assumem a função de atrair adeptos para o candomblé, já que se constitui num culto "simplificado".

À medida que a Festa a Nossa Senhora da Conceição foi se desenvolvendo, já no século XX, os principais terreiros de umbanda e candomblé de Aracaju começaram a realizar de forma pública a Festa a Oxum na praia de Atalaia Velha, à noite. Dessa forma, a Lavagem da Conceição surgiu depois das homenagens realizadas pelo povo de santo na Orla de Atalaia Velha.

A primeira notícia sobre a Lavagem das Escadarias da Catedral em Aracaju data de 1981[1]. É nessa ocasião que ocorre a primeira lavagem das escadarias da Igreja Nossa Senhora da Conceição a partir do pagamento de uma promessa realizada por estudantes. A promessa feita por oito estudantes do Colégio Visão de Aracaju era que, se eles conseguissem passar na prova do concurso vestibular da Universidade Federal da Bahia (UFBA), iriam lavar as escadarias da Igreja como forma de agradecimento. Os estudantes sergipanos se dirigiram até Salvador para realizarem as provas. Passados alguns dias saiu o resultado geral do vestibular da UFBA. Os estudantes que fizeram a promessa conseguiram a aprovação nos cursos pleiteados e resolveram pagar o juramento. Os estudantes liderados por Otávio e Wellington resolveram lavar as escadarias da Catedral em 1981. A lavagem se procedeu sem qualquer organização prévia e sem apoio de terreiros. Eles lavaram as escadarias da frente da Igreja com água da fonte que ficava ao redor da estátua de Olímpio Campos e utilizaram as folhas das árvores do Parque Teófilo Dantas, sabão e vassouras de piaçava.

A intenção era fazer a lavagem como acontece na Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador. Alguns curiosos presenciaram a Lavagem da Igreja. Os membros do candomblé que por acaso, presenciaram o fato estavam interessados no que aconteceria com os estudantes. Em 1982, houve a primeira Lavagem da Conceição tendo envolvimento apenas de um terreiro de candomblé. A Lavagem da Conceição teve como terreiro fundador, o de Mãe Nair. A

[1] Lavagem da Conceição. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 8 e 9 de dez. 1991.

concentração dos filhos-de-santo desse terreiro, além dos simpatizantes, foi na Praça Camerino no centro de Aracaju. O cortejo despertou curiosidade dos aracajuanos que saíam às portas e janelas para verem aquele cortejo passar.

Em 1983, a segunda edição da Lavagem realizada pelo povo de santo contou com a presença de alguns terreiros. A partir de 1984, os grandes terreiros da capital e interior começaram a participar, como o de Mãe Marizete, Mãe Lindinalva, Gilberto da Silva (Lê), José de Oliveira, Evaristo, Fernando Casiderã, Manoel Camboni, Zé d'Obacossu, Tonho de Riachuelo, entre outros, além do movimento social na figura de Severo D'Arcelino.

A baixa participação dos terreiros no começo da Lavagem se deu por diversos fatores. Entre eles: a pouca experiência para a realização da Lavagem, a intolerância e resistência dos sacerdotes católicos, a fragilidade dos laços religiosos entre os terreiros e o temor dos pais e mães-de-santo em sair com seus filhos-de-santo em via pública. Além disso, juntou-se o receio de reação policial.

Nos primeiros anos da Lavagem da Conceição se fazia um roteiro totalmente diferente do atual. O cortejo saía da Praça Camerino em direção à Catedral, no centro da cidade. Por sugestão de algumas pessoas foi alterado o percurso. Assim, o cortejo começou a sair da Praça Siqueira de Menezes em frente ao antigo Hotel Palace. E depois, já que a maioria das atividades do evento se concentravam no Bairro Santo Antônio, resolveram, a partir de então, sair da Colina do Santo Antonio.

Então, os motivos para que o cortejo saísse da Colina foram: espaço do Bairro Santo Antônio ser um lugar histórico (fundação de Aracaju), o que incorporaria à Lavagem um pouco da parte da história do começo da cidade; a sub-sede do CEUPA ficava também no bairro Santo Antônio.

A Igreja da Catedral como é conhecida no estado de Sergipe, é a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e assim, como no dia 8 de dezembro se homenageia Nossa Senhora da Conceição, e nos ritos afros homenageia-se Oxum. Então, não se lava outra escadaria a não ser dessa Igreja. Esse rito segue a história. Por isso sair da Igreja do Santo Antônio em direção à Catedral.

A Lavagem da Conceição em Aracaju tem a participação de homens e mulheres durante o rito. No entanto, para sair à rua os adeptos devem está com as obrigações dadas e acompanhar com respeito essas obrigações complementares até chegar a sua finalização, ou seja, começa na alvorada festiva, passa pelo ato da Lavagem da Conceição, até ir à noite para a praia de Atalaia.

Os principais elementos simbólicos da lavagem são: a imagem de N. S. da Conceição, o estandarte, as jarras, as flores, os paramentos, o perfume e as águas.

A imagem de Nossa S. da Conceição se incorporou ao rito depois de uma promessa feita por seu Normando, um senhor que muito ajudou no processo de consolidação da lavagem, que, como parte do cumprimento da promessa, teria a presença da santa no rito. Já o estandarte surgiu desde a primeira lavagem da Conceição. Houve vários estandartes. Um primeiro feito por Otavio Luiz, um segundo que era do terreiro de São Lázaro e um terceiro da Oxum idealizado pelo CEUPA.

As jarras em geral são médias e de cor branca. As jarras são essenciais para as filhas de santo levarem as águas. Oxum é água que se verte para banhos dentro dos terreiros. A água de cheiro tem um significado, é uma água transformada para lavar. O significado de lavar, de limpar é de tirar o peso de cima das pessoas. Essa água de cheiro é transformada na jarra. As flores são ou brancas ou amarelas. As flores são para homenagear não só a Oxum, como a Nossa Senhora da Conceição. Na entrada da Catedral as pessoas pedem essa água de cheiro para derramar nas cabeças ou derramar no chão. Muitas vezes as pessoas levam as flores para as suas casas.

Os paramentos são em geral de cor branca. O branco é usado em dois sentidos num ato fúnebre: por ser branco o espírito e quando se está de preceito ou quando se está louvando o Orixá, Vodun ou espírito. Portanto, quando se lavam as escadarias da Igreja se saúda Nossa Senhora da Conceição, que é Oxum. Então, como se está falando de Oxum, mãe das águas, quando se vão levar as águas de mãe Oxum para lavar as escadarias, deve ir vestido de branco significando a pureza dela, que significa Nossa Senhora. O preceito manda guardar o dia da semana consagrado ao seu Orixá. O perfume e a água preparada servem para purificar o povo que está presente no rito. A lavagem da Conceição de Aracaju é rito de purificação do povo de santo para as pessoas ali presentes.

A lavagem da Conceição se realiza pela manhã por diversos fatores. Pela manhã porque quando foi idealizada em Aracaju se observou que o arcebispo de Aracaju na época D. Luciano Cabral Duarte não aceitava que o sobrinho Otavio Luiz fizesse esse tipo de manifestação na frente da Igreja “dele”. Então, como era que o sobrinho dele ia levar o povo de candomblé para frente da Igreja no momento em que ele estaria praticamente celebrando ou co-celebrando com algum outro pároco a missa a Nossa Senhora da Conceição que começava às 16 horas. Assim, quando a Lavagem foi idealizada deveria ser feita pela manhã depois da última missa por conta de não ter outro evento em Aracaju do espaço de tempo

dessa última até as 16h, início das celebrações católicas à tarde. Neste intervalo os aracajuanos saíam em direção a Salvador para participar das festividades lá.

Nunca houve discussão com o arcebispo, nem com o padre, nem com pessoa nenhuma da Igreja, nem com os policiais. As “brigas” que havia eram na verdade pela busca dos direitos e pela manutenção dos valores. O direito era pela utilização das escadarias como espaço do povo de santo. Já os valores eram aqueles referentes à expressão religiosa pública: liberdade e igualdade. Ainda nos primeiros anos se fazia após a Lavagem das escadarias uma grande roda, dança incorporada ao toque dos atabaques faz com que as pessoas na realidade entrem em contato mais facilmente com as energias.

No dia 8 de dezembro é feriado em Aracaju. A data no calendário católico comemora o dia de Nossa Senhora da Conceição. Ocorrem inúmeras manifestações de fé em Aracaju. Dessa forma, constatamos duas grandes manifestações religiosas: uma liderada pela Igreja Católica e a outra pelas Religiões afro-brasileiras. Assim, a programação católica começaria às 06h30min com o ofício de Nossa Senhora, 07 h missa dos devotos, 09h30min missa solene, 11h30min celebração interconfessional, 15h30min rosário de Nossa Senhora, 16h consagração a Nossa Senhora, 16h30min procissão, homilia, bênção do S. Sacramento e uma missa. Já a programação afro-brasileira começaria às 3-4h com a ornamentação do andor, 5h alvorada festiva na Colina do S. Antônio, 7h recepção aos irmãos dos municípios e motoristas, 8h toque e xirê aos orixás, 9h recepção às autoridades política e religiosa do Estado, 10 h entrega das jarras, flores e perfumes, 11h início do cortejo da Colina do S. Antônio, 13 h Lavagem da Conceição, 19 h entrega dos presentes na Orla de Atalaia e às 19h30min Afoxé na Orla de Atalaia. Assim, podemos falar que a Lavagem da Conceição já integra o ciclo festivo religioso que homenageia Nossa Senhora da Conceição na capital sergipana.

A presente pesquisa surgiu a partir da observação de todo esse contexto religioso em Aracaju, especificamente no aniversário de 150 anos da cidade. Assim, a definição do tema com base nessa observação do cotidiano teve sua maturidade no enquadramento com a proposta da linha de pesquisa “Etnicidade e Religiosidade” do programa do Mestrado em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe e no levantamento da literatura especializada. Por se tratar de um tema que envolve religiosidade com o foco central nas tensões do campo religioso sergipano ligado às populações afro-brasileiras, fizemos o recorte através da área de interesse.

Definido o tema passamos para a delimitação do objeto e dos objetivos da pesquisa. A ruptura do senso comum com o discurso científico cria em nós uma atitude mental que gera a

construção do objeto. Nesse sentido, construir o objeto não significa atribuir-lhe um estatuto ontológico. O que se quer é que haja uma distinção entre o objeto real, pré-construído pela percepção, e o objeto da ciência, como sistema de relações construídas propositalmente. É impossível construir um objeto sem abandonar a busca por esses objetos pré-construídos. A tarefa de construir novos objetos e, com eles, designações específicas, não constitui mais do que um indício do primeiro grau de **ruptura epistemológica** com os objetos pré-construídos pelo senso comum ou pelos problemas sociais.

É observável que os conceitos ou categorias capazes de desconcertar as noções comuns não detêm, em estado isolado, o poder de resistir à lógica ideológica que esses conceitos receberam antes de serem sistêmicos ou científicos. De acordo com Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007: 48), "...o objeto de pesquisa só pode ser definido e construído em função de uma problemática teórica que permita submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade colocados em relação entre si pela questão que lhes é formulada."

Como as manifestações religiosas realizadas no dia 8 de dezembro na cidade de Aracaju são um exemplo das influências das religiões afros no catolicismo popular, a partir daí destacamos a Lavagem das escadarias da Igreja Nossa Senhora da Conceição como hibridismo cultural. Chamou-me a atenção o espaço social que as festas afro-religiosas, especificamente as realizadas pelos terreiros de umbanda e candomblé em Aracaju, tinham ganhado na sociedade sergipana, através dos meios de comunicação. Assim, a observação da Lavagem da Conceição me fez formular algumas questões. Tais como: *o que é este fato social? Por que ocorre? Como ocorre? E o que significa?*

Ainda que a observação da realidade em foco proporcionasse uma série de objetos e objetivos, delimitamos o **objeto de pesquisa** ao **conjunto de significados atribuídos pelos adeptos do candomblé e da umbanda na lavagem das escadarias da Catedral em Aracaju**. O recorte temporal da pesquisa foi de 1982 a 2007. É 1982 um marco por ser o primeiro ano em que a Lavagem da Conceição ocorre com a participação efetiva do povo de santo. É 2007 outro marco por ser o ano em que a festividade completou 25 anos de existência. Desse modo, as datas confirmam um momento ímpar para a representatividade do povo de santo em Sergipe.

Em relação aos objetivos de pesquisa propomos: descrever a Lavagem da Conceição em Aracaju; identificar os sentidos dados pelos indivíduos que participaram da Lavagem e interpretar os significados que o povo de santo atribui à sua conduta na realização da Lavagem das Escadarias da Igreja Nossa Senhora da Conceição.

Já em relação aos pressupostos, formulamo-os através da observação. Os dois pressupostos de trabalho foram: **1) a Lavagem das escadarias da Conceição em Aracaju é um rito de purificação com múltiplos significados; 2) a Lavagem da Conceição como manifestação religiosa brasileira espelha no seu desenrolar as dificuldades da sociedade local.**

Adotando como referência teórica Clifford Geertz, buscamos entender a cultura, as religiões, os significados e as dimensões simbólicas da ação social suscitados pelo objeto. Dessa forma, as afirmações que nortearam todo o estudo em torno do objeto foram: 1 - "O conceito de cultura é essencialmente semiótico" (1978, p. 15); 2 - "O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados" (op. cit., p.15).

A metodologia desta pesquisa foi à etnografia proposta por Clifford Geertz. Assim, estabelecemos relações, selecionamos informantes, transcrevemos textos, levantamos genealogias, mapeamos campos, e mantivemos um caderno de anotações. O método de análise dos dados coletados na observação, no levantamento documental e nas entrevistas foi a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin.

A pesquisa está divida em três capítulos. Em suma, o primeiro capítulo é teórico metodológico. O segundo expõe a história e o contexto da Lavagem da Conceição e o terceiro capítulo descreve e mostra os custos e os significados da Lavagem.

Dessa forma, o capítulo 1 *O Porquê do trabalho de campo* define alguns conceitos fundamentais na operacionalização da pesquisa, bem como esclarece a corrente teórica adotada, os conceitos e categorias utilizadas. Além de mostrar o método de investigação, a análise dos dados e as experiências do trabalho de campo.

O capítulo 2 *O Rito e seu contexto* mostra o que é a Lavagem da Conceição em Aracaju e os eventos do dia 8 de dezembro na cidade. O primeiro tópico "A Lavagem da Conceição: na mira da identidade" apresenta um comparativo entre as duas Lavagens de escadarias mais antigas do Brasil e a Lavagem da Conceição em Aracaju – SE e define o que seja uma Lavagem. "O surgimento da Lavagem da Conceição" narra à história da Lavagem das Escadarias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Aracaju a partir da festa da padroeira tendo como base documentos históricos e ainda o processo de consolidação nos primeiros anos dela. Já "O ciclo da festividade" explica os eventos da festa a Oxum organizada pela umbanda e candomblé em Aracaju. Por fim, "Tempo de festa: toda cidade é

de Oxum?" apresenta os diversos eventos religiosos realizados no dia 8 de dezembro em Aracaju.

O Capítulo 3 *O Rito e seus significados* apresenta como é a Lavagem da Conceição em Aracaju – SE e seus diversos significados para o povo de santo. O primeiro tópico "A etnografia da Lavagem da Conceição" descreve a lavagem das escadarias em seus diversos momentos. Em "Os custos da lavagem das escadarias" identificamos as causas da dificuldade financeira da lavagem. Já "O sentido de lavar a terra com a água" identifica e analisa o discurso dos entrevistados a respeito dos significados que a Lavagem tem para o povo de santo. Por fim, "O sentimento e a organização do significado local" explica os diversos sentimentos atribuídos pelo povo de santo no momento do rito e a organização da lavagem.

1 – O PORQUÊ DO TRABALHO DE CAMPO

1.1. Da tradução do saber local

Os objetivos do capítulo são: expor alguns conceitos fundamentais na operacionalização da pesquisa, esclarecer a corrente teórica, os conceitos e categorias utilizadas. Além de mostrar o método de investigação, a análise dos dados, e as experiências do trabalho de campo.

A questão que investigamos empiricamente e não apenas em termos conceituais – descrever o comportamento e o significado dado a ele – é constante nesse meu trabalho sobre a festa religiosa afro-brasileira em Aracaju. É essa questão e preocupação que se apresentam exploradas e aqui reunidas. Nesse trabalho obtive relatos sobre a maneira como um determinado grupo interpreta suas experiências e depois utilizei os relatos dessas interpretações para tirar algumas conclusões sobre socialização, identidade, comunicação simbólica e comportamento coletivo.

As dificuldades práticas de ver as coisas como os outros veem é uma tarefa de entender o que os outros entendem. O que seria traduzir o saber local? Em nossa opinião seria munir de categorias, termos e conceitos da ciência social e ver o mundo do outro através deles, admitindo o suporte para tal operação a interpretação do outro dele mesmo. Seria transpor, duma língua para outra; verter, simbolizar, representar, explicar, manifestar.

Estudando a dimensão religiosa da festa tivemos como referência teórica Clifford Geertz. É bem verdade que evocamos quando preciso algumas ideias de Roger Bastide. Na etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo, isto é, sobre o papel da cultura na vida humana. Assim, os conceitos – cultura, religião – tomam um caminho de ordenação da realidade, de olhar os fatos e as relações e ao mesmo tempo um caminho de criação.

A escolha da teoria dependeu de muitos fatores: do objeto, dos objetivos da pesquisa e dos pressupostos de trabalho. Se uma boa teoria é uma narrativa que nos permite ver uma parcela do mundo por outros olhos, como consequencia ela nos permite ver de forma interligada o que antes nos parecia desligado. O problema é que o nosso objeto (das ciências sociais) é histórico e, portanto, existiu ou existe em um determinado espaço e tempo. Isto significa que os grupos sociais são mutáveis e as instituições, discursos e visões de mundo são

provisórios, dinâmicos e tudo está para ser transformado. Como bem diz Clifford Geertz (1978, p. 37):

> Todavia, isso não significa que a teoria tenha apenas que se ajustar a realidades passadas (ou, mais cautelosamente, a gerar interpretações convincentes); ela tem que sobreviver – sobreviver intelectualmente – às realidades que estão por vir. [...] Apesar de se iniciar qualquer esforço para uma descrição minuciosa, além do óbvio e do superficial, a partir de um estado de confusão geral a respeito do que, diabo, está acontecendo – tentando colocar os pés no chão – ninguém começa (ou não deveria) intelectualmente vazio. As idéias teóricas não aparecem inteiramente novas a cada estudo; elas são adotadas de outros estudos relacionados e, refinadas durante o processo, aplicadas a novos problemas interpretativos.

O valor da teoria é permitir-nos ver o que até aí era invisível e ver por outro prisma o que já era visível. O perigo da teoria é poder funcionar como uma venda, limitando o que podemos ver e o modo como o vemos. Ela fornece-nos uma perspectiva do mundo, mas essa perspectiva pode excluir outras. Desta forma, a teoria é uma ferramenta que sustenta e restringe a investigação, mas que é necessária para a pesquisa progredir.

Começamos a investigação delimitando o problema, definindo o objeto e os objetivos da pesquisa e os pressupostos de trabalho. Em seguida iniciamos perguntando o que já é conhecido empírica e teoricamente acerca do objeto. Respondemos à pergunta sobre o que já é conhecido procedendo a uma revisão de literatura existente sobre o assunto. Nesse momento, chegamos a duas situações. Primeiro, quando estamos a trabalhar no âmbito de uma perspectiva teórica já estabelecida, temos forte tentação de apenas considerarmos os trabalhos de investigação que se inserem nesse quadro teórico de referência, ignorando qualquer trabalho que desafie a explicação dominante. Segundo, quando se descobre uma teoria que perpassa toda uma linha de investigação, temos forte tentação de dar seguimento a essa teoria.

Desta forma, a construção do marco teórico conceitual foi um processo complexo. Nesse caso a revisão de bibliografia foi contínua – antes, durante e depois da geração de dados. A escolha da referência teórica (Clifford Geertz) me fez prosseguir com as distinções das categorias do “senso comum” que seriam os conceitos usados pelos membros da sociedade para explicar e descrever o mundo em que vivem e os conceitos científicos que descrevem, classificam, explicam, organizam e correlacionam os “fatos sociais” de forma objetiva. De imediato, gostaríamos de deixar clara uma série de conceitos adotados nesta pesquisa.

Seguindo Minayo (2004, p. 92), “toda construção teórica é um sistema cujas vigas mestras estão representadas pelos conceitos. Os conceitos são as unidades de significação que

definem a forma e o conteúdo de uma teoria.” Entendo o conceito de cultura do mesmo modo que o professor Clifford Geertz (1978, p. 15) que diz: “o conceito de cultura é essencialmente semiótico. [...] assumo a cultura como sendo teias de significados e a sua análise, portanto como uma ciência interpretativa à procura do significado”.

Por trás desse e de outros conceitos científicos de cultura estão dois caminhos: o primeiro que privilegia a unidade e minimiza a diversidade e o segundo que dá toda a importância à diversidade, preocupando-se em demonstrar que ela não é contraditória com a unidade fundamental da humanidade. Qual seria a vantagem da escolha desse conceito de cultural de Geertz. Ainda segundo Clifford Geertz (op. cit., p. 35):

> O ponto global da abordagem semiótica da cultura é, auxiliar-nos a ganhar acesso ao mundo conceptual no qual vivem os nossos sujeitos, de forma a podermos, num sentido um tanto amplo, conversar com eles. A tensão entre o obstáculo dessa necessidade de penetrar num universo não-familiar de ação simbólica e as exigências do avanço técnico na teoria da cultura, entre a necessidade de apreender e a necessidade de analisar, é, em conseqüência, tanto necessariamente grande como basicamente irremovível.

Com isso,

> “como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade”. (GEERTZ, 1978, p. 24)

Não basta, no entanto, descrever é preciso considerar o contexto desses signos. Cada contexto impõe suas regras e suas convenções, supõe expectativas entre os indivíduos. Os sistemas entrelaçados de signos explicam o caráter plural e instável de todas as culturas e os comportamentos. Segundo Clifford Geertz (1978, p. 103):

> Todavia, como no estudo da cultura a análise penetra no próprio corpo do objeto – isto é, começamos com as nossas próprias interpretações do que pretendem nossos informantes, ou o que achamos que eles pretendem, e depois passamos a sistematizá-los, a linha entre cultura como um fato natural e cultura como entidade teórica tende a ser obscurecida.

Se a análise cultural de fenômeno religioso conserva toda a sua pertinência e se revela sempre apta a dar conta das lógicas simbólicas em jogo no mundo contemporâneo, creio que o uso social desse conceito de cultura faça isso. Conforme Clifford Geertz (op. cit., p. 27):

> A cultura é tratada de modo mais efetivo, prossegue o argumento, puramente como sistema simbólico, pelo isolamento dos seus elementos, especificando as relações internas entre esses elementos e passando então a caracterizar todo o sistema de uma forma geral – de acordo com os símbolos básicos em torno dos quais ela é organizada, as estruturas subordinadas das quais é uma expressão superficial, ou os princípios ideológicos nos quais ela se baseia.

Isso quer dizer que para entenderemos os significados que o indivíduo nos passa é preciso primeiro entender a sua cultura. Para entendermos a cultura desse "outro" é preciso isolar os símbolos que a definem, isolar os elementos que compõem esses símbolos e explicitar as relações internas entre esses elementos e caracterizar toda a cultura de uma forma geral. Isso só poderá ocorrer se identificarmos os símbolos básicos em torno dos quais a cultura se organiza, os princípios ideológicos nos quais ela se baseia ou as estruturas subordinadas.

Ainda seguindo Geertz (1978, p. 103):

> [...] o conceito de cultura [...] denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Isso quer dizer que a análise da cultura se passa pelos símbolos que a representam. Os símbolos nos servem para entender e penetrar no mundo dos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses símbolos servem de comunicação entre eles e o outro de fora da comunidade. Assim, os símbolos nessa análise passam a ter uma importância fundamental na interpretação dos padrões de significados transmitidos historicamente aos sujeitos. A cultura passa a ser o caminho percorrido até o verdadeiro significado das interpretações das ações desses sujeitos.

Outro conceito adotado nessa pesquisa foi o de religião, de Clifford Geertz (1978, p. 104-105). Ele em "A religião como sistema cultural" diz que a religião é:

> Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. Um sistema de símbolos que atua para...

Isso quer dizer que a religião como sistema de símbolos retira da cultura os seus significados existenciais gerais, assim formando motivações e disposições reais que justificam as ações dos sujeitos. A religião como sistema de símbolos provenientes da cultura pode em muitas vezes ser modificada pelo contexto em que ela é empregada. Ou melhor, a religião é transformada pelos símbolos, que por sua vez são transformados pela cultura, que por sua vez é transformada pelo contexto, que altera o mundo dos sujeitos.

Antes de tentarmos compreender a interpretação do outro a respeito dele mesmo e o que nós queremos com essa interpretação é necessário distinguir os conceitos de "experiência próxima" e "experiência-distante". Para Clifford Geertz (1997, p. 87):

> Um conceito de “experiência próxima” é, mais ou menos, aquele que alguém – um paciente, um sujeito, em nosso caso informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes vêem, sentem, pensam, imaginam etc. e que ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira. Um conceito de “experiência-distante” é aquele que especialistas de qualquer tipo – um analista, um pesquisador, um etnólogo, ou até um padre ou um ideologista – utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos.

Na verdade é o que o “outro” conhece de perto, o que ele pensa que seus semelhantes veem, sentem, pensam ou imaginam junto com as próprias percepções sensoriais dele mesmo; e o que “aquele” conhece de longe, o que ele quer pensar que os “outros” veem, sentem, pensam ou imaginam junto com as suas percepções sensoriais do que os “outros” representam. A tradução do saber local é uma tarefa muito difícil, se considerarmos que aquele que tenta fazer isso não está familiarizado com a presença, com a ação, com a linguagem, com os símbolos e com os significados dados pelo outro.

De acordo com o cientista social Clifford Geertz (1997, p. 88):

> Para captar conceitos que, para outras pessoas, são de experiência-próxima, e fazê-lo de uma forma tão eficaz que nos permita estabelecer uma conexão esclarecedora com os conceitos de experiência-distante criados por teóricos para captar os elementos mais gerais da vida social, é, sem dúvida, uma tarefa tão delicada, embora um pouco menos misteriosa, que colocar-se “embaixo da pele do outro”. O truque é não se deixar envolver por nenhum tipo de empatia espiritual inteira com seus informantes. Como qualquer um de nós, eles também preferem considerar suas almas como suas, e, de qualquer maneira, não vão estar muito interessados neste tipo de exercício. O que é importante é descobrir que diabos eles acham que estão fazendo.

É possível deduzir que, para fazer uma ligação entre os conceitos do senso comum e os conceitos científicos, é preciso captar desse primeiro tudo aquilo que o informante colocou como sentimento, isso ocorre porque ele se relaciona com o eu-pesquisador como se eu fosse parte da vida e do contexto dele, assim o seu discurso é cheio de paixões, ódio, farsas e intenções. O mais importante nessa operação de captura é descobrir o que eles acham que estão fazendo. Eu só descubro quando identifico os significados que são muitas vezes subjetivos, ou sentimentais.

Ainda transcrevendo Clifford Geertz (1997, p. 89):

> Em um certo sentido, ninguém sabe isto tão bem quanto eles próprios; daí o desejo de nadar na corrente de suas experiências, e a ilusão posterior de que, de alguma forma, o fizemos. Em outro sentido, no entanto, este truísmo simples é simplesmente falso. As pessoas usam conceitos de experiência-próxima espontaneamente, naturalmente, por assim dizer, coloquialmente; não reconhecem, a não ser de forma passageira e ocasional, que o que disseram envolve conceitos. Isto é exatamente o que experiência-próxima

> significa – as idéias e as realidades que elas representam estão natural e indissoluvelmente unidas.

Isso quer dizer que o “outro” sabe como ninguém os seus próprios significados, daí a necessidade de captarmos os sentimentos e a ilusão de que realmente o fizemos. No entanto, esses significados usados de forma natural nem sempre são reconhecidos e o fazem com consciência. Assim, o significado de uma ação muitas vezes está tão naturalizado que é impossível o outro reconhecer a separação entre a ideia e o fato.

Acompanhando Geertz (1997, p. 106-107):

> É possível relatar subjetividades alheias sem recorrer a pretensas capacidades extraordinárias para obliterar o próprio ego e para entender os sentimentos de outros seres humanos. Possuir e desenvolver capacidades normais para estas atividades é, obviamente, essencial, se temos esperança de conseguir que as pessoas tolerem nossa intrusão em suas vidas ou de que nos aceitem como seres com quem vale a pena conversar.

Significa, então, que para descrever os significados que os sujeitos empregam a determinadas ações sociais não é preciso nenhuma capacidade anormal ou extraordinária de entendimento dos sentidos dos outros, até porque devemos ter uma capacidade normal para que os sujeitos nos aceitem como tal e a partir daí conversem conosco a respeito dos sentidos dessas ações. É importante pensarmos com normalidade na presença dos nossos informantes, pois assim é possível que eles tolerem a nossa presença.

Para Clifford Geertz (1997, p. 107):

> A compreensão depende de uma habilidade para analisar seus modos de expressão, aquilo que chamo de sistemas simbólicos, e o sermos aceitos contribui para o desenvolvimento desta habilidade. Entender a forma e a força da vida interior de nativos – para usar, uma vez mais, esta palavra perigosa – parece-se mais com compreender o sentido de um provérbio, captar uma alusão, entender uma piada – ou, como sugeri acima – interpretar um poema, do que com conseguir uma comunhão de espíritos.

O primeiro passo para entendermos os significados dos símbolos é sermos aceitos pelo “outro” e logo em seguida analisarmos os elementos que compõem o sistema de símbolos. Dessa forma, compreender o sentido e a forma de representação do “outro” é interpretar o que o significado representa para ele. Ou seja, é interpretar o já interpretado.

Conforme Geertz (2001, p. 26):

> O estudo das culturas de outros ,povos (e também da nossa, mas isso levanta outras questões) implica descrever quem eles pensam que são, o que pensam que estão fazendo, e com que finalidade pensam que o estão fazendo. [...] Para descobrir quem as pessoas pensam que são, o que pensam que estão fazendo e com que finalidade pensam que o estão fazendo, é necessário adquirir uma familiaridade operacional com os conjuntos de significado em

> meio aos quais elas levam suas vidas. Isso não requer sentir como os outros ou pensar como eles, o que é simplesmente impossível. Nem virar nativo, o que é uma idéia impraticável e inevitavelmente falsa. Requer aprender como viver com eles, sendo de outro lugar e tendo um mundo próprio diferente.

Significa dizer que estudar a cultura do "outro" é descrever não só o contexto dos sistemas simbólicos, mas apresentar quem o "outro" pensa que é, o que pensa que está praticando e com que finalidade pensa que está fazendo. Ou seja, é descrever o pensar, o agir e o sentir do "outro". Para descobrir e compreender tudo isso é preciso sistematizar e operar os conjuntos de significados, o que requer aprender viver com eles sendo de outro lugar e cultura diferente.

Considero assim como Geertz (2001, p. 124-125), ideia de que o:

> "Local" é, claramente, um termo "relativo". [...] Portanto, a oposição, se é que devemos ter alguma, não é entre o saber "local" e o "universal", mas entre um tipo de saber local (digamos a neurologia) e outro (digamos, a etnografia). Assim como toda política, qualquer que seja seu peso, é local, o mesmo se dá com toda compreensão, por mais ambiciosa que seja. Ninguém sabe tudo, porque não há um tudo para se saber. A incapacidade de enxergar essa verdade cristalina, por parte de pessoas que, afora isso, afiguram-se racionais, resulta parcialmente de uma confusão endêmica nas ciências (ou nos cientistas) sociais (ou humanos) entre: (a) os *universais* ("todo o mundo tem o tabu do incesto", para citar um exemplo falso, ou, pelo menos, sumamente enganoso); (b) as *generalizações*, que podem ser probabilísticas, ter exceções ou contradições sem nenhuma fatalidade,ou ser apenas aproximações *ceteris paribus*, "via de regra", que têm uma utilidade instrumental; e (c) as *leis*.

O quer dizer que a compreensão tende a ser subjetiva porque interpretamos subjetividades, o que não quer dizer que não tenha validade científica ou que o estudo não seja científico. O que tentamos compreender nesse estudo são os significados dados por determinados sujeitos a uma ação simbólica local contextualizada historicamente em um tempo e espaço. Clifford Geertz (2001, p. 127) em seu ensaio "A situação atual" aponta virtudes de uma orientação do tipo "saber local", ao qual a primeira seria:

> [...] o reconhecimento direto e franco dos limites – um dado observador, num certo momento e num dado lugar – é uma das coisas que mais recomendam todo esse estilo de realizar pesquisas. O reconhecimento do fato de que todos somos "observadores posicionados (ou situados)" é uma das facetas mais atraentes e que mais conferem poder. A renúncia à autoridade proveniente das "visões que partem de lugar nenhum" ("Vi a realidade e ela é real") não constitui uma perda, mas um ganho; e não é um recuo, mas um avanço [...]. Talvez isso não seja excitante, mas tem uma certa franqueza (coisa escassa nas ciências humanas).

Isso significa afirmar que as interpretações feitas a partir das interpretações dos "outros" sobre eles são aqui delimitadas no espaço e no tempo. Nada mais é do que ver através de um lugar e de um tempo. Para alguns esse limite se consegue a partir do recorte do objeto. Para outros se consegue a partir da aceitação de ser um observador situado. A interpretação para quando não se tem mais o que dizer. Após um tempo, não há muito mais a ser dito, quer dizer, nada muito mais interessante aparece, porque tudo o que sabemos de importante ou interessante já foi dito, ao menos naquela linha em particular.

Para Clifford Geertz (2001, p. 128) há uma segunda virtude de uma orientação do tipo "saber local", seriam os dados circunstanciados:

> Ao menos podemos dizer alguma coisa (não que sempre façamos, é claro) com certa concretude. [...] É claro, podemos estar errados, e muitas vezes estamos. Mas "apenas" ou "meramente" tentar compreender algum aspecto da vida dos povos num pedaço de sua linguagem no mundo não é uma ninharia, ainda que pareça menos impressionante do que as explicações, as teorias ou seja lá o que for que tenha como objeto a "História", a "Sociedade", o "Homem", a "Mulher", ou alguma outra entidade grandiosa e fugidia em letras maiúsculas.

Significa dizer que esse limite aplicado tanto no observador quanto no objeto, permite compreender uma pequena parte do mundo do "outro". E isso não é pouco. Pois, conhecer o pouco, mas conhecer bem, é um avanço, é uma melhoria no fazer pesquisa social. Um estudo microssocial pode em muitos aspectos apresentar vantagens tanto para o pesquisador como para o objeto construído e para a própria ciência, que está saturada de teorias e estudos megalomaníacos.

Seguindo Clifford Geertz (2001, p. 128) uma terceira virtude de uma orientação do tipo "saber local", seria a comparação.

> Naturalmente, a comparação é possível e necessária, e é o que eu e outros de iguais convicções passamos a maior parte do tempo fazendo: vendo coisas particulares contra o pano de fundo de outras coisas particulares, com isso aprofundando a particularidade de ambas. Por se haverem discernido, ao que se espera, algumas diferenças reais, tem-se alguma coisa genuína para comparar. As similaridades encontradas, sejam quais forem, e mesmo que assumam a forma de contrastes ou incomparabilidades, são também genuínas, e não categorias abstratas, superpostas a dados "passivos", entregues à mente por "Deus", pela "realidade" ou pela "natureza. A teoria, que também é possível e necessária, brota de circunstâncias particulares e, por mais abstratas que seja, é validada por sua capacidade de ordená-las em sua plena particularidade, e não por descartar essa particularidade.

Por fim, significa falar que a comparação é uma operação metodológica fundamental para tirarmos conclusões de coisas particulares. A comparação nos mostra as particularidades

e as semelhanças entre os nossos objetos de estudos e isso nos facilita a avançar o pensamento social e a compreendermos melhor a realidade. Nesses contextos, muitas vezes particulares, a teoria se torna também particular, junto com as suas hipóteses e conclusões sobre os significados das coisas.

As categorias mais importantes dentro desse estudo foram divididas em analíticas e empíricas. Como categorias analíticas, utilizei: invenção da tradição e identidade; já como categorias empíricas, utilizei: festa religiosa, rito de purificação e símbolos sagrados.

Segundo Laurence Bardin (1977, p. 117), "as categorias são rubricas ou classes as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns desses elementos." Entendemos por "invenção da tradição" o mesmo proposto por Eric Hobsbawm (2006, p. 9):

> O termo "tradição inventada" é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as "tradições" realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisas de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. [...] Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente regulares por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas; de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Assim, "tradição inventada" seria um conjunto de práticas inventadas, construídas e criadas de cunho ritual ou simbólico, com objetivo de inculcar valores e normas de comportamento por repetição se relacionando com o passado, quando este o permite.

Para Hobsbawn (2006, p. 10):

> A "tradição" neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do "costume", vigente nas sociedades ditas "tradicionais". O objetivo e a característica das "tradições", inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O "costume", nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história.

Nesse sentido, a "tradição inventada" quando relacionada com a história tem como objetivo permanecer com determinadas práticas já formalizadas ou perpetuar as práticas por elas criadas, ou melhor, garantir a não alteração do comportamento coletivo com base na cultura. A repetição da "tradição inventada" faz inculcar os padrões de significados herdados

ou construídos através das ações simbólicas. Já o costume tem um objetivo diferente, ele é o responsável pelas mudanças e pelas direções que elas tomam e não impede as novidades. O que não quer dizer que essas novidades sejam desreguladas ou não sofram qualquer tipo de impedimento por parte de outros costumes já estabelecidos.

Transcrevendo Eric Hobsbawn (2006, p. 12-13):

> Consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. [...] espera-se que ela ocorra com mais freqüência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para as quais as "velhas" tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com os seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte de capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta.

Desta forma, a "invenção da tradição" é uma ação de formalizar e ritualizar determinadas práticas inadequadas a uma nova realidade. Isso ocorre quando se destroem os padrões sociais para os quais as velhas tradições justificavam e legitimavam essas práticas. Assim, produzem-se novos padrões que se ajustem as velhas tradições. Inventam-se tradições quando ocorrem mudanças amplas e rápidas que impedem a capacidade de adaptação e flexibilidade dos agentes e divulgadores institucionais.

De acordo com Hobsbawn (2006, p. 13):

> Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e práticas rituais podem sentir necessidade de fazer tal adaptação.

Isso quer dizer que quando se inventa uma tradição ela não é inventada do nada, ela parte de um referencial que muitas vezes é da história. A adaptação é necessária quando não há mais condições de os velhos costumes sobreviverem em novas condições sócio-culturais ou mesmo de usar velhas tradições para novos significados. A necessidade de adaptação pode ocorrer em instituições, nas linguagens, nas práticas rituais e simbólicas e nas origens dessas práticas.

Para Eric Hobsbawn (op. cit., p. 14):

> Mais interessante, do nosso ponto de vista, é a utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastante originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. Às vezes, as novas

> tradições podiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais [...].

O que quer dizer que uma velha tradição pode originar outra tradição para fins diferentes da primeira. Muitas vezes os elementos que são utilizados para a elaboração dessa nova tradição vêm dos elementos que compõem os símbolos sagrados, que compõem a cultura. A grande fonte é o passado, a história. Outras vezes uma nova tradição pode ser unida com outra velha e gerar uma outra nova tradição. Ou, ainda, uma ou duas tradições novas podem gerar outra tradição. Conforme Eric Hobsbawn (2006, p. 16): “ainda assim, pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados”.

Por fim, Hobsbawn (op. cit., p. 17) discorreu sobre a classificação das tradições inventadas:

> Elas parecem classificar-se em três categorias superpostas: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

Desta forma, não propomos uma classificação rígida da tradição inventada dentro do processo de formação da Lavagem da Conceição, pois considero que essas categorias podem condicionar uma à outra. O que quer dizer que a Lavagem da Conceição como uma tradição inventada, pode ter propósito de legitimar a coesão social e as relações de autoridade, bem como a socialização, inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. O que a meu ver é um estágio intermediário do processo de formalização e ritualização dessa prática social.

Outra categoria importante aqui é a de identidade. Na obra **Identidade** de Zygmunt Bauman, encontramos longa discussão sobre possíveis “identidades”, sentimentos de pertencimento a determinadas comunidades, círculos culturais, nação. O autor trabalha a ideia de que o pertencimento ou a identidade, nesses casos, não são definitivos nem tão sólidos assim, mas negociáveis e revogáveis; tudo depende das decisões que o indivíduo toma, do caminho que percorre e da maneira como age. Dentro desse círculo de pertencimento, poucos de nós, ou quase ninguém, estão expostos a apenas uma comunidade de ideias e princípios. “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e

lançadas pelas pessoas em nossa volta e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas". (BAUMAN, 2005, p. 19)

Nos termos do próprio Bauman (2005, p. 32):

> É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento — lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo.

Para Bauman (2000, p. 37-38),

> "o caráter liquefeito da contemporaneidade, sua fluidez e volatilidade, constitui o traço mais explícito da singularidade de nossa modernidade. Isso, entretanto, é apenas a conseqüência de dois fatores que cruzados "liquefazem" e, por vezes, liquidam seus próprios processos e atores sociais: a) o abandono de uma ilusão moderna estabelecida: "[a] crença de que há um fim do caminho em que andamos, um *telos* alcançável da mudança histórica, um Estado (*sic*) de perfeição a ser atingido amanhã" e b) "a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes".

Na modernidade líquida a identidade não é uma mera "construção social"; ter uma ou muitas identidades é uma tarefa ou, mais precisamente, uma tarefa política. As categorias empíricas - festa, rito e símbolo sagrado - a seguir, são assim conceituadas. Utilizamos a definição de festa proposta por Canclini. Para ele (1983, p. 54), "a festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudança." Ele caracteriza as festas populares como extensão e reprodução das relações de desigualdade existentes no seio da sociedade capitalista.

> A festa continua a tal ponto, a existência cotidiana que reproduz no seu desenvolvimento as contradições da sociedade. Ela não pode ser o lugar da subversão e da livre expressão igualitária, ou só consegue sê-lo de maneira fragmentada, porque não é apenas um movimento de unificação coletiva: as diferenças sociais e econômicas nelas se repetem... (CANCLINI, 1983, p. 55)

A definição de festa sugerida por Canclini adequa-se com propriedade à realidade percebida durante o período da Festa a Oxum, em virtude de não serem perceptíveis ares de integração ou relações harmoniosas entre os diferentes indivíduos do povo de santo, mas sim revela as disparidades econômicas e reafirma as diferenças sociais.

Empregamos o significado de rito proposto por Clifford Geertz (1978), em seu ensaio "A religião como sistema cultural", escreve ele "o homem depende dos símbolos e dos sistemas simbólicos em tão grande medida que isso é decisivo até para a sua sobrevivência."

A dimensão simbólica orientadora do mundo é atuante no seio do ritual. No rito – segundo Geertz (1978) – “através de um conjunto de formas simbólicas, fundem-se os dois mundos, o vivido e o imaginado, de modo tal que se transformam num único e, conseqüentemente, cria-se aquela mudança peculiar do próprio senso da realidade...”.

Para Geertz (op. cit., p. 59), o rito teria o significado global: 1) de uma necessidade total de sentido; 2) tal sentido inelutável é constituído ou mediado por símbolos que fazem parte do mundo religioso; 3) a dimensão simbólica é expressa com a fusão do real e do imaginário; 4) a dimensão se apresenta como uma rede de significados definitivos das concepções religiosas; 5) o resultado que se obtém tem a ver com uma transformação do homem religioso, o qual na medida em que se transforma muda o mundo do cotidiano passando a ser visto como uma forma parcial e completa. Assim, o rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá o sentido do que é importante e do que é secundário.

Usamos a definição de símbolo sagrado também proposta por Clifford Geertz, para ele (op. cit, p. 103-104), “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, sua idéias mais abrangentes sobre ordem.” Assim, os símbolos religiosos formulam uma coerência entre um estilo de vida particular e uma metafísica especifica.

Nessa pesquisa o termo - povo de santo - é utilizado para designar os adeptos do candomblé e da umbanda. Como a Lavagem da Conceição é organizada e realizada pelos adeptos do candomblé e da umbanda, essas religiões para fins metodológicos vão ser consideradas como um único complexo cultural. O candomblé como instituição social é uma estrutura altamente dinâmica e complexa, que revela papéis sociais de coesão e solidariedade surgidas de altos níveis de interação, experiências de vida semelhantes, fontes externas de ameaça, além de papéis formais da divisão de trabalho (tarefas masculinas e femininas na preparação dos rituais), hierarquias de autoridade religiosa (sacerdotisa-chefe, sacerdote-chefe, pai-sacrificador de animais, sacrificador de animais, tocador de atabaque, cantador) e controle de emoções.

Adotamos aqui a definição de candomblé proposta por Vivaldo Costa Lima (2003, p. 17):

> "O termo candomblé, abonado pelos modernos dicionários da língua e na vasta literatura etnográfica, é de uso corrente na área lingüística da Bahia para designar os grupos religiosos caracterizados por um sistema de crenças em divindades chamadas ***santos*** ou ***orixás*** e associados ao fenômeno da possessão ou do transe místico [...] O significado do termo, entretanto, deixando à parte sua discutida etimologia, estende-se ao ***corpus*** ideológico

> do grupo, seus mitos, rituais e ética, ao próprio local onde as cerimônias religiosas destes grupos são praticadas, quando então candomblé é sinônimo de terreiro, casa de santo, de roça".

Nesse sentido, o Candomblé é um sistema simbólico que orienta os comportamentos, interações e modos de organização social de seu grupo. O candomblé é uma instituição complexa, que polariza não apenas a vida religiosa, mas também a vida social, a ética, a moral, as tradições orais geridas pela família afro-brasileira.

Utilizamos a definição de Umbanda proposta por José Magnani. Para Magnani (1991, p.29), “a umbanda seria o resultado de um duplo movimento. O primeiro que se apropria de elementos já existentes no seio de cultos, ritos e valores populares que constituíam a macumba, o baixo-espiritismo, e o candomblé. O segundo no qual submete estas diversas práticas mágico-religiosas a um processo de depuração, reinterpretando-os dentro da lógica kardecista”. Seria, ainda, uma religião mediúnica formada a partir de elementos doutrinários e rituais de cultos africanos, indígenas, espiritismo kardecista, catolicismo e baseada na incorporação nos iniciados de entidades espirituais (caboclos, pretos-velhos, etc.) agrupada em linhas e falanges.

Assim, o ponto central das religiões afros desenvolvidas no Brasil são as festas para *os Orixás e Voduns*, que envolvem possessões de divindades e sacrifícios de animais. Reafricanização ou não, as religiões afro-brasileiras ainda carregam os efeitos de sua interação com outras tradições religiosas, especialmente do Catolicismo. *Os Voduns e Orixás* foram justapostos com os santos católicos e o interior dos *terreiros* possui numerosos elementos católicos como estátuas de santos. Portanto, não haverá apenas uma aproximação entre orixás e santos, mas também a participação de membros do candomblé na vida da igreja católica.

A conclusão inicial é de que a pesquisa enquanto atividade intelectual sofre as limitações e contradições do seu referencial teórico. A tentativa de traduzir o saber local é um esforço que, sem a ajuda de uma teoria seria quase impossível. Na realidade a construção teórica é uma reflexão de idas e vindas, que serve para dar organização lógica a aspectos selecionados da realidade empírica, já que a essência de uma teoria consiste em explicar uma quantidade extensa de fenômenos através de um esquema conceitual abrangente e sintético.

1.2. Natureza da etnografia

Feita a apresentação e a definição dos conceitos e categorias fundamentais na operacionalização da pesquisa, e o esclarecimento da corrente teórica adotada. Passemos para a metodologia da pesquisa. Assim, os objetivos agora são: apontar o método de investigação, descrever a análise dos dados e as experiências do trabalho de campo.

O método dessa pesquisa foi o etnográfico. Para Clifford Geertz (1978, p. 31) a etnografia é uma descrição densa. Segundo esse autor:

> [...] há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o "dito" num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. [...] há ainda uma quarta característica de tal descrição, ela é microscópica. (grifo nosso)

Dessa forma, através dos documentos levantados e das entrevistas transcritas, buscamos interpretar os discursos sociais, registrando-os no corpo deste trabalho. Conforme pensa Clifford Geertz (1978, p. 29): "o etnógrafo "inscreve" o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente".

Logo, o etnógrafo traça a curva de um discurso social, e fixa-o numa forma inspecionável. Não é o discurso social bruto do qual não somos atores, e nem temos acesso direto a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas àquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender. O etnógrafo observa, registra, analisa e escreve.

Para Clifford Geertz (op. cit., p. 20):

> O que o etnógrafo enfrenta é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplicáveis, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro compreender e depois apresentar.

A realização da pesquisa etnográfica em si foi divida em três momentos: o primeiro denominado de exploração ocorreu um ano antes da formulação do projeto de pesquisa. Esse consistiu em selecionar e definir os problemas, a escolha dos locais onde seria feito o estudo e o estabelecimento de contatos para a entrada no campo. Nessa fase, foram realizadas as primeiras observações com a finalidade de adquirir maior conhecimento sobre o fenômeno e

possibilitar o recorte do objeto dos aspectos a serem investigados sobre ele. Essas primeiras indagações orientaram o processo da coleta de informações e permitiram a formulação de uma série de pressupostos que possivelmente seriam modificadas à medida que novos dados fossem sendo coletados.

O segundo momento foi denominado de decisão. Esse consistiu numa busca mais sistemática daqueles dados que eu selecionei como mais importantes para compreender e interpretar a Lavagem da Conceição. Assim, os tipos de dados relevantes foram o estilo e o conteúdo da interação verbal dos participantes; forma e conteúdo da interação verbal com o pesquisador; comportamento não-verbal; padrões de ação e não-ação; traços, registros de arquivos e documentos. Durante a investigação mais especificamente durante as observações foram feitas filmagens, gravações e tiragens fotográficas.

O terceiro foi denominado de descoberta. Ele consistiu na explicação da realidade; isto é, na tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo. O que houve nesse momento foi uma interação contínua entre os dados reais e as suas possíveis explicações teóricas, permitindo estruturação de um quadro teórico, dentro do qual o fenômeno pode ser interpretado e compreendido. O trabalho mais complicado e a meu ver duradouro foi a busca das partes da cultura estudada (ou dos sistemas de símbolos), a relação entre essas partes e a relação das partes com o todo.

Com a abordagem etnográfica pensamos o problema em campo e evitamos definições rígidas e apriorísticas de pressuposto, pois, ao mergulharmos na situação, o problema inicial da pesquisa foi revisto e aprimorado. Além disso, realizamos a maior parte do trabalho de campo pessoalmente, já que a experiência direta com a situação em estudo permitiu-nos um contato íntimo e pessoal com a realidade e com as pessoas estudadas.

Para o professor Clifford Geertz (1978, p. 19):

> [...] o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem – está obscurecido, pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma idéia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente.

Assim, a criação dos dados são construções analíticas e sistematizadas, a partir das informações de outras pessoas ou de algo. Tentamos deixar evidente o que os “outros” deixam obscurecidos, pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular ou o que quer que seja está insinuado como informação secundária antes de a coisa em si mesma ser examinada diretamente. Ou seja, damos prioridade a uma informação até

então desimportante para os outros e é partir disso que construímos nossos dados (quantitativos ou qualitativos) da realidade.

O trabalho de campo, também, permitiu-nos uma longa imersão na realidade para entender as regras, costumes e convenções que governam a vida do grupo estudado. Em suma, a abordagem etnográfica combinou vários métodos de coleta, sendo que os principais foram: a) observação direta, b) levantamento de documentos, c) realização de entrevistas. Nessa etnografia transcrevemos documentos e entrevistas, analisamos os dados e mantivemos um caderno de notas.

A Lavagem da Conceição em Aracaju por ser um evento anual deu-nos a oportunidade de observá-la em três momentos. Na primeira e na terceira observações foram produzidas centenas de fotografias e gravações. Na segunda observação além de fotografias e gravações houve filmagem, coleta de material e confecção de um relatório. As observações me proporcionaram resgatar e manter os valores de representação dos sujeitos investigados.

Depois das observações foi preciso pelo próprio desenvolvimento da pesquisa ter informantes[2]. Em toda a pesquisa me baseei em dois informantes. Através deles surgiram os nomes dos possíveis entrevistados, locais para pesquisas, indicações de leituras, indicações de perguntas a serem feitas aos entrevistados, adquirimos conhecimento sobre o assunto e documentos textuais e iconográficos valiosos. Em quase três anos de pesquisas muitos foram os informantes informais dos quais não desconsiderei em qualquer momento as informações, dicas, sugestões ou conselhos dados por eles sobre o trabalho. Nesse tempo todo, inúmeros foram os encontros que tive com esses dois informantes.

Durante os dois primeiros anos fizemos um levantamento sobre a documentação existente sobre a Lavagem da Conceição em Aracaju. Muitos foram os locais visitados para obter informações sobre o objeto. Assim, começamos a investigação no Arquivo Público Municipal de Aracaju - APMA, nele fomos à busca de jornais de 1982 a 2007. A documentação encontrada no APMA foi basicamente jornais de circulação local que localizados no mês de dezembro possuíam matérias a respeito da Lavagem da Conceição e da Festa a Oxum na Orla de Atalaia, realizada tradicionalmente em Aracaju. Terminada a pesquisa no APMA, fomos para o Arquivo Público do Estado de Sergipe - APES onde completamos a investigação de jornais e documentos relativos aos anos que não havia encontrado no APMA; encontramos também algumas plantas cartográficas do período estudado relacionadas ao Parque Teófilo Dantas. Pela necessidade da investigação e pela falta

[2] A identidade dos dois principais informantes desta pesquisa foi por mim preservada por motivo de ordem social.

de jornais de 2007 e 2008 tive que ir para o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe - IHGS, onde completamos o levantamento dos jornais. Os jornais encontrados que contiveram alguma relação com a Lavagem foram: **Gazeta de Sergipe, Jornal da Cidade, Tribuna de Aracaju, Jornal da Manhã, Jornal Correio de Sergipe, Jornal de Sergipe, Cinform e Jornal do Dia.** Utilizamos as informações contidas nos jornais para contar a história do surgimento da Lavagem da Conceição, entender o contexto religioso de Aracaju e conhecer melhor a evolução dos eventos promovidos pelas religiões afro-brasileiras durante os 25 anos da Lavagem.

Pesquisamos também em quatro arquivos particulares. O primeiro foi o Arquivo do Centro Prol Festividades Lavagem da Conceição – ACPFLC onde encontramos muitas fotografias antigas da Lavagem. O ACPFLC é organizado e mantido pela ialorixá Maria Angélica Oliveira. O outro foi o Arquivo do Instituto Nacional da Tradição e Cultura Afro-Brasileira de Sergipe - INTECAB/SE onde encontramos além de um bom acervo iconográfico da Lavagem documentos das primeiras reuniões. O INTECAB/SE é organizado e mantido pela ialorixá Lindinalva Bastos. Por fim, fomos para os Arquivos da Cúria Metropolitana e da Catedral Metropolitana de Aracaju, acervos importantes do ponto de vista iconográfico e textual. Nesses dois arquivos pesquisamos em livros de tombo a origem da Festa da Conceição.

Além, desses arquivos fomos para o Instituto Dom Luciano Cabral Duarte - IDLCD onde pudemos conhecer o pensador, o homem e o religioso Dom Luciano, que teve um papel fundamental na história da Festa da Conceição e no começo da Lavagem da Conceição em Aracaju. Muitas foram às visitas ao centro comercial de Aracaju em busca de informações e informantes sobre os produtos utilizados na Lavagem da Conceição; compramos muitos CDs, imagens de santos, orixás etc. Frequentamos muitos terreiros e conversamos com muitas pessoas do povo de santo.

Nesse tempo de pesquisa nos arquivos nos distanciamos dos informantes. Como bem diz Clifford Geertz (2001, p. 70):

> A distância cria, se não encanto, pelo menos indiferença e, assim, integridade. [...] A profunda indiferença para com outras culturas era...uma garantia de que elas podiam existir à sua própria maneira e segundo os seus próprios termos. Agora, quando é claro que essa situação já não prevalece quando todos, cada vez mais apertados num pequeno planeta, estão profundamente interessados em todos os demais e nos assuntos que lhe dizem respeito, assoma a possibilidade de perda dessa integridade em função da perda dessa indiferença.

Cremos que tudo isso foi fundamental para ter clareza do objeto de pesquisa e de como o víamos, e os outros o enxergavam. A distância do objeto nos deixou livre para pensar sobre o que até então não enxergava. Esse exercício foi razoavelmente fácil, porque não fazia parte da comunidade e nem possuía relações estreitas com nenhum membro dela ou com o objeto de pesquisa.

Após as pesquisas nos arquivos ficamos concentrados nas entrevistas. No primeiro ano realizamos algumas entrevistas com os dois informantes. Essas entrevistas não foram gravadas, e nem utilizadas no trabalho. Elas serviram para aprofundamento nas religiões afro-brasileiras, estreitar os lanços com possíveis entrevistados e para conhecer o objeto. Ainda nesse ano reformulamos inúmeras vezes as perguntas. Reduzimos a quantidade de perguntas a serem realizadas, bem como modificamos os objetivos da pesquisa. No segundo ano realizamos três entrevistas, duas com os meus dois principais informantes e uma com uma pessoa do povo de santo a fim de testar e avaliar o roteiro da entrevista, os objetivos da pesquisa e as possíveis análises. Essas entrevistas também não foram gravadas e nem utilizadas na investigação. No fim do segundo ano, já mais consciente e maduro em relação ao objeto, reformulamos pela última vez as perguntas e fomos a campo decisivamente. A definição do método de pesquisa, dos objetivos dela e da escolha por entrevistas semi-estruturadas nos facilitou a análise dos dados. Assim, a padronização das perguntas contidas na entrevista nos proporcionou conhecer um universo coeso da população envolvida na festa.

"A entrevista foi confirmada como técnica, pois seria mais adequada para a revelação de informação sobre assuntos complexos, emocionalmente carregados ou para verificar os sentimentos subjacentes à determinada opinião apresentada". (SELTIZ et al, 1974, p. 271-272). As entrevistas do povo de santo foram realizadas nos terreiros e nas residências. E a entrevista com o pároco foi feita na Catedral. Tivemos dificuldades de horário, de tempo para transcrever horas e horas de entrevistas. Em nenhum momento fomos recebidos mal ou os entrevistados não mostraram espírito de colaboração com a investigação. Os critérios para selecionar os entrevistados foram: antiguidade na religião, antiguidade na participação na Lavagem da Conceição e maior cargo hierárquico dentro de cada religião. Realizamos doze entrevistas com o povo de santo e uma com o padre da Catedral de Aracaju. Todas as entrevistas foram gravadas, num total geraram 6 horas de gravações. Alguns depoimentos foram gravados em terreiros de mães-de-santo, outros na casa do próprio entrevistado, outros no ambiente de trabalho e por fim um na Catedral Metropolitana de Aracaju. Foram feitas cinco perguntas para todos os entrevistados. E outras cinco exclusivas para o padre.

Depois de feitas as entrevistas, tivemos muito trabalho para transcrever os documentos e os depoimentos. Os documentos transcritos foram aqueles ainda manuscritos encontrados nos Arquivos da Cúria Metropolitana e da Catedral Metropolitana de Aracaju. Transcrevemos todos os documentos e entrevistas em folhas pautadas com suas respectivas localizações arquivistas.

A análise do material coletado na pesquisa consistiu no processo de ordenação dos dados em padrões, categorias e unidades básicas descritivas, proposto por J. Spradley (1979). Assim, de acordo com autor dividimos o material em quatro níveis: **de domínios, taxonômica, componencial** e de **conteúdo**.

O primeiro nível de análise de domínios iniciou-se a partir das anotações gerais obtidas das observações e questionamentos na primeira visita de campo. Nesse nível tivemos que fazer uma redução dos dados, ou seja, o processo contínuo de seleção, simplificação, abstração e transformação dos dados originais provenientes das observações de campo. Na verdade a redução dos dados já se iniciou antes da coleta de dados propriamente dita. Um domínio representa uma categoria simbólica do significado cultural que inclui categorias menores. A estrutura do domínio é constituída de três elementos básicos: termos incluídos ou nomes para as categorias menores; termos cobertos ou nome para o domínio; relação semântica entre os termos que inclui o termo cultural. As relações semânticas operam pelo princípio geral de inclusão. A sua função é definir “termos incluídos” e situá-los dentro de um domínio cultural.

Assim, começamos a análise de domínios pela identificação das relações semânticas. Quando encontrei uma parte do domínio, esta foi usada para novas descobertas. Esses domínios foram identificados como domínios populares. A descrição é feita na linguagem das pessoas; domínios mistos. Utilizei parte das palavras dos informantes e um termo analítico que foi selecionado para completar o domínio; domínios analíticos: quando muitos dos significados culturais permaneceram tácitos e se inferiram sobre o que as pessoas fazem, dizem e os instrumentos que elas usam.

O segundo nível de análise, a taxonômica: os dados que vieram dos informantes foram organizados numa hierarquia. A taxonomia teve a finalidade de conduzir a análise em profundidade e demonstrar a organização interna de um domínio. Nesse nível a organização dos dados se deu de tal forma que eu conseguir tomar decisões e tirar conclusões a partir dos dados (textos narrativos, matrizes, gráficos, esquemas etc.).

O terceiro nível de análise, o componencial, representou uma busca sistematizada de atributos ou componentes do significado. A partir dessa análise foram elaboradas questões

para que os resultados fossem validados. Segundo Clifford Geertz (2001, p. 30-31) “a análise é, portanto escolher entre as estruturas de significação e determinar sua base social e sua importância”. A análise cultural é uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjecturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjecturas.

O quarto nível foi à análise de conteúdo. As conceituações que ligaram os domínios ofereceram uma visão holística da cultura em estudo e a referência de uma ideia em mais de um domínio sugeriu a possibilidade de se tratar de um tema cultural. Nesse nível adotamos como técnica de interpretação de dados a análise de conteúdo (A.C.) nos jornais e no material transcrito das entrevistas.

Segundo Bauer e Gaskell (2004, p. 190-191), “a análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Este método por sua vez faz uma ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa de materiais. E, ainda, ela é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada”. Nesse sentido, a análise de conteúdo possuiu dois componentes: um qualitativo e outro quantitativo. O componente qualitativo foi caracterizado pela inferência a ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.) e, a partir disso, descobrir os "núcleos de sentido" que compõem a comunicação. Já o componente quantitativo determinante foi a frequencia com que o índice se apresenta no discurso.

Para o desenvolvimento da análise de conteúdo, foi aplicada a técnica descrita por Laurence Bardin (1977), que consistiu na decomposição de textos em unidades e depois classificados por reagrupamento. Este prevê três etapas de execução: (1) análise prévia, que consiste na organização do material, operacionalização e sistematização, escolha dos documentos, formulação de hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores e leitura flutuante; (2) análise exploratória, que consiste em codificações e classificações, caracterizando-se por ser uma fase longa que exige a formação de uma equipe de trabalho, na qual seus membros atuam como juízes do trabalho de codificação e classificação temática; (3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação, que consiste na tabulação e aplicação de técnicas descritivas de análise.

Tal análise de conteúdo reduziu a complexidade de uma coleção de fontes textuais. É uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada. “A validade da análise de conteúdo deve ser julgada não contra uma leitura verdadeira do texto, mas em termos de sua fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria e o objetivo de pesquisa”. (BAUER e GASKELL, 2004).

A técnica de Análise de Conteúdo como uma construção social precisa de alguns critérios para uma boa avaliação da prática da mesma. O primeiro é a “validade”, isso se refere ao grau em que a codificação representa o texto, atinge os dados, os resultados e os procedimentos. O seguinte é a “fidedignidade”, esta consiste na concordância de intérpretes. O terceiro seria a “coerência”, que se refere ao referencial de codificação que muitas vezes é simples e coerente (classificações em módulos podem auxiliar: ator, autor, protagonista, acontecimentos, sequencias). Por fim, a “transparência” durante a documentação. Os codificadores devem produzir material que permita uma prestação pública de contas de como foi feito e que possa ser refeito por outrem.

Desta forma, a análise de conteúdo é um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a "discursos" extremamente diversificados. “Seu objetivo consiste na manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem”. (BARDIN, 1977). Como afirma Bauer e Gaskell (2004, p. 212), “a A.C. traz algumas vantagens como ser sistemática e pública, podendo lidar com grandes quantidades de dados. Ela também pode construir dados históricos, ela pode ser um caminho barato para estabelecer tendências sociais”. Dessa forma, o diálogo entre as técnicas é um recurso valioso.

Por fim, fiz a verificação da conclusão, ou seja, a identificação de padrões, possíveis explicações, configurações e fluxos de causa e efeito, seguida de verificação, retornando às anotações de campo e à literatura ou ainda replicando o achado em outro conjunto de dados. Para Clifford Geertz (2001, p. 154):

> Interpretar esse sinal, [as concepções religiosas como sinal de nossos tempos] desembrulhar seu sentido ou explicá-lo de algum outro modo, determinando por que ele é o que é e como foi que ficou assim, e o que nos diz sobre como andam as coisas entre nós na atualidade, é uma coisa completamente diferente, sem dúvida. Dada a longa e veneranda tradição das ciências sociais de buscar em toda a parte a explicação dos fenômenos religiosos, exceto nesses próprios fenômenos [...].

Ainda de acordo com Geertz (2001, p. 75):

> A percepção de que o sentido, sob a forma de sinais interpretáveis – sons, imagens, sentimentos, artefatos, gestos -, só passa a existir dentro dos jogos de linguagem, das comunidades discursivas, dos sistemas de referência inter-subjetivos e das maneiras de construir o mundo; de que ele surge no contexto de uma interação social concreta, em que uma coisa é uma coisa para um você e um eu, e não em alguma gruta secreta na cabeça; e de que ele é rigorosamente histórico, moldado no fluxo dos acontecimentos, essa percepção é interpretada como implicando que as comunidades humanas são ou devem ser mônadas semânticas, quase sem janelas.

Isso quer dizer que, o significado sob a forma de sinais interpretáveis – sons, imagens, sentimentos, artefatos, gestos -, só passa a existir dentro dos jogos de linguagem, das comunidades discursivas, dos sistemas de referência intersubjetivos e das maneiras de construir o mundo. Ou seja, as conclusões só têm validade dentro dos contextos em que os dados foram produzidos e captados. Além disso, ele é rigorosamente histórico, situado em um tempo moldado no fluxo dos acontecimentos, e num espaço interpretado com mudanças continuas.

O trabalho de captar os significados pela pesquisa é quase que um exercício injusto, pois, o pesquisador, a pesquisa e os pesquisados são situados (tempo/lugar) e "mutantes". De acordo com o professor Clifford Geertz (2001, p. 76):

> A história de qualquer povo em separado e a de todos os povos em conjunto, como também, a rigor, a história de cada pessoa tomada individualmente, tem sido a história dessa mudança de idéias, em geral devagar, às vezes mais depressa: ou, caso o tom idealista desta afirmação perturbe o leitor, tem sido a história da mudança dos sistemas de sinais, das formas simbólicas e das tradições culturais.

Clifford Geertz (2001, p. 80) destacou: "em nossa sociedade, o conhecedor por excelência das mentalidades alheias tem sido o etnógrafo, que dramatiza a estranheza, enaltece a diversidade e transpira largueza de visão." Nesse sentido, talvez se explique o sucesso dos trabalhos etnográficos em relação a outros tipos de trabalhos. Quando se escreve um trabalho cientifico em nossa sociedade, o conhecedor das mentalidades alheias tem ganhado vantagem em relação aos outros, porque escreve conhecendo a mente do leitor e dramatiza os sentimentos e os significados do "outro", enaltecendo a diversidade cultural e alargando a visão do até então conhecido.

Geertz (2001, p. 82) realçou:

> O trabalho da etnografia, ou pelo menos um deles, é realmente proporcionar, como a arte e a história, narrativas e enredos para redirecionar nossa atenção, mas não do tipo que nos torne aceitáveis a nós mesmos, representando os outros como reunidos em mundos a que não queremos nem podemos chegar, mas narrativas e enredos que nos tornem visíveis para nós mesmos, representando-nos e a todos os outros como jogados no meio de um mundo repleto de estranhezas irremovíveis, que não temos como evitar.

Por fim, confeccionamos um caderno de nota contendo anotações diversas. O caderno foi muito útil na sistematização do pensamento sobre a Lavagem e na organização do processo final da dissertação. Nele há relatos sobre o trabalho de campo, descrições precisas da situação estudada, anotações de bibliografia, de pressupostos, de objetivos, da maneira de como apreendemos a Lavagem da Conceição e pensamentos avulsos.

2 – O RITO E SEU CONTEXTO

2.1. A Lavagem da Conceição: na mira da identidade

Os objetivos do capítulo são: realizar um comparativo entre as duas Lavagens de escadarias mais antigas do Brasil e a Lavagem da Conceição em Aracaju – SE, definir o que seja uma Lavagem, narrar a história da Lavagem das Escadarias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Aracaju a partir da festa da padroeira tendo como base documentos históricos e o processo de consolidação nos primeiros anos dela, explicar os eventos da festa a Oxum organizada pela umbanda e candomblé em Aracaju, e apontar os diversos eventos religiosos realizados no dia 8 de dezembro em Aracaju.

As grandes festas religiosas que ocorrem no Brasil, vinculadas às religiões afro-brasileiras, recebem, hoje, uma atenção especial por parte de muitos cientistas sociais pelo seu significado religioso, social e artístico na sociedade brasileira. A Lavagem da Conceição em Aracaju pode ser mais bem entendida quando comparada com outras similares no Brasil, ao mesmo tempo em que é apresentada com a literatura clássica do assunto. Assim, o primeiro registro que se tem notícia sobre a Lavagem de Escadarias pelo povo de santo foi em Salvador com a Lavagem do Bonfim (1754), seguida pela Lavagem da Conceição de Itapuã (1871) ainda na capital baiana, a Lavagem do Bonfim em Recife- PE (1973), a Lavagem da Conceição em Aracaju- SE (1982), a Lavagem da Conceição em Campinas- SP (1985), a Lavagem do Bonfim em Laranjeiras- SE (1996), entre outras em todo o Brasil e fora dele[3].

O princípio dos estudos desse fenômeno começou com a análise da Lavagem do Bonfim em Salvador. Três foram as correntes do pensamento social brasileiro a respeito. A primeira defendeu que a sua origem estava na África, a Lavagem teria se originado no culto a Oxalá. Entre os pensadores dessa corrente: Manuel Querino. A segunda dizia que havia convergência de dezenas de festas tradicionais da Europa e da África. Entre os pensadores dessa corrente: Luiz da Câmara Cascudo. A terceira defendia que a cerimônia não era de origem africana, pois já existia em Portugal. Entre os pensadores dessa corrente: Roger Bastide e Ordep Serra. Vários estudiosos analisaram a Lavagem do Bonfim em seus diversos

[3] Em Sergipe se realiza também além das duas Lavagens já mencionadas a Lavagem de Riachuelo, de Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão, da Orlinha do Bairro Industrial. Fora do Brasil se realiza a Lavagem da Madalena, em Paris, França desde 2002.

aspectos: Manuel Querino (1988), Câmara Cascudo (1954), Roger Bastide (1973), Nina Rodrigues (2004), Pierre Verger (1981), Ordep Serra (2000), Érika Mendes, Luís Américo Bonfim (2007), Eufrazia Santos (2005) entre outros.

O culto ao Senhor do Bonfim teve origem em 1669, em Setúbal, Portugal. No Brasil a devoção surgiu a partir de 1745, conforme mostra o Jornal da Bahia:

> [...] a imagem do Senhor do Bonfim é considerada uma das mais belas e importantes obras sacras da Bahia. Foi trazida de Portugal para Salvador em 1745 pelo português Teodosio Rodrigues de Faria que, segundo informam, era um simples comerciante de Setubal, cidade de onde vem a devoção pelo Senhor do Bonfim. Na Bahia talvez seja ela a única imagem de Cristo que é totalmente pendente na cruz em três cravos. Trata-se de uma cópia de uma imagem que ainda existe na cidade de onde foi trazida. Segundo estatutos da Igreja, só pode deixar o altar em caso de calamidade pública – isto ocorreu em 1855, quando a população de Salvador foi assolada por uma peste ou por motivo de força maior. [4]

Teodosio Faria trouxe a imagem do Bonfim de Lisboa, como agradecimento por haver sobrevivido a uma tempestade em alto-mar, tendo prometido construir uma igreja no ponto mais alto que avistasse de onde pudesse acompanhar a entrada da Baía de Todos os Santos. Ainda em 1745, a imagem foi guardada na Igreja da Penha de França de Itapagipe onde permaneceu até a construção da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim- BA, em 1754. A imagem de Nossa Senhora da Guia, também trazida de Portugal por Theodosio de Faria, foi colocada na Igreja de Nosso Senhor do Bonfim e passou a ser venerada junto com o santo. Nesse mesmo ano, foi fundada uma irmandade de devotos leigos que foi denominada "*Devoção do Senhor do Bonfim*". Em 1804, foi instituída pelo papa Pio VII a novena ao Nosso Senhor do Bonfim.

O início da Lavagem foi deflagrado por iniciativa das senhoras dos administradores, familiares do bairro da igreja e negros africanos. O acesso à Igreja era difícil, a pé, por terra enfrentavam-se muitas dificuldades e por mar, em gôndolas, era o caminho mais fácil. Não se sabe ao certo quando começou a sair da Igreja da Conceição em direção a do Bonfim, mas as mulheres levavam água de toda a cidade, em potes, moringas ou vasilhas sobre as cabeças, dançavam durante todo o trajeto. A água é o símbolo principal dessa Lavagem, conforme o Jornal A Tarde:

> [...] no século XIX e início do século XX era apanhada em uma fonte existente na Baixa do Bonfim. Na noite que antecedia a lavagem, romeiros vindos de todas as partes do estado e do País acendiam fogueira nas ruas, cantavam e dançavam sob o estimulo [?] da cachaça e do vinho. Inúmeros

[4] Imagem do Bonfim nos festejos dos 150 anos. **Jornal da Bahia**, Salvador, 28 jun. 1973.

> litros de água-de-colônia eram derramados no interior do templo em que o chão ia sendo enxugado com panos brancos rendados. [5]

"A lavagem da igreja do Bonfim é, [...] um verdadeiro culto vivo, pois, para africanos, negros e mestiços [...] o Senhor do Bonfim é o próprio Obatalá." (RODRIGUES, 2004, p.207). O primeiro ato por parte da Igreja Católica que impediu o povo de lavar o interior da Igreja do Bonfim ocorreu em 1889 e durou 10 anos, a mando do arcebispo baiano na época Dom Luís Antonio dos Santos. Até o fim dos anos 1950, a tradição tinha uma característica popular e a igreja era efetivamente lavada pelos participantes. Como mostra o Jornal A Tarde:

> [...] a tradicional Lavagem é uma mistura de catolicismo e fetichismo, decorrente de participação popular desde o tempo da escravidão, quando os senhores obrigavam os escravos esfregarem o chão das igrejas para "limpar a sujeira" deixada pelos negros após a realização de seus cultos, que tinham os mesmos santos consagrados, mas com outros nomes. Desde aquele tempo, a romaria partia da Igreja da Conceição da Praia até a Igreja do Bonfim. [6]

A partir da década de 60, quando a Bahia se transformou em polo turístico e a Lavagem começou a reunir multidões, por razões religiosas e sociais, ela passou a acontecer apenas do lado de fora da igreja nas escadarias. Em todas as proibições católicas a força policial se fez presente e atuante. Em 1970, segundo o Jornal da Bahia, a Lavagem do Bonfim:

> [...] tem o sentido fundamental de preparar a Igreja para o dia da festa. Anteriormente, não apenas as escadas, mas também o interior da Igreja era lavado. No entanto, a Diocese proibiu há alguns anos que o interior do templo fosse lavado, alegando que a constante daquela cerimônia, era falta de respeito. Isso, porque, as baianas quase todas ligadas ao candomblé, não raro ficavam em transe, dançando e saudando as companheiras ao receber Oxalá. [7]

De acordo com o Jornal A Tarde, "**a festa do Bonfim, portanto, tem data móvel**".[8] (grifo nosso) No entanto, em geral, a Lavagem do Bonfim em Salvador acontece na segunda quinta-feira após o dia de Reis (6 de janeiro). Ainda conforme o mesmo jornal:

> Este culto baiano ao Senhor do Bonfim data desde o Século XVIII é um misto de religiões. Pois ao mesmo tempo em que é louvado o santo, os terreiros de candomblé batem em homenagem a Oxalá, considerado por seus adeptos, o Deus da Criação. Esta festa, considerada uma das maiores manifestações populares da Bahia, oferece de tudo ao participante. Desde os

[5] Lavagem do Bonfim. **Jornal A Tarde**, Salvador, 15 jan. 1987.
[6] Festa do Bonfim será dia 20. **Jornal A Tarde**, Salvador, 17 jan. 1974.
[7] Na Festa de Branco, Oxalá vai ter o seu templo lavado. **Jornal da Bahia**, Salvador, 7 de jan. 1970.
[8] Festa do Bonfim será dia 20. **Jornal A Tarde**, Salvador, 17 de jan. 1974.

> rituais religiosos, as exibições de sambas, danças, capoeira e outras apresentações folclóricas da região. [9]

Atualmente, o cortejo tem início com uma queima de fogos de artifícios que anuncia a saída da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia no Bairro Dois de Julho em Salvador por volta das 10 horas da manhã, após a missa, até o adro do Bonfim. No percurso, as baianas carregam água de cheiro, jarros de flores e vassouras para a lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim. Carroças enfeitadas conduzem os devotos em um percurso de aproximadamente oito quilômetros. Ultimamente, cantos e hinos religiosos misturam-se ao som dos trios elétricos na Lavagem, os participantes bebem, comem e divertem-se durante o percurso. Ao chegar, as baianas lavam os dez degraus das escadarias e o adro da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim com água perfumada e jorram a água sobre as cabeças de pessoas que buscam neste banho a purificação do corpo e da alma.

Para a pesquisadora Érika do Nascimento Pinheiro Mendes (19-?, p.4):

> comemora-se tanto o Senhor do Bonfim como Oxalá, mas sob uma situação temporal e espacial muito diferente daquela ocorrida em África ou de forma escondida nos fundos das moradias de africanos e afro-descendentes que cultuavam Oxalá. O que antes era a lavagem da igreja transformou-se na lavagem das escadarias e as mulheres negras tomaram a frente do ritual. O momento da lavagem passou a ser mais solene começando os festejos após a lavagem propriamente dita.

Depois da Lavagem há apresentações de rodas de capoeira e samba, blocos de percussão afro, enquanto os visitantes provam as comidas típicas, como o caruru, o cozido e a feijoada. Além dos fiéis, participam bandas, grupos de manifestação folclórica, turistas e curiosos. Muitos se vestem de branco para a ocasião, que é a cor de Oxalá. Por fim, a historiadora carioca Érika Mendes (p.7) afirma que "a lavagem das escadarias do Bonfim é uma comemoração marcada pela tradição, lembrança, memória e identidade".

Alguns poucos estudiosos estudaram a Lavagem da Conceição em diversas cidades, como em Salvador, Recife, Campinas, e Aracaju. Entre eles: Edilece Souza Couto, Ivete Miranda Previtalli (2006), Marialba Maretti (2007), Eufrazia Santos (2005), entre outros.

Provavelmente a Lavagem da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Itapuã-BA, começou no século XIX, conforme o Jornal A Tarde:

> Ninguém sabe ao certo a origem da festa. Devoção que remonta ao tempo em que se fazia o tráfego de escravos entre as costas da África e do Brasil, parece ter sido instalada por pescadores, senhores de engenho e escravos, por volta de 1871. Já naquele tempo os patrões, acompanhados dos escravos e pescadores, desciam ao largo, onde existia uma capelinha de palha e hoje

[9] Festa do Bonfim será dia 20. **Jornal A Tarde**, Salvador, 17 de jan. 1974.

> ergue-se uma igrejinha modesta, para juntos brincarem e renderem graças a Nossa Senhora da Conceição de Itapuã. Ao lado da capelinha de palha, onde se rezava as novenas, aparecia o samba de roda, capoeira e outros folguedos da criolada. "Isto não é possível" – gritavam as madames, reclamando contra a falta de classe de seus maridos que entre umbigadas com lindas cabrochas e uns golezinhos de "batida de limão", se divertiam a valer. [10]

A partir do século XX, a Lavagem começou a ser organizada por pescadores e moradores do bairro de Itapuã, com o apoio da Prefeitura de Salvador. Desde a sua origem a Lavagem de Itapuã possuía uma série de tradições particulares, como os ternos e ranchos, que a diferenciava da festa do Rio Vermelho (Salvador). Além de uma programação a noite que tinha o samba como grande destaque. As baianas iam a pé buscar a água na Lagoa do Abaeté para fazer a lavagem do adro da Igreja de Nossa Senhora da Itapuã. Até 1970 a festa acontecia no dia 02 de fevereiro, mas foi trocada para a última quinta-feira que antecede a abertura oficial do carnaval para não concorrer com a festa de Iemanjá. Em 1974, várias pessoas protestaram contra o fato de as músicas modernas ("Xodó e Boi da Cara Preta") substituírem as saudações nagôs.

Atualmente, a Lavagem tem início às 2h da manhã, nas ruas de Itapuã o Bando Anunciador inicia o ritual de despertar os moradores do bairro ao som das violas, banjos, cavaquinhos, bandolins e maracás. Às 5h uma alvorada de fogos anuncia o nascer do sol e a pré-lavagem da escadaria da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Itapuã pelo povo do bairro. Essa lavagem inicial foi introduzida na festa a partir de um sonho da já falecida moradora do bairro Dona Niçu. Ela introduziu também o café da manhã servido a todos os participantes da festa, tradição seguida após a sua morte. Durante a manhã os rituais religiosos acontecem simultaneamente ao desfile de blocos de chão.

Por volta das 11h30min, o cortejo composto de baianas vestidas a rigor e levando nas mãos jarros com água perfumada e muitas flores deixam a Praia de Piatã com destino ao Largo de Itapuã, acompanhadas de ciclistas, turistas, curiosos, carros, carroças, blocos afro. Por volta de 12h, o cortejo chega à Praça Caymmi, onde fica a Igreja. As baianas lavam o adro e jogam a água de cheiro nas pessoas ali presentes "para atrair bons fluidos". Durante a tarde costuma haver festa ao som de trios elétricos e carros de som que alegram a população até a noite. As ruas são tomadas por barracas de comidas e bebidas. Nessa Lavagem, para o povo de santo, Nossa Senhora da Conceição é assimilada a Iemanjá.

Em relação à Lavagem da Conceição em Aracaju, a quarta mais antiga das lavagens do Brasil e a segunda mais antiga destinada a Nossa Senhora da Conceição, é uma festa

[10] Itapuã também tem sua festa que é de N. S. da Conceição. **Jornal A Tarde**, Salvador, 27 de jan. 1970.

religiosa que tem significado de purificação espiritual. A Lavagem da Conceição possui as seguintes funções: (1) religiosa, (2) representativa e (3) de aprendizagem. Em sua função religiosa, os objetivos seriam de cultuar e de homenagear Oxum, tem um caráter de fé, o que não exclui o aspecto lúdico. Nela os filhos-de-santo dançam, cantam e recebem o Orixá, expressando assim sua gratidão e fé, mas também bebem, comem, conversam, brincam, riem e se divertem. Isso é perfeitamente normal na dinâmica religiosa dos terreiros, onde os elementos de fé e alegria convivem em harmonia plena, repensando as cerimônias públicas.

As escadarias da Igreja da Conceição se tornam palco sagrado de Oxum no momento da Lavagem. Oxum é cultuada em clima de descontração e prazer; a alegria parece ser o principal ingrediente da fé e isso é reproduzido à noite na Orla de Atalaia. O aspecto lúdico revela, portanto, uma verdadeira equação da fé com a alegria, numa efervescência marcada pela exacerbação dos gestos, dos cantos e das danças. Desse modo, as expressões e manifestações da fé na Lavagem significam cantos e danças realizados com entusiasmo, palmas, saudações a Oxum e aos filhos, ricos paramentos, água de cheiro, flores, estandarte etc.

Para Ordep Serra (2000, p. 75) na Lavagem do Bonfim se destacam dois aspectos de inversão que acontecem nela: “a primeira é que, enquanto nos ofícios regulares da Igreja o povo acorre ao templo para purificar-se, numa “Lavagem” o templo é purificado pelo povo; a segunda é que pela ausência dos sacerdotes católicos e seus acólitos na realização dos ritos litúrgicos, permite a inversão de papeis, fazendo com que o rebanho tenha toda a iniciativa, ao contrário do normal.” **Aqui, nenhum desses aspectos ocorre na Lavagem da Conceição em Aracaju.**

Na Lavagem das escadarias da Conceição **“o povo purifica o povo”**, transmitindo seu Axé para aqueles presentes. Além disso, a presença de um membro da Igreja Católica no início da Lavagem faz **“reforçar os papéis sociais”** e **“estimular a livre iniciativa do povo de santo”**. Considero, assim, como Rita Amaral (1992), que a festa religiosa se insere no quadro das análises sobre rituais. Como é uma festa organizada pelo povo de santo (candomblé e umbanda) não existe inversão de papéis e valores. A Lavagem da Conceição atrai a sociedade por ser efêmera e repetitiva. Segundo Duvignaud (1983, p. 223), da festa faz parte a capacidade de transgressão e dissolução das normas e códigos sociais como ele próprio salienta: “quando dizemos que a festa é uma forma de ‘transgressão’ das normas estabelecidas, referimo-nos ao mecanismo que, com efeito, abala estas normas e, muitas vezes, desagrega-as.”

Se nas festas os terreiros podem ser vistos publicamente, possibilitando que a comunidade se mostre, a Lavagem pode ser considerada uma representação. Neste sentido, ela funciona, também, como um "espetáculo", onde a comunidade mostra com requinte seu "produto religioso". Nela os terreiros estabelecem um contato mais intenso com a sociedade, estendendo sua rede de relações para fora da comunidade. As festas a Oxum realizadas por vários terreiros na cidade são sabidas e esperadas pelas pessoas que as freqüentam. Desse modo, elas são preparadas para serem impecáveis e para agradar os orixás e os homens, pois nelas estar em jogo, além da dimensão religiosa, o prestígio dos fiéis, do zelador, e a capacidade de atrair adeptos em potencial.

Por fim, a Lavagem cumpre a função de aprendizagem para os iniciados. Desse modo, eles aprenderão as histórias dos orixás através do rito, da tradição, pois seus mitos são expressos em gestos, danças, e "narrados" numa linguagem corporal. Os pontos contam as ações, os atributos, as características e particularidades dos orixás. Os *iaôs* aprendem na Lavagem e na festa a Oxum não apenas os mitos e os ritos, mas os códigos e sinais de obediência e hierarquia. Assim, a Lavagem da Conceição é uma festa religiosa que cumpre três funções: religiosa, representativa e de aprendizagem. O que significa dizer que é um rito de purificação. Nesse sentido, a identidade surge como pergunta e resposta. Conforme Clifford Geertz (2001, p. 153):

> [...] quando olhamos agora para nosso mundo sintonizado na mídia, para tentar ver o que há nele de "religioso", não vemos uma luminosa linha divisória entre as preocupações com o eterno e as do cotidiano; aliás, praticamente não vemos linha divisória alguma.

Dessa maneira, cito excertos de vários jornais que mostram o que seria a Lavagem da Conceição na visão da imprensa e da igreja católica.

> **Infonet (online)** – "Dentro das comemorações um momento especial marca este dia: a lavagem das escadarias da Catedral Metropolitana, feita pelos movimentos afro-religiosos há mais de 20 anos. "**Essa celebração**, há 20 anos, seria impossível, dada a mentalidade da Igreja Católica e também um pouco por conta da mentalidade dos próprios afro-religiosos", explica o pároco da catedral Jerônimo Nunes". [11]
> **Jornal ASN (online)** – "No final da manhã ocorreu **o cortejo** e a tradicional lavagem das escadarias da Catedral". [12]
> **Jornal da Cidade – "**As reverências à Santa incluem ainda celebração interconfessional, com a lavagem das escadarias da Catedral, às 11h30, **ritual** praticado por mães e filhas de santo e que completa 25 anos. [13]

[11] Sincretismo religioso marca dia de N. Srª da Conceição. **Infonet**, Aracaju, 7 dez. 2007. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/cidade/ultimas>. Acesso em: 11 dez. 2007.
[12] Edvaldo Nogueira participa da procissão de Nossa Senhora da Conceição ao lado de Déda. **Jornal ASN**, Aracaju, 8 dez. 2007. Disponível em:<http://www.agencia.se.gov.br/agencia_de_noticias/>. Acesso em: 10 dez. 2007.

> **Jornal da Cidade** – "Às 11 horas, os católicos se juntaram aos praticantes das religiões afro-brasileiras para **a celebração interconfessional**, com a lavagem da entrada da catedral". [14]
> **Correio de Sergipe** – "Hoje, 08, é comemorado o Dia de Nossa Senhora da Conceição e uma alvorada festiva na Colina do Santo Antonio, às 5h marca o início das festividades de enceramento, **momento maior da festa**, onde a padroeira de Aracaju, junto com o Orixá Oxum descerão pelas mãos do povo afro-brasileiro até a Catedral Metropolitana, onde acontecerá a 25º Lavagem da Conceição, às 11h30min". [15]
> **Correio de Sergipe** – "Sábado foi **dia de comemorações** na capital e em 8 municípios sergipanos por conta do dia de Nossa Senhora da Conceição – para os católicos – e Oxum para os devotos das religiões afro-brasileiras". (grifo nosso).

A partir desses jornais, temos uma visão geral sobre o que seria a Lavagem da Conceição em Aracaju: **uma celebração, um cortejo, um ritual, uma festa, uma comemoração**. O povo de santo que participa da Lavagem também possui esta dificuldade de conceituar a Lavagem. Para ele é **uma festa afro, um ato de purificação, uma cópia da Lavagem do Senhor do Bonfim, uma homenagem a Oxum.** Parafraseando Clifford Geertz (2001, p. 157):

> [...] é possível oferecer algumas sugestões e observações provisórias, à guisa de prefácio a discussões mais rigorosas e mais abrangentes do que só podemos chamar de reconfiguração religiosa da política do poder, que ainda estão por ser desenvolvidas.

Os estudos sociológicos, antropológicos ou históricos da festa no contexto religioso afro-brasileiro apresentam uma diversidade de abordagens: etnografias, análises de organização econômica dos terreiros, de transes, ritos, funções e significados das festas. Os principais autores que estudaram o assunto foram: Arthur Ramos (1988), Nina Rodrigues (1935), Edison Carneiro (1948), René Ribeiro (1978), Roger Bastide (2001), Maria Loyola (1984), Maria do C. Brandão (1990), Roberto Motta (1988), Reginaldo Prandi (1991), Sérgio Ferretti (1995) e Rita Amaral (1992) entre outros.

Nas religiões afro-brasileiras se constata que muitas vezes a distinção entre sagrado e profano é imprecisa, pois esses se encontram intimamente relacionados. Assim, além de festas especificamente religiosas, relacionadas ao calendário litúrgico em que são comemoradas entidades religiosas africanas ou brasileiras, os terreiros de Aracaju organizam também festas tradicionais da cultura local, como a festa a Oxum, a festa a Ogum, a festa de Oxossi e outras, que são oferecidas a determinadas entidades cultuadas em cada casa.

---

[13] Homenagem será aberta com alvorada. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 09 e 10 dez. 2007.
[14] Fiéis festejam a padroeira de Aracaju. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 09 e 10 dez. 2007.
[15] Procissão e lavagem marcam o dia da padroeira. **Jornal Correio de Sergipe**, Aracaju, 07 dez. 2007.

1. Começo do rito de purificação no adro da Igreja. Aracaju. 2007. Foto: AP - Anderson Pereira

2. Derramamento da água das quartinhas no adro da Catedral. Aracaju. 2007. Foto: AP - Anderson Pereira

Dessa maneira, a Lavagem das escadarias da Conceição é um rito de purificação para aqueles que estão ali presentes. É uma forma de homenagear Oxum e de divertimento, realizada no dia 8 de dezembro em praça pública, que costuma também ser realizada em alguns terreiros de Sergipe.

A relação do CEUPA que organiza a Lavagem da Conceição com as manifestações populares da cultura sergipana é de extremos vínculos. Pois, há uma preocupação com a manutenção, a preservação da tradição e da memória cultural afro-brasileira através da promoção de grupos folclóricos e artísticos tais como: cacumbi, taieira, dança de coco, dança afro, grupo de capoeira e artistas da terra. Segundo Sérgio Figueiredo Ferretti (2007, p. 2):

> O fato de uma entidade sobrenatural solicitar esses e outros tipos de festas populares demonstra que a religião de origem africana se encontra intimamente vinculada à cultura local. Aliás, essa é uma das características das religiões afro-brasileiras em geral, onde as entidades sobrenaturais não se encontram distantes dos homens e de seus interesses, ao contrário, gostam de coisas que os humanos apreciam, como alimentos e formas de divertimento. As entidades ajudam na medida em que são homenageadas, daí o empenho de seus devotos em organizar festas bonitas, que as entidades apreciem.

A festa pode ser entendida também como uma forma de identificação do povo de santo. A comunidade é visualizada como seguindo determinada devoção, como adepta de uma crença religiosa, como devota de determinado santo e de tal tipo de festa. Além disso, organizar festas bonitas e cada vez mais concorridas traz prestígio ao organizador e a comunidade, esperando-se que no próximo ano a festa seja ainda melhor. Comentar a beleza e a organização de uma festa constitui uma forma de valorizar e prestigiar a comunidade que a organiza.

Dessa forma, a Lavagem da Conceição como uma festa religiosa brasileira é híbrida, pois possui junção de elementos de origens distintas. Nela podemos encontrar paralelismos, misturas e convergências de culturas decorrentes de contribuições brancas, negras e indígenas que fertilizaram nossa cultura, nos instrumentos musicais, nos cânticos, nas danças, nas vestimentas, na alimentação, na alegria e na capacidade de organização da festa.

Émile Durkheim em **As Formas Elementares da vida religiosa** (1989, p. 373), discute a importância do elemento recreativo e estético na religião; para o autor “as festas teriam surgido da necessidade de separar o tempo em dias sagrados e profanos; além disso, as festas surgiram pela necessidade de separar no tempo, dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam eliminadas.” De acordo com ele (op. cit., p. 419) “o que constitui essencialmente o culto é o ciclo das festas que voltam regularmente em épocas

determinadas". A repetição do ciclo das festas constitui, assim, fator essencial do culto religioso.

Durkheim (1989, p. 452-453) salienta a importância dos elementos recreativos e estéticos para a religião, comparando-os às representações dramáticas e afirmando que, às vezes, é difícil assinalar, com precisão, as fronteiras entre rito religioso e divertimento público. Transcrevendo Durkheim (op. cit., p. 456):

> (...) a própria idéia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa... apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas.

Como festa religiosa a Lavagem da Conceição constitui espaço propício para a construção de identidade, para a reafirmação de valores comuns ou para a elaboração de novos valores. A lavagem é uma experiência religiosa concreta. As comunidades estão vivenciando aquele momento juntas, a identidade religiosa está presente como fator de unificação, ou seja, todos se identificam como filhos de Nossa Senhora da Conceição e/ou de Oxum, identificam-se pela cor branca das roupas, pelas guias, pelos pontos, pelo ato de lavar, pela religiosidade e por irem purificar juntos.

As identidades definem as comunidades. A questão da identidade só surge a partir da exposição do fundamento que une essas comunidades, ou seja, das ideias e princípios. Segundo Bauman (2005, p. 17), isso ocorre porque "existe mais de uma idéia para evocar e manter unida a 'comunidade fundida por ideias' a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural." Existem tantas ideias e princípios em torno do desenvolvimento dessas comunidades que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e incompatíveis.

A identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do nada ou escolher entre alternativas, e assim lutar por ela e protegê-la mesmo que a verdade seja eliminada, ocultada, ou alterada. Admitamos que essa verdade seja muito mais difícil de ser adjetivada, atualmente. O que nos apresenta, hoje, a

Lavagem da Conceição em Aracaju é uma identidade frágil, justamente por se fundamentar em uma "tradição inventada". A tradição de lavar as escadarias realmente foi inventada, construída e formalmente institucionalizada em poucos anos, estabelecendo-se com enorme rapidez, num processo de continuidade com um passado histórico apropriado (Lavagem do Bonfim, a história de Aracaju e a promessa dos estudantes). Nesse sentido o objetivo e a característica dessa tradição inventada é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que ela se refere impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição (ciclo da festa).

De tal modo, o que houve foi um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição, ocorria dentro de uma sociedade em via de transformação rápida (fim do Regime Militar no Brasil, impedimento de Lavagem do Bonfim). Por muitos anos o Regime Militar ocasionou quase a debilidade da sociedade brasileira e junto com ela os padrões sociais para os quais as "velhas" tradições foram feitas. O que surgiu depois foram novos padrões com os quais essas tradições foram incompatíveis pela incapacidade de adaptação e da flexibilidade. Nas palavras de E. Hobsbawn (2006, p. 13), "inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta."

Quando surgiu a Lavagem da Conceição em Aracaju, houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Conforme Hobsbawn (2006), as referências ao passado e linguagens e práticas rituais sentiram necessidade de fazer tal adaptação. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos e sempre há uma linguagem elaborada, composta de práticas e comunicações simbólicas. Às vezes, as novas tradições poderiam ser prontamente enxertadas nas velhas; outras vezes, podiam ser inventadas com empréstimos fornecidos pelos depósitos bem supridos do ritual, simbolismo e princípios morais oficiais. Parece-me claro que se inventou a Lavagem de Escadarias em Aracaju para a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

A identidade religiosa não exige adesão inequívoca e fidelidade exclusiva, ela reconhece competidores e opositores. Segundo Clifford Geertz (2001, p. 151):

> [...] a expressão "luta religiosa, como tantas vezes acontece hoje em dia, surge nos meios de comunicação, nos textos eruditos e até nos sermões e homilias eclesiásticos, ela tende a não se referir aos embates particulares com demônios internos. As mensagens provenientes das ameias da alma ficam predominantemente reservadas aos programas televisivos de entrevistas e às auto-biografias de celebridades em recuperação. [...] Hoje

> em dia, a "luta religiosa" refere-se quase sempre a ocorrências bastante externas, a processos ao ar livre que acontecem em praça pública [...].

A lavagem da Conceição é uma festa em homenagem a Oxum marcada pela tradição, memória e identidade. A festa da Conceição foi sendo uma forma de mobilizar a população de Aracaju. Uma mobilização em torno do religioso, na crença religiosa seja em Nossa Senhora da Conceição ou em Oxum ou nas duas ao mesmo tempo. A festa é marcada pela religiosidade e por emoções oriundas de devoções, de ritos e de tradições. A presença e a participação da comunidade afro-sergipana nos eventos e espaços públicos tornaram-se o principal meio de divulgação, promoção e construção de uma identidade religiosa. Muitos foram os argumentos, estratégias, conflitos e interesses invocados.

A importância da religião para essas populações faz dos espaços religiosos lugares de identidades. "A identidade emerge em uma situação de contraste, manifesta-se no coletivo, não isoladamente, caracterizando-se pelo estabelecimento de fronteiras entre grupos quando se afirma o "Nós" – a identidade – em relação aos "Outros" – "Eles"". (OLIVEIRA, 1976). A identidade não é solida ou eterna, é negociável, frágil, provisória e revogável. Assim, há uma ampla probabilidade de desentendimento e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. A ideia de identidade só vai ocorrer ao indivíduo quando o pertencimento for uma condição com alternativa.

A ideia de identidade religiosa da Lavagem se solidifica com o ato de purificação. Nascida como invenção, a identidade precisou de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade. De acordo com Clifford Geertz (2001, p. 156):

> Alguma coisa, alguma coisa muito geral, está acontecendo com a maneira como as pessoas pensam em quem são, em quem são os outros, e em como querem ser retratadas, denominadas, compreendidas e situadas pelo mundo em geral. [...] Existem hoje, praticamente em toda a parte, esforços organizados, sustentados e assíduos, e às vezes bem mais do que isso, no sentido de promover o destino mudando desta ou daquela variedade de individualidade pública.

Nas palavras de Bauman (2005, p. 19), "as 'identidades' flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta." A identidade religiosa leva a maior parte do povo de santo a participar da lavagem da escadaria. Essa identidade adquirida devido à trajetória da Lavagem, e de cada um, guiada por opções de escolha, fez com que a lavagem não deixasse de existir e fosse reforçada como identidade religiosa de grupos diferentes (candomblé e umbanda).

De acordo com Clifford Geertz (2001, p. 157):

> A proliferação de entidades políticas autônomas, tão semelhantes em sua índole quanto em sua escala – [...] – estimula identidades públicas

> circunscritas, intensamente específicas e intensamente sentidas, ao mesmo tempo que essas identidades, por sua vez, fraturam as formas aceitas de ordem política que tentam contê-las, muito particularmente nestes tempos do Estado-nação. A projeção de grupos e lealdades religiosamente definidos em todos os aspectos da vida coletiva, partindo da família e do bairro para fora, faz parte, portanto, de um movimento geral que é muito maior do que ela própria: a substituição de um mundo construído com uns poucos tijolos análogos, enormes e mal encaixados, por um mundo não mais uniformemente nem menos completamente construído com muitos tijolos menores, mais diversificados e mais irregulares.

Mas, como bem afirma Cunha (1986), os grupos percebem-se através das diferenças e só devem ser caracterizados através desta distinção que fazem entre si. Isso significa que o fator cultural não deve ser um critério utilizado a priori para diferenciá-los, pois a escolha dos traços culturais que irão garantir a distinção dos grupos dependerá dos grupos em presença e da sociedade em que estão inseridos. Para Geertz (2001, p. 198) “a unidade e a identidade existentes terão que ser negociadas, produzidas a partir da diferença”.

A identidade religiosa surgiu, também, como uma forma de amenizar as carências sociais. Conforme Stuart Hall (2000, p.110), “não significa que sejam formadas unidades homogêneas”. A busca por solidariedade, por reconstituição de famílias simbólicas não deixam de ser espaços de tensão. Essas festas religiosas populares foram uma das formas encontradas por essa população para amenizar as formas discriminatórias da sociedade sergipana da década de oitenta.

Consideramos que a Lavagem da Conceição como uma festa religiosa da cultura brasileira reflete a mistura religiosa e cultural. Fora dos terreiros estas manifestações da cultura popular são igualmente hibridas, refletindo a união de elementos de culturas distintas, muitas vezes com valores e ideias opostos. Segundo Amaral (1992), “a festa brasileira se liga essencialmente à religião e, desde o período colonial, a sociabilidade brasileira encontra-se estreitamente relacionada à realização de festas”. Assim, concordo quando ela considera que existe mesmo um modelo brasileiro de festa e que no Brasil a disposição para a festa constitui traço marcante da identidade nacional.

Concluo com as palavras de Bauman (2005, p. 35), “as identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas”. O anseio por identidade vem do desejo de segurança, pois não está fixo - sem identidade - é uma condição não bem vista, por outro lado estar fixo – ser identificado – é uma condição produtora muito mal vista. Talvez identificar a Lavagem como algo religioso significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, tampouco controlar.

2.2. O Surgimento da Lavagem da Conceição

Realizada a comparação entre as duas Lavagens de escadarias mais antigas do Brasil e a Lavagem da Conceição em Aracaju – SE, bem como a definição do que seja uma Lavagem. Os objetivos agora são: narrar a história da Lavagem das Escadarias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Aracaju a partir da festa da padroeira baseado em documentos históricos e o processo de consolidação nos primeiros anos dela.

A história da Lavagem das Escadarias em Aracaju está ligada à Festa de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Arquidiocese de Aracaju. As principais festas católicas em Sergipe antes da independência eram aquelas consagradas à Nossa Senhora da Conceição, padroeira do Brasil (8 de dezembro), a São Francisco Xavier, padroeiro de Salvador (3 de dezembro), e a Nossa Senhora da Vitória (8 de setembro), padroeira de São Cristóvão. A festa de São Francisco Xavier, nunca foi popular tanto na Bahia como em Sergipe. Mesmo assim, a influência desses santos em Sergipe pode ser provada pelos topônimos e construções religiosas. Hoje, a padroeira de Sergipe e Aracaju é Nossa Senhora da Conceição. A padroeira da Bahia é Nossa Senhora da Conceição da Praia e o padroeiro de Salvador é São Francisco Xavier. Desta forma, até o fim do Império brasileiro foi Nossa Senhora da Conceição a padroeira do Brasil, deixando de ser no período republicano quando Nossa Senhora Aparecida passa a ser padroeira.

A história da padroeira de Aracaju começa a partir da criação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. De acordo com o livreto da liturgia da festa de 2005:

> Com a transferência da Capital para Aracaju, foi criada a Paróquia Nossa Senhora da Conceição, desmembrada da freguesia de Nossa Senhora do Socorro da Cotinguiba. Aos 28 de marco de 1857, por resolução nº 457 da autoridade arquiepiscopal da Bahia, deu-se a instalação da Paróquia na Igreja São Salvador, onde funcionou, em regime provisório, até a data de inauguração da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, vinte anos mais tarde. Com uma solene celebração, lançou-se a pedra fundamental da Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Aracaju, aos 21 de setembro de 1862.[16]

As obras de construção da Catedral de Aracaju foram muito tumultuadas, ora pela saída de governador de província, ora pela falta de recursos, ora por problemas na obra. Com tudo isso, a obra só foi entregue em 22 de dezembro de 1875. Em 3 de dezembro de 1877, foi

[16] Peixoto, J. **Festa de Nossa Senhora da Conceição: padroeira da arquidiocese de Aracaju**. Aracaju: 2005. p. 21.

concedida a autorização ao Cônego José Luiz de Azevedo para benzer a nova matriz de Aracaju.

A Diocese de Aracaju foi criada em 3 de janeiro de 1910, pela Carta Apostólica do Papa Pio X, "*Divina Disponente clementia*", desmembrada da Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Neste mesmo ano, Nossa Senhora da Conceição foi indicada como padroeira de Aracaju, pelo mesmo Papa. O Primeiro Bispo de Aracaju, Dom José Tomaz Gomes da Silva, foi eleito aos 12 de maio de 1911. Chegou a ser empossado na nova Diocese aos 4 de dezembro de 1911 quando foi instalada a nova Diocese. Em 19 de novembro de 1911, a Paróquia se tornou Catedral Diocesana. Por fim, em 30 de abril de 1960, através da Bula "Ecclesiarum Omnium" de sua Santidade o Papa João XXIII, foi criada a Província Eclesiástica de Sergipe, sendo Aracaju elevado a Sede Metropolitana, o que transformou a Catedral Diocesana em Catedral Metropolitana de Aracaju. O Primeiro Arcebispo Metropolitano foi Dom José Vicente Távora, seguido de Dom Luciano Cabral Duarte e o terceiro e atual Arcebispo é Dom José Palmeira Lessa.

Desde a sua origem a festa da padroeira de Aracaju foi controlada pela Igreja Católica, que elaborava uma vasta programação religiosa que antecedia o dia da Santa. Ao longo das festividades da padroeira em Aracaju, a Igreja Católica pouco teve o convívio paralelo às festividades cristãs de manifestações religiosas afro-brasileiras ligadas à Nossa Senhora da Conceição, reverenciada pelo candomblé e umbanda como Oxum.

A festa em louvor à Nossa Senhora da Conceição é uma das mais antigas festas religiosas de Sergipe, sendo comemorada desde o século XVII. No entanto, a primeira Igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição só foi erguida em 1731, em Laranjeiras. A partir daí outras construções foram erguidas em todo o território sergipano destaque para a Capela de Nossa Senhora da Conceição em São Cristóvão de 1751, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Riachuelo, 1795, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição dos Homens Pardos em Laranjeiras, 1843-1860, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Arauá, de 1855, a de Porto da Folha, de 1861, a de Poço Redondo, de 1874, entre outras.

Em Aracaju, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição foi erguida em 1862. E, a partir da inauguração dos seus trabalhos, começou o culto à santa na nova capital. Nessa época, o ponto alto da festa religiosa, que sempre iniciou dias antes com a novena em louvor à santa, era a procissão que percorria as principais ruas do centro da cidade levando a imagem de Nossa Senhora da Conceição. A Festa da Padroeira, como todas as festas populares religiosas de Aracaju, sempre teve uma forte participação das famílias importantes do ponto de vista político e econômico da Capital.

A Festa a Oxum aqui em Aracaju tem sua origem no mesmo momento da Festa da Conceição. Não se sabe ao certo quando começaram as festividades a Oxum, mas se supõe que desde o surgimento dos primeiros terreiros de *toré* em Aracaju, no fim do século XIX e começo do século XX. De acordo com a historiadora sergipana Janaína Maia (1998, p. 39), "por volta do século XIX até meados de 1930, foi o período do auge do nagô e do *toré* as sessões destinavam-se as práticas de cura e o desenvolvimento espiritual dos médiuns através do "trabalho"; e de 1930 até 1960, foi o período em que surge o candomblé em Sergipe, oriundo da Bahia, e as sessões assumem a função de atrair adeptos para o candomblé já que se constitui num culto "simplificado"." À medida que a Festa de Nossa Senhora da Conceição foi se desenvolvendo, já no século XX, os principais terreiros de umbanda e candomblé começaram a realizar de forma pública a Festa a Oxum na praia de Atalaia Velha, à noite. Desta forma, a Lavagem da Conceição surgiu depois das homenagens realizadas pelo povo de santo na Orla de Atalaia.

Sendo assim, a Festa a Oxum em Aracaju à noite na Orla de Atalaia Velha, nos fins da década de 1960, feita pelos umbandistas, tinha a seguinte programação:

> 19:30 – Partida em cortejo de acompanhamento da Santa Padroeira de Sergipe e dos Umbandistas. Local de partida: sede da Federação.
> 20:00 – Organização e localização dos terreiros na praia de Atalaia.
> 20:30 – Início das festividades: culto de [...]verência ao orixá aposto na praia.
> 21:00 – Festividades dos terreiros no mesmo local (PRAIA DE ATALAIA).
> 21:30 – Início das oblações ao mar.
> 22:00 – Retorno aos Terreiros e agradecimento do Presidente Milton de Oliveira às autoridades presente. [17]

Nessa época muitos centros de Umbanda participavam da festa. Como exemplo os centros São Cosme e São Damião da *ialorixá* Maria das Areias; São Jorge da ialorixá Maria da Glória; Ogum de Lê do babalorixá Milton Franco; Ogum Bregeiro do babalorixá João de Creusa; Ogum de Ronda da ialorixá Erotildes; Nossa Senhora da Conceição da ialorixá Iracilda Anjos; Sala Dona Janaína da ialorixá Nazir Bezerra; Nossa Senhora da Conceição da ialorixá Marlene; Amor e Caridade do babalorixá Luiz Tavares e Santa Barbara do babalorixá Alcides José; São Expedito do babalorixá Tota, entre outros.

Por outro lado, ainda nesta década de 1960, auge das religiões afro-brasileiras em Sergipe, as grandes Casas de Candomblé de Aracaju realizavam grandes festas privadas que atraíam a atenção da população pobre, dos políticos e da imprensa. O auge dos cultos nos anos 60 provinha da grande quantidade de terreiros, de adeptos, de reconhecimento religioso,

[17] Festejos em Homenagem a <Orixá> na Atalaia. **Revista Alvorada,** Aracaju, Ano II, n. 29, p. 24, dez. 1969.

e de visibilidade política. Entre essas casas destaco a de Dona Didi do Sítio, Nanã, João Ferreira, Umbilina, Manoel Esperança, Lê, Dona Jovelina, Nair e Seu Claudio, Rosa Lima e Jair José, Francisca Silva, Dionísio José, Maria Madalena entre outras. As principais festas eram a saída de iaôs, o dia do orixá da casa e o dia 8 de dezembro (Oxum). Essas festas eram verdadeiros eventos sociais que aglutinavam uma grande diversidade da população aracajuana da época em torno delas. Segundo o romancista Mário Cabral (1948, p. 81), "Nanã e Didi realizam macumbas memoráveis, o terreiro do Cacique Irão é famoso, a convite do Pai Daniel na Lagoa da Jobotiana em noite de festa havia muito negro, muito mulato e também muito branco da melhor sociedade".

A primeira notícia sobre a Lavagem das Escadarias da Catedral em Aracaju data de 1981[18]. É nessa ocasião que ocorre a primeira Lavagem da Igreja Nossa Senhora da Conceição a partir do pagamento de uma promessa. A promessa feita por oito estudantes[19] do Colégio Visão de Aracaju era que, se eles conseguissem passar na prova do concurso vestibular da Universidade Federal da Bahia (UFBA)[20], iriam lavar as escadarias da Igreja como forma de agradecimento. Os estudantes sergipanos se dirigiram até Salvador para realizarem as provas. Passados alguns dias saiu o resultado geral do vestibular da UFBA. Os estudantes que fizeram a promessa conseguiram a aprovação nos cursos pleiteados, e resolveram pagar o juramento. Dessa maneira, os oito estudantes liderados por Otávio e Wellington resolveram pagar a promessa feita. Não se sabe ao certo se eles pagaram a promessa no dia da padroeira de Aracaju ou após o resultado do vestibular.

Os estudantes não tinham nenhum envolvimento com as religiões afro-brasileiras da Capital. Assim, na manhã após a aprovação, os oito estudantes do Colégio Visão sem qualquer apoio ou participação dos candomblecistas ou umbandistas realizaram a Lavagem da Igreja. Talvez temerosos com a possível prisão dos estudantes, o povo de santo apenas ouviu falar que um grupo de estudantes tinha ido pela manhã lavar as escadarias da Catedral. Sem organização, sem apoio de terreiros, sem cunho afro-religioso, lavaram as escadarias da frente da Igreja com água da fonte que ficava ao redor da estátua de Olímpio Campos e utilizaram as folhas das árvores do Parque Teófilo Dantas, sabão e vassouras de piaçava.

---

[18] Lavagem da Conceição. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 08 e 09 dez. 1991.

[19] Não conseguimos durante a pesquisa encontrar nenhum tipo de informação que nos levasse a identificar os outros estudantes ou descobrir a história de vida, a identidade, o sexo, a idade ou a situação de existência ou não deles.

[20] De acordo com o Jornal da Manhã, de 8 e 9 de dezembro de 1993, na matéria **Centros de Umbanda vão festejar Oxum**, seriam **oito candidatos ao concurso vestibular da UFS**.

3. Estudantes do Colégio Visão, lavando as escadarias da Igreja da Conceição, Aracaju, 1982. Foto: ACPLC

4. Início do cortejo na Colina do Santo Antônio, Aracaju. 1988. Foto: INTECAB/SE

De acordo com depoimentos, a intenção era fazer a lavagem como acontece na Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador. Sem contar com o envolvimento dos terreiros ou aprovação da Igreja Católica, as portas da Catedral ficaram fechadas. Os estudantes estavam vestidos de branco, o gênero masculino usava calça e camiseta ou bermuda e camisa de manga curta, o gênero feminino usava calça e camisa de manga curta. Estavam com os pés descalços, utilizavam óculos escuros, fitas para amarrar o cabelo e pulseirinhas de santo. Os estudantes faziam poses para aqueles que registravam aquele momento. Antes da Lavagem, com hinários da Festa de Nossa Senhora da Conceição, os estudantes rezaram e cantaram.

Alguns curiosos presenciaram a Lavagem da Igreja. Foram para ver o que aconteceria com os estudantes. Desse modo, um grupo de pessoas ligadas às religiões afro-brasileiras olhava embaixo da sombra das árvores os estudantes lavarem as escadarias vestidos de bermudas. Era uma verdadeira diversão para os estudantes, que consumiam até cachaça.

A primeira lavagem feita pelos estudantes repercutiu de forma muito situacional na sociedade da época. Se o setor fosse a Igreja, os comentários eram que este ato foi uma afronta ao poder eclesiástico comandado pelo arcebispo de Aracaju D. Luciano Cabral Duarte, o qual não via com bons olhos tal iniciativa popular, liderada por um sobrinho seu. Se o setor fosse das religiões afro-brasileiras, os comentários eram que foi um ato corajoso.

Em 1982, houve a primeira Lavagem da Conceição tendo envolvimento apenas de um terreiro de candomblé. A Lavagem da Conceição teve como terreiro fundador o de Mãe Nair. A concentração dos filhos-de-santo desse terreiro, além dos simpatizantes, foi na Praça Camerino. O cortejo despertou curiosidade dos aracajuanos muitos saiam às portas e janelas para verem aquele cortejo passar.

O terreiro de Mãe Nair localizado no Bairro Santos Dumont em Aracaju foi o primeiro a participar da Lavagem. Na segunda edição a Lavagem contou com a presença de poucos terreiros. A partir da terceira edição, os grandes terreiros da capital e interior começaram a participação como o de Mãe Marizete, Mãe Lindinalva, Gilberto da Silva (Lê), José de Oliveira, Evaristo, Fernando Casiderã, Manoel Camboni, Zé d’Obacossu, Tonho de Riachuelo, entre outros além do movimento social na figura de Severo D’Arcelino para garantir a integridade dos grupos que participavam. A não participação de outros terreiros no começo da Lavagem se deu pela discriminação e resistência dos católicos, assim poucos foram os pais e mães-de-santo que se dispunham a sair com seus filhos-de-santo em via pública. Além disso, juntou-se a temerosidade dos terreiros em relação a opressão policial e católica.

Muito antes do surgimento da Lavagem das Escadarias da Catedral Metropolitana de Aracaju, a Igreja Católica e as religiões afro-brasileiras já concorriam com eventos religiosos na cidade. Esse acirramento pode ser percebido principalmente no dia da festa da Padroeira da Capital. A divulgação dos eventos religiosos da Igreja Católica, da Umbanda e do Candomblé era feita pelos jornais da época e pelas emissoras de rádio da capital.

A matéria de capa do Jornal da Cidade, de 8 de dezembro de 1982, noticiava:

> "Hoje é dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Aracaju. A data será comemorada com festividade religiosa durante todo o dia, devendo a programação elaborada pela Catedral Metropolitana ser iniciada às 5 horas, prosseguindo com missas, batizados, e procissão, no período da tarde. À noite, os adeptos do Candomblé também cultuam "Oxumaré" que é a mesma santa". [21]

Portanto, a Igreja Católica dominava durante quase todo o dia os eventos em torno da Padroeira de Aracaju, o que não afastava a existência por parte do Candomblé de um culto a um orixá associado à Santa. Isso nos prova que havia uma concorrência acirrada por visibilidade religiosa entre a Igreja Católica e o Candomblé, que nesse período era simplificado pelos jornalistas que excluíam a Umbanda como religião. Ao mesmo tempo em que uniam em torno da denominação "Candomblé" qualquer manifestação de origem africana. É tanto que se chega a determinar que Oxumaré[22] cultuada pelos candomblecistas seja a mesma santa que os católicos veneram.

A dúvida e a confusão a respeito do orixá cultuado por essas religiões chegaram ao ponto de um colunista do Jornal da Cidade explicar à sociedade sobre a Festa a Oxum. O autor da matéria diz que:

> Rainha das águas, orixá de grande poder, vaidosa por excelência e protetora dos filhos queridos, Oxum é uma das mais festejadas na nação afro-brasileira. Hoje no seu reino ela será homenageada pela passagem de seu dia. A praia de Atalaia estará repleta de filhos de fé, babalorixás e ialorixás, dançando e cantando ao ritmo dos atabaques, transformando aquele pedaço de Atlântico, num imenso jardim florido, num depositório de presentes e pedidos, numa festa impressionante e cheia de magia. [23]

É possível deduzir que na sociedade aracajuana da época esta manifestação religiosa gerava muitos problemas de ordem social, política e religiosa. Isso talvez explique o fato de o

---

[21] Aracaju festeja sua padroeira. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 dez. 1982.

[22] Orixá de origem ketu, associado a São Bartolomeu, atribuição orixá do arco-íris, elemento natural - chuva e condições atmosféricas, sexo – F e M, patronagem - riqueza que provém das colheitas (chuva), elemento mítico – água, dia da semana – sábado.

[23] Oxum, mãe dos orixás**. Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 dez. 1982.

jornal esclarecer para a sociedade o que realmente ocorria na cidade nesse dia, o porquê do comportamento dos "filhos de fé", onde se festejava, como se processavam as homenagens e a quem se cultuava. Por ser Oxum[24] uma orixá bastante festejada nos terreiros de candomblé e umbanda e por todas as suas qualidades, fazia da praia de Atalaia o local perfeito para o povo de santo mostrar a sua cultura, vista através das suas manifestações religiosas. Com isso, a praia ficava repleta de candomblecistas e umbandistas que depositavam as obrigações após os rituais. Para os curiosos, a festa era cheia de encanto.

Ainda no primeiro ano da Lavagem da Conceição, havia um debate muito forte na sociedade, através dos jornais locais, sobre informações equivocadas a respeito da Festa a Oxum. É sugestiva, portanto, a observação feita por um colunista do Jornal da Cidade, o qual diz que:

> Muito já se comentou sobre o assunto, mas voltamos a informar a quem interessar possa, principalmente o órgão oficial que organiza a festa, que por favor, não chame mais de "Festa de Yemanjá", insistindo num erro e passando a informação inverídica aos menos informados. Atentai bem, a festa do dia 8 de dezembro, é de OXUM (N. Sra. da Conceição no sincretismo religioso da Umbanda)...OXUM é o orixá das águas doces, por isso mesmo comemorado no lugar errado...A festa de YEMANJÁ é no dia 31 de dezembro ou 2 de fevereiro, ela que é a Rainha das Águas Salgadas. Afinal não custa ler um pouco e ficar sabendo das coisas. [25]

O texto acima permite concluir que a Festa de Oxum há tempos era organizada por um órgão oficial. O órgão era a Secretaria Municipal da Cultura de Aracaju, que organizava, divulgava, e custeava a festa. Este insistia num erro de calendário litúrgico e repassava a informação inverídica aos menos informados, que o dia 8 de dezembro era Festa de Iemanjá. Tal confusão ainda persistia mesmo com todo o debate público na sociedade, talvez pelo fato de não ter ninguém na Secretaria com conhecimento de causa sobre o assunto e por que as homenagens eram feitas na água salgada. Além de que em cada região do país o orixá era comemorado de acordo com as tradições locais. O fato é que se divulgava como sendo a festa de Iemanjá por desconhecimento da cultura afro-brasileira. E este desconhecimento irritava algumas pessoas informadas a respeito e propagava a ideia da tradição errada.

O que parece é que em Aracaju havia três festas para as duas religiões afro-brasileiras no dia 8 de dezembro. O trecho abaixo do Jornal da Cidade explica que:

---

[24] Orixá de origem ketu, associado a Nossa Senhora, atribuição orixá da água doce e dos metais preciosos, elemento natural - rios, lagoas e cachoeiras, sexo – F, patronagem - amor, ouro, fertilidade, gestação, vaidade, elemento mítico – água, dia da semana – sábado.

[25] Oxum, mãe dos orixás. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 dez. 1982.

> Hoje é dia de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Aracaju. Feriado estadual, o dia se reveste de grande religiosidade, porque além dos fiéis que com missas e procissão comemoram a santa, os adeptos do Candomblé também reverenciam "Oxumaré", com oferecimento de presentes que são levados para a Praia de Atalaia e, devotamente, são jogados no rio conforme determina o culto africano. Erradamente os adeptos de Oxumaré lançam os presentes no mar, conforme acontece todos os anos. [26]

A partir dos trechos dos jornais acima, conclui-se que os adeptos do Candomblé reverenciavam dois orixás no dia 8, Iemanjá[27] que era defendida pelo órgão oficial do governo municipal e Oxumaré que era defendida pela maior parte do povo de santo, já a Umbanda reverenciava Oxumaré e Oxum. Certeza era que o dia de feriado estadual era movimentado pelas manifestações religiosas feitas pelos católicos e candomblecistas. Outra possibilidade de explicação é ter ocorrido uma confusão a respeito dos orixás. Assim, teriam reverenciado Oxumaré com se fosse Oxum. A causa dessa diversidade de festas afro-brasileiras em Aracaju por associação a Nossa Senhora da Conceição é a marca da confusão de tradição.

A notícia do Jornal da Manhã mostra que a programação religiosa da Igreja Católica, em 1982, era:

> "...as 5 horas alvorada festiva, sendo iniciada as 6 horas e 30 minutos uma missa com pregação. As 9 horas acontecerá a solene concelebração eucarística, presidida pelo arcebispo metropolitano Dom Luciano Cabral Duarte. As 15 horas e 30 minutos acontecerá a consagração das crianças a Nossa Senhora, para as 16 horas se realizar a concelebração do sacramento do batismo. A solene procissão, com a Sagrada imagem da Imaculada conduzida em carro triunfal pelas principais ruas da cidade, será iniciada as 16 horas e 30 minutos. As 18 horas haverá a Santa Missa com pregação e finalmente, as 19 horas e 30 minutos será realizada a missa paroquial." [28]

O excerto permitiu deduzir que a reação da Igreja Católica mediante visibilidade das religiões afro-brasileiras na Capital, especificamente no dia da padroeira da cidade, foi aumentar os eventos religiosos católicos durante todo o dia. A ideia é ocupar os fiéis católicos nesses eventos impedindo-os de presenciar ou participar da Festa a Oxum, já que a maior parte do povo de santo é também católico, frequentando missas e participando de procissões. Ao todo, durante o dia foram celebradas cinco missas, ora com párocos sergipanos ora com párocos vindos de outro Estado. Como essas missas são organizadas por comunidades e congregações da cidade, as principais paróquias de Aracaju participam das comemorações

---

[26] Nossa Senhora da Conceição, uma Santa para duas festas. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 e 9 dez. 1982.
[27] Orixá de origem ketu, associado a Nossa Senhora, atribuição orixá das grandes águas, do mar, elemento natural - mar, grandes rios, sexo – F, patronagem - maternidade, família, saúde mental, elemento mítico – água, dia da semana – sábado.
[28] Nossa Senhora da Conceição, uma Santa para duas festas. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 e 9 dez. 1982.

festivas de Nossa Senhora da Conceição. O ponto alto das comemorações ainda é a procissão levando a imagem da Santa pelas principais ruas da cidade.

A grande festa pública realizada pelas religiões afro-brasileiras era aquela feita na praia de Atalaia durante a noite do dia 8. Conforme o jornal local, conta que:

> Hoje os umbandistas prestam homenagens à Oxumaré – Deusa dos Rios. Danças características, rezas e flores brancas atiradas no mar, darão colorido especial ao acontecimento, que se renove todo dia 8 de dezembro. Em Aracaju, os terreiros baixarão na praia de Atalaia, numa festa popular e muito mística. [29]

Assim, quer dizer que para os umbandistas Oxumaré passa a ser a deusa dos rios e não Oxum como a tradição religiosa africana perdurou. A festa que se processa na praia já possui certa tradição. Essa que se compõe de comportamentos e rituais sacralizados. Portanto, o pedido de renovação das homenagens soa como reafirmação de uma tradição inventada há pouco tempo, que ainda sofre mudanças oriundas da mistura cultural. Desde seu início a festa na praia se mostrou popular, porque sempre contou com a participação aberta dos curiosos e turistas, e se mostrou mística porque envolve mitos e rituais da religião.

Nesse ambiente de confusão de tradição, o esclarecimento sobre Oxumaré publicado no Jornal da Cidade explica que:

> Conhecida pelos indígenas brasileiros como Yara Deusa dos rios. Oxumaré é tida pelos adeptos do Candomblé ou Macumba, como a mãe de todos os orixás e rainha das águas. Sua comemoração data com a chegada dos negros no Brasil, não se tendo uma documentação precisa da raça negra, pois todo o documentário sobre a escravatura foi mandado queimar pelo conselheiro Ruy Barbosa, quando ministro da fazenda. [30]

A partir daí, talvez supomos que o candomblé de Caboclo que cultua os antepassados indígenas, modalidade da nação Angola e Congo, tinha também influencia nesta formação de identidade afro-sergipana. Segundo Felte Bezerra (1984, p. 139), "o Xangô do pai de santo Zeca situado nas imediações da Atalaia Velha, realizava anualmente a festa da mãe-d'água, quando eram deitadas à barra do rio Poxim, que passa próximo, as oferendas à homenageada". O que implica pensar que essa mistura de nações e equívocos em relação às qualidades e ao orixá associado ao santo católico era frequente nessa tentativa de fundamentação de tradição. É bom esclarecer que no Brasil foi Iemanjá a deusa dos grandes rios, dos mares e dos oceanos, a qual foi cultuada como mãe de muitos orixás e não Oxumaré. Cada terreiro sempre

[29] Nossa Senhora da Conceição, uma Santa para duas festas. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 e 9 dez. 1982.
[30] Ibid.

teve um calendário cerimonial diferente um do outro que fez gerar confusões a respeito do orixá homenageado e todo um ritual particular.

A busca por legitimação dessa tradição buscava em bases históricas de outros lugares a sua fundamentação para existir em Aracaju. Como bem sugere o mesmo jornal que:

> O Aracajuano festeja hoje Nossa Senhora da Conceição – Padroeira de Aracaju. A Santa é comemorada em vários pontos do País, notadamente em Salvador, onde a exemplo da capital sergipana, o acontecimento abre oficialmente o ciclo das festas natalinas. Nossa Senhora da Conceição também é muito festejada pelos umbandistas, que a chamam de Oxumaré – Deusa dos Rios. Em Aracaju as festividades são realizadas na orla marítima, o que encontra em desacordo com o sincretismo religioso, pois a Santa sempre recebeu sua homenagem dos adeptos do Candomblé ou Macumba às margens dos rios, enquanto aqui é no Mar.[31]

Talvez a intenção da imprensa nesse período fosse conscientizar a população dos erros cometidos na fundamentação dessa tradição. Ao afirmar que Nossa Senhora da Conceição era comemorada em vários pontos do país, quer trazer para a festa toda uma história de devoção católica vinda desde o século XVII no Brasil. É sabido que, como o território de Sergipe pertencia à Bahia, muitas festas tradicionais em Salvador foram reproduzidas ou imitadas aqui no estado. Como em Salvador a festa da Conceição abre o ciclo das festas natalinas, aqui em Aracaju ocorreria o mesmo. Assim, as homenagens a Oxumaré estavam em desacordo com o sincretismo religioso, a qual também era confundida como santa, e recebia as suas homenagens no mar de forma errada.

Ainda sobre esse processo de formação da tradição em Aracaju, de acordo com o periódico:

> Há muito mais de um século que Nossa Senhora da Conceição é cultuada em Nossa Capital, segundo informações procedentes da Catedral Metropolitana, que acrescentam ser a Santa a Padroeira da Cidade desde a criação da Paróquia de Aracaju, hoje Catedral. As procissões não mudaram muito nesses últimos anos segundo o informante da Catedral. A Santa é muito cultuada, pois os aracajuanos a adora, sendo, por isso, as procissões por demais freqüentadas. Uma modificação ocorrida nas comemorações religiosas, é que antigamente uma classe social era escolhida pela Catedral para levar o andor de Nossa Senhora da Conceição. [32]

É possível deduzir que como a festa católica de Nossa Senhora da Conceição era realizada desde o surgimento da paróquia com seu nome em Aracaju, já houvesse em relação a ela certa tradição, a qual tinha como ponto alto em seu rito a procissão. Assim, desde a sua

---

[31] Nossa Senhora da Conceição, uma Santa para duas festas. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 e 9 dez. 1982.
[32] Ibid.

origem até 1982 pouco tinha alterado esta tradição, na capital. Podemos pensar que a presença de negros e mulatos nessa festa era quase que inexistente. Baseamo-nos na história da construção da Catedral, pois foi iniciativa de um Governo Provincial patriarcal, nobre e católico. Os operários que trabalharam na construção em sua maioria eram homens livres pardos e brancos. Logo, não há nenhum santo, motivo artístico, ou qualquer menção alusiva aos negros na Igreja. Presença marcante desde a origem era das famílias tradicionais da capital, já que muitas colaboraram na construção com donativos. Esta colaboração assegurou o direito a lugares específicos dentro da Igreja e à escolha anualmente de uma dessas famílias para levar o andor de Nossa Senhora da Conceição como sinal de agradecimento e gratidão.

Em relação ao comportamento do povo de santo no dia da festa à noite, o excerto do jornal a seguir exemplifica que

> O fascínio que a Festa de Oxumaré, tido por muitos como Yemanjá, exerce sobre quem a conhece, ou dela ouviu falar, é uma coisa fantástica. As comemorações são cheias de um ritmo tenso primitivo, da linguagem sensual vinda de um corpo que dança, de um relacionamento despojado, direto, simples e intenso como a natureza. É, como já afirmamos uma cerimônia trazida consigo pelos negros africanos, aqui chegados na época em que se instalaram os primeiros engenhos de açúcar, e que ficou entre nós, mantendo-se fiel a sua origem, transmitida de geração a geração. [33]

Isso significa dizer que o comportamento do povo de santo no dia festivo era de busca de aproximação, diálogo e conversação numa tentativa de romper a intolerância religiosa instalada na cidade. O povo de santo ao sair dos terreiros comemorava o dia do orixá com o mesmo ritmo presente nos terreiros. Os pontos e a dança sofriam pequenas mudanças na realização de um rito em público. A presença de pessoas vendo esses ritos não modificava o relacionamento despojado, direto, simples e intenso do povo de santo.

Voltando para tensão religiosa existente em Aracaju, o fato é que, mesmo com várias atividades durante o dia da padroeira da Capital, não houve impedimento para surgir a Lavagem da Conceição. Assim, a Lavagem foi pensada para ser realizada no intervalo de tempo, entre o fim da missa das 9 horas e o início da missa das 15 horas e 30 min. A falta de eventos neste período contribuía para o povo de santo do Estado viajar até Salvador e participar da Lavagem da Conceição da Praia.

---

[33] Nossa Senhora da Conceição, uma Santa para duas festas. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 8 e 9 dez. 1982.

5. O cortejo de baianas se dirigindo à Catedral Metropolitana. Aracaju. [199-] Foto: INTECAB/SE

6. O cortejo adentrando no Parque Teófilo Dantas. Aracaju. [199-] Foto: INTECAB/SE

Os boatos de que os umbandistas e candomblecistas da capital estariam se programando para realizar a Lavagem da Conceição geravam muita expectativa na sociedade pelas possíveis consequencias deste ato. O colunista do jornal Tribuna de Aracaju relata que

> A promoção está dando o que falar. Os organizadores, que contam inclusive com o apoio de vários grupos do culto Afro-brasileiro, afirmam que está tudo pronto, no dia 8 de dezembro vão se concentrar na Praça Camerino pela manhã e de lá sairá o cortejo (quase todos de branco, com vasos de água perfumada e flores), seguindo pela rua de Pacatuba, dobrando na travessa José de Faro, chegando na Praça Olímpio Campos onde farão a lavagem das escadarias da Catedral em honra à Padroeira da Cidade, Nossa Senhora da Imaculada Conceição, costume aliás que se transformou numa tradição na capital baiana na festa do Senhor do Bonfim. [34]

O momento histórico do surgimento da Lavagem da Conceição em Aracaju corresponde ao declínio do Regime Militar no Brasil (1982). Ao mesmo tempo em que era um período difícil de protestar, denunciar, pois não havia liberdade de imprensa ou de manifestação. À medida que o processo de reabertura política ia se desenvolvendo, o regime ia perdendo força. Assim, o fim da ditadura em Sergipe propiciou força para manifestações que almejavam melhoria dos problemas sociais e econômicos criados pelo Regime. As manifestações religiosas públicas do período eram acompanhadas pelas forças policiais federais e estaduais. Poderíamos pensar que neste ambiente de insegurança política qualquer manifestação religiosa ligada aos cultos africanos poderia representar uma ameaça à ordem local. No nosso caso a reunião em praça pública e o ato de lavar as escadarias poderiam ser interpretados pelos militares como uma afronta ao regime. Assim, o ato religioso poderia oferecer perigo àqueles que participavam por ser mal compreendido pelos militares.

A preocupação social da imprensa no período pode ser vista em outro trecho desse mesmo jornal, em que se teme o pior pela Lavagem:

> Sabe-se que a Igreja não olha com bons olhos tal iniciativa popular. E que não dará o seu apoio e sua benção, mas os organizadores continuam convidando a comunidade a participar e afirmam, pelos bons propósitos, contar com o apoio e benção da Virgem Maria. Quem viver...verá. [35]

A partir do documento acima podemos inferir que a Igreja não concordava com a Lavagem da Conceição por diversos motivos: 1 – por ter sido um sobrinho do arcebispo da Capital que havia idealizado o ato; 2 – o povo de santo não era bem vindo em um templo católico; 3 – para os párocos Nossa Senhora jamais seria Oxum; 4 – disputa religiosa por fiéis; 5 - intolerância religiosa por parte da Igreja; 6 – corria-se o risco de ocorrer na Catedral

[34] Lavagem da Conceição. **Tribuna de Aracaju**. Aracaju, 8 e 9 dez. 1982.
[35] Ibid.

um conflito entre policiais e candomblecistas e, por fim, o povo de santo não era digno de ir a uma Igreja Católica. O fato é que em 1982 o povo de santo saiu a partir da Praça Camerino em direção à Catedral. E lá não ocorreu nenhum incidente grave.

Na segunda-feira, dia 8 de dezembro de 1983, antes da missa das nove e trinta a qual seria celebrada por D. Luciano Cabral Duarte, previa-se a Lavagem das Escadarias da Catedral Metropolitana da Capital. O cônego da Igreja Metropolitana, Claudionor Brito Fontes, junto com o arcebispo, comandou na parte da tarde a procissão que saiu da Catedral pela rua Santa Luzia, Avenida Barão de Maruim, Praça Camerino, Rua Pacatuba, Praça Fausto Cardoso, Travessa Benjamim Constant regressando à Catedral. Já nesse ano a Lavagem da Conceição concorreu com a festa a Oxum tradicionalmente ocorrida à noite. O trecho do jornal da Tribuna de Aracaju de 1983 diz:

> Uma Missa em ação de graças na Catedral Metropolitana e uma procissão pelas principais ruas da cidade marcarão, nesta segunda-feira, as comemorações, pela passagem do Dia de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Aracaju. A missa começara às 9h30min e será celebrada pelo Arcebispo de Aracaju, Dom Luciano Cabral Duarte. Antes do ato religioso, porém, prevê-se a realização da lavagem das escadarias da Catedral Metropolitana da Capital, também pela manhã por adeptos de religiões afro-brasileiras.[36]

A visibilidade que a Lavagem trouxe para o povo de santo gerou disputas internas pelo controle do evento. Assim, a Lavagem da Conceição nesses três primeiros anos passou por diversas mãos (mãe Nair, mãe Lindinalva) até chegar à coordenação atual (mãe Angélica). A quem interessava esta disputa? Aos zeladores dos terreiros envolvidos na festa, pois, o controle da Lavagem daria uma visibilidade específica que a noite na praia da Atalaia Velha não dava. Como os ritos na praia seria um desdobramento das festas nos terreiros, mas de forma aberta ao público, as centenas de terreiros da capital presentes em um só local ofuscariam qualquer terreiro que porventura viesse a se destacar pela tradição, pela organização ou pela beleza da festa a Oxum. À noite através da federação se conseguia espírito de união para a festa a Oxum.

Outro motivo de disputa pela organização da Lavagem seria a possibilidade de obtenção de recursos. Como a Festa a Oxum fora organizada pela Secretaria de Cultura do Município, pensava-se que os recursos da Secretaria destinados a ela poderiam vir a ajudar ou beneficiar algum terreiro. A consequencia em longo prazo foi o esvaziamento por parte de muitos terreiros tradicionais do Estado na participação da Lavagem da Conceição. O que não

[36] Missa e procissão marcarão dia da Padroeira. **Tribuna de Aracaju**. Aracaju, 8 e 9 dez. 1983.

quer dizer que estes terreiros de forma indireta ou extra-oficial não contribuíram para com a Lavagem.

Em 1983, a coordenação da Lavagem conseguia maior espírito de união. Nesse ano, ainda permaneceu alguns problemas herdados das edições anteriores. A não adesão de algumas lideranças das religiões afro-brasileiras que divergiam da forma de organização e falta de união entre o povo de santo fez aumentar a disputa pelo controle do evento.

Em 1984, o Jornal Tribuna de Aracaju noticia:

> A praia de Atalaia, na noite da última segunda-feira, foi o cenário perfeito, embora não ideal (explica-se: Oxum é a rainha da água doce) dentro do conceito religioso, para a realização da grande festa de Senhora Oxum, identificada no sincretismo afro-brasileiro como Nossa Senhora Imaculada Conceição. O público foi realmente dos maiores, num vai e vem constante, predominância das roupas brancas, e muitos presentes e flores para serem colocados nas águas do mar. [37]

Mesmo com todos esses problemas à noite na praia de Atalaia havia algo que a Lavagem da Conceição não tinha o verdadeiro espírito de união das religiões. O cooperativismo contribuía para a formação de uma identidade afro-sergipana, baseada na herança cultural deixada pelos negros do Estado. À medida que a Lavagem ganha visibilidade, a participação dos terreiros aumenta, pois o espírito religioso congregava os líderes das religiões afro-brasileiras em torno de um objetivo comum, que era homenagear Oxum.

A presença do público na festividade, a noite era sempre grande. A riqueza da festa era percebida nos detalhes luxuosos das roupas brancas dos filhos-de-santo, nos presentes e flores que eram colocados nas águas do mar. O jornal Tribuna de Aracaju relatou:

> Os Terreiros de Umbanda prepararam-se a caráter para a grande festa. Cada um apresentava uma novidade em honra à Oxum, com seus Filhos de Santo impecavelmente vestidos, sem esquecer o brilho dos Babalorixás e Ialorixás. Mais de uma centena de grupos tomou conta das areias da praia, iluminadas por gambiarras de lâmpadas coloridas e pela luz oscilante das velas. [38]

A participação dos filhos-de-santo era muito grande, estimamos a presença de dezenas de milhares de pessoas na praia, mesmo sendo um local afastado da cidade, sem muitas habitações e infra-estrutura. Contava-se com a pureza das águas e a pouca badalação dos dias atuais. Muitas vezes o transporte desses filhos era feito em ônibus, carros particulares, táxi e até carroças. Os poucos bares que havia no local ficavam repletos de turistas, curiosos e pessoas importantes da sociedade que iam até a Atalaia Velha curtir o feriado aproveitando o

[37] Uma noite para Oxum. **Tribuna de Aracaju**. Aracaju, 8 e 9 dez. 1984.
[38] Ibid.

toque dos atabaques. Para quem presenciava a festa, parecia estar dentro de um terreiro a céu aberto, já que se viam velas, danças, paramentos, e ouviam os atabaques, pontos, e o povo de santo. Tudo movimentava a região e estimulava o incipiente comércio local.

O interesse público era considerável. Assim, motivava sugestões por parte da imprensa na festa. É sugerido pelo jornal Tribuna de Aracaju, por exemplo:

> Só deixamos aqui, para o próximo ano, uma sugestão: teríamos um público triplicado, se fosse incentivado o costume de tal comemoração ser realizada na véspera na noite do dia 7, invadindo a manhã do dia 8, com o banho de Oxum, do São João, do Ano Novo, etc. Muita gente deixou de ir, ou retornou para suas casas bem mais cedo, tendo em vista que o dia seguinte seria de expediente normal. Mas no geral, a noite foi das mais bonitas. [39]

Nesse sentido o que se pretendia era atender a uma demanda comercial e turística mesmo tendo que mudar a data da festa por sugestão de algumas pessoas que reclamavam do o horário impróprio para comemorar aquela festa, pois, como tinha ocorrido no referido ano, era dia de expediente normal após o feriado. Enquanto isso a Lavagem da Conceição ocorria pela manhã do dia 8 de dezembro na Igreja de Nossa Senhora da Conceição por umbandistas e candomblecistas da capital e do interior.

A polícia atuou na terceira lavagem. Quando ao tentar adentrar no Parque Teófilo Dantas pelo portão principal, o cortejo dos “filhos de fé” foi impedido pelo policiamento que ficou à espera dos católicos com o intuito de protegê-los. Dessa forma, cada portão do parque tinha um ou dois camburões. Quando o cortejo chegou, o arcebispo ordenou fechar as portas da Catedral com o povo católico todo dentro da Igreja. A Lavagem ocorreu mesmo assim e os católicos permaneceram presos dentro da Igreja até o término da Lavagem, os quais puderam sair sem ver ou ter contato com o povo de santo.

Concluímos que o contexto do surgimento da Lavagem da Conceição em Aracaju foi favorável a origem de práticas religiosas públicas, mesmo co-existindo agentes sociais e instituições contrárias a tal iniciativa. Se por um lado o sistema religioso proporcionou a ocorrência de eventos religiosos ligados aos cultos afro-brasileiros, por lado a organização interna desses cultos consolidou a permanência dos eventos em Aracaju. O que significa dizer que a cultura afro-brasileira está sendo respeitada.

---

[39] Uma noite para Oxum. **Tribuna de Aracaju**. Aracaju, 8 e 9 dez. 1984.

2.3. O Ciclo da festividade

Narrada a história da Lavagem das Escadarias da Igreja de Nossa Senhora da Conceição em Aracaju a partir da festa da padroeira tendo como base documentos históricos, e o processo de consolidação nos primeiros anos dela. Os objetivos agora são: explicar os eventos organizados pela umbanda e candomblé em Aracaju que antecedem a Lavagem e elucidar o contexto espacial e temporal da Festa a Oxum.

O ciclo da festa dos orixás é influenciado pela nação, pelas diferenças entre os terreiros e pela própria religião na qual os orixás são classificados de maneira diferente (no Candomblé e na Umbanda). Esse ciclo compõe um conjunto de três fases temporais importantes: a anual, a mensal e a diária.

No candomblé nagô temos festas para os orixás: Olorum, Oxalá, Exu, Ogum, Oxóssi, Omolu, Xangô, Iansã, Nanã, Iemanjá, Oxum, Oxumaré, Iroco e Ibeji. Já na Umbanda temos Oxalá ou Zambi e a divisão em sete linhas: linha de Iemanjá, linha de Xangô, linha de Oxóssi (ou Caboclos), linha de Ogum, linha de Pretos-velhos, linha de Criança e linha de Exu. Cada linha é subdividida em sete falanges. Portanto, há em cada linha Orixás com vários nomes que são classificados dentro das falanges. No caso, existe na linha de Iemanjá uma falange comandada por Oxum.

Segundo Édison Carneiro (1961, p. 81), “os orixás femininos, as *iabás*, são quase todos orixás das águas e em geral gozam de larga popularidade entre o povo de santo”. Em termos gerais encontramos Nanã, festejada em 26 de julho, considerada a mais velha das mães d’água, mãe de todos os orixás. Temos Iemanjá, festejada no dia 2 de fevereiro, Iansã, festejada no dia 4 de dezembro, e, por fim; Oxum, festejada no dia 8 de dezembro, deusa das fontes e dos regatos, é uma deusa menina. (op. cit., p. 81/82).

A mitologia oficial de Oxum varia conforme os grupos religiosos. Para o babalorixá Fernando a mitologia de Oxum seria:

> “Oxum conheceu Oxossi banhando-se no rio. Oxum vivia no reino das iabás onde nenhum homem, exceto Oxalá, podia entrar. Oxossi se travestiu de iabá para entrar no reino e não ser descoberto por Oxalá. Acontece que Oxum ficou grávida. Oxalá reuniu todas as iabás e ordenou que tirassem as saias para saber quem era o intruso. O único que resistiu à ordem foi Oxossi. Oxalá expulsou-o do reino e Oxum deu a luz à Logun Edé. Oxalá permitiu que Logun passasse seis meses com o pai e seis meses com a mãe. Antes, Oxum havia negociado durante seis meses para que o menino permanecesse no reino. Ao parir Logun Edé, Oxum abandonou-o num jardim e Iansã pegou-o para criar. Quando Logun ficou rapazote saiu para caçar. Ele viu uma moça bonita se banhando. Era Oxum. Quando percebeu que estava

> sendo observada por um homem, Oxum encantou-se e transformou-o num cavalo-marinho. Iansã que estava passando, percebeu e disse-lhe que era seu filho. Oxum se desfez em pranto e suas lágrimas ampliaram cada vez mais os rios. Ela desfez o feitiço e, a partir daquele momento, ela rejeitou mais Logun que passou a ser paparicado tanto por Iansã quanto por Oxum. (Entrevista do Babalorixá Fernando)[40]

De acordo com a tradição, o orixá Oxum representa as águas doces, rios, lagos e cachoeiras, representa a beleza, dona da aliança, da união, do amor, do casamento, da alegria e da felicidade. Oxum é a rainha da nação *Ijexá*. Ela é deusa da fertilidade, é dona do ouro e de todas as jóias preciosas. Oxum é a *iabá* mais vaidosa do panteão africano. Tudo que se relacione a alegria e a riqueza tem a ver com Oxum. Foi Oxum que ajudou a criar todos os filhos de Iemanjá, ela controla a fecundidade, o ventre materno e protege as crianças. Oxum é a deusa da prosperidade e da fartura. Como todos os outros orixás, existem diversos tipos de Oxuns, de acordo com cada nação.

Há, também, diversas imagens de Oxum. Elas a mostram como sendo maternal, jovem ou guerreira. Oxum exerce uma ampla influência no comportamento do povo de santo, regendo o lado teimoso, manhoso e maldoso. A forma comportamental materializada pela influência de Oxum sobre as suas filhas-de-santo corresponde a fofocas, arrogância, intrigas, comentários etc. Oxum mexe com o charme, tudo que está ligado à sensualidade, sutileza, dengo, flerte, carinho, amor. Oxum está muito intimamente ligada à magia, pois é a divindade africana mais ligada às *yámi oxorongá*.

As festas dos orixás femininos (Oxum e Iemanjá), conhecidos como *iabás*, como já apontei em geral, costumam acontecer em dezembro, devido ao sincretismo religioso. As festas religiosas nas comunidades afro-brasileiras dão o ritmo da vida social. É a partir do calendário de festas que se organiza o ano de atividades nos terreiros. A fixação do calendário com as datas festivas, que diferem de terreiro para terreiro, tem como origem a combinação de três calendários: o africano, o cristão católico e o civil. Em Aracaju, as comemorações referentes à Festa de Oxum ocorrem geralmente no mês de dezembro, acompanhando o calendário da festa católica de Nossa Senhora da Conceição. No entanto, não quer dizer que a preparação da festa não se estenda a outros meses. Assim, como os santos na Igreja Católica representam “causas”, os Orixás representam elementos, personalidades e comportamentos.

No caso de Oxum podemos enumerar um conjunto simbólico de elementos que a difere e identifica dos outros orixás. Na verdade, são referências simbólicas que fornecem os

---

[40] Entrevista transcrita do livro **O literário no discurso cosmogônico do candomblé**, pg. 38 retirada do anexo, feita por Jaci dos Santos no final do ano de 1994.

parâmetros audiovisuais, através de oferendas, sacrifícios e linguagens simbólicas para os que processam o culto a este orixá. As suas principais qualidades são apresentadas logo abaixo em uma tabela que informa as correspondências desse orixá, segundo o Candomblé Nagô.

Tabela 1: Correspondências segundo o Candomblé Nagô

ORIXÁ	**OXUM**
COR	AMARELO
DIA DA SEMANA	SÁBADO
DOMÍNIO	BELEZA
ELEMENTO	ÁGUA DOCE
ESPIRITUALIDADE	SEXUALIDADE
OFERENDAS	OMOLOCUM, XINXINS DE GALINHAS, ADUN, IPETÉ
PLANETA	VÊNUS
SACRIFÍCIO	CABRA, GALINHA, PATO
SAUDAÇÃO	ORA IEIÊ

Fonte: O Candomblé da Bahia, de Roger Bastide, 2001.

Segundo Pierre Verger (1981, p. 176), “é recomendável fazer sacrifícios de cabras a Oxum e oferece-lhes pratos de *mulukun* e de *adun”*. Para o autor, “a sua dança lembra o comportamento de uma mulher vaidosa e sedutora que vai ao rio se banhar, enfeita-se com colares, agita os braços para fazer tilintar seus braceletes, abana-se graciosamente e contempla-se com satisfação num espelho”.

Apesar do forte caráter matriarcal das culturas africanas, o calendário litúrgico original do candomblé era marcado pelo advento das quatro estações climáticas, com o solstício de inverno, ou seja, junho era dedicado aos principais orixás masculinos: Ogum, Xangô, Oxalá. Já o solstício de verão; dezembro, era consagrado aos orixás femininos: Iansã, Oxum, Iemanjá. No Brasil, nunca houve uma homogeneidade de calendário para o culto dos orixás, pois, a própria diversidade de santos católicos influenciou as festividades afro-religiosas em diversas cidades contribuindo para não haver padronização. Além disso, a fiscalização,

repressão e o sincretismo sofridos pelos cultos de origens afros fizeram com que os praticantes dessas religiões se adaptassem de forma diferente a cada realidade criando suas festas baseadas nas cerimônias católicas de cada região do país.

A festa a Oxum em Aracaju possui uma parte pública que seria a Lavagem da Conceição e as doações das oferendas na praia e uma parte interna que seriam as obrigações e todo o ritual que envolve os filhos-de-santo nas casas que fazem a festa a Oxum. É importante lembrar que nem todas as casas de candomblé em Aracaju realizam a Festa a Oxum e aquelas que realizam nem sempre a fazem em dezembro. Assim, o ciclo da festa de Oxum descrito aqui se refere a apenas uma casa que realiza a festa em Aracaju no mês de dezembro. Esclareço que as informações aqui presentes do CEUPA dirigido pela ialorixá Maria Angélica foram conseguidas por depoimentos das *ialorixás* e observações realizadas durante os anos de 2007 e 2008.

O que ocorre em muitos processos ritualísticos do Candomblé e da Umbanda é uma constante troca de identidades entre o indivíduo e o princípio abstrato que ele manifesta (comportamento guiado pelo orixá). Há uma reciprocidade simbólica muito dinâmica e forte entre a entidade e a pessoa. É esta reciprocidade que se desenvolve em três níveis. O primeiro seria o ciclo anual de firmeza da casa, o segundo seria o ciclo mensal de realimentação energética dos fetiches e dos *abós* e por fim o ciclo semanal das obrigações individuais. Além do calendário anual de festas, que compõe o "grande ciclo", cada festa tem também seu ciclo próprio.

O ciclo de festas na Umbanda é composto de inúmeros encontros, chamados de giras ou sessões. Podemos distinguir dois tipos de encontros no ciclo de festas: os ordinários e os extraordinários. Aqui em Aracaju, a maioria das casas de Umbanda tem encontros ordinários, ou seja, semanais. Há dois tipos de encontros ordinários: as sessões de desenvolvimento destinadas aos membros da casa, tendo como objetivo a iniciação (é através desse processo que os umbandistas aprendem técnicas para controlar e harmonizar o seu contato com as entidades espirituais), e as sessões de caridade abertas ao público, em que se colocam a disposição das pessoas presentes consulta, aconselhamento, conforto etc.

De acordo com Janaína Maia (1998, p. 87), "a umbanda possui uma característica importante desde o seu surgimento: diversidade. Isso quer dizer que cada terreiro de Umbanda possui autonomia para modificar ou reinterpretar os aspectos religiosos que compõem os seus rituais". Assim, não é possível encontrar nenhum terreiro ou festa totalmente semelhante ao outro. Segundo Maia (1998, p. 89), "os terreiros de Umbanda em Aracaju assimilaram

influências do nagô, do candomblé, do toré, do espiritismo kardecista, do catolicismo, e de práticas esotéricas".

Já as festas extraordinárias são aquelas que celebram datas especiais ou nas quais se fazem cerimônias especiais. A festa em homenagem à entidade espiritual principal da casa é uma comemoração especial, que conta com a presença de convidados, com música, dança, comida e bebida, além das possessões. A data de celebração da entidade da Casa é influenciada, via de regra, pelo calendário católico da celebração dos santos. Essas festas extraordinárias não são celebradas necessariamente dentro dos terreiros, podem ocorrer em matas, na beira da praia, rios ou cachoeiras.

O ciclo de festas do Candomblé não tem um número grande de eventos. Aqui em Aracaju em média se fazem três ou cinco festas por ano. Grande parte dos encontros periódicos dentro dos terreiros é destinada a realizar as "obrigações". Faz-se festa para o início das atividades anuais da Roça, festa do Orixá principal, festa de alguns outros Orixás de significado especial, festa dos ancestrais, festa de encerramento das atividades do ano. Há também ocasiões não regulares de festas como a saída de *iaô* e de obrigações de 1, 3, 7, 14, 21 e 30 anos de iniciação. Cada festa tem seu ciclo que pode durar diversas semanas e rituais que preparam os filhos espiritualmente e materialmente antes da festa e encerram com obrigações de descanso e normalidade da Roça.

De acordo com Beatriz Góis Dantas (1982, p. 67), "o ciclo ritual conhecido como festejo agrega ritos específicos conjugados de maneira a formar uma unidade". Para festejar é preciso abrir e fechar o terreiro. Dessa maneira, o ciclo festivo da Festa a Oxum compreende os ritos de abertura (lavagem dos santos, despacho de Exu, cerimônia do ebó), os ritos centrais (sacrifícios de animais, refeições, e danças), os ritos de encerramento (despedida dos orixás, refeição), os ritos dos mortos (invocação e alimentação dos antepassados) e o rito de purificação (lavagem).

As festas no Candomblé e na Umbanda têm estruturas e objetivos diferentes. No Candomblé as festas têm objetivos de prestar louvor aos orixás, na Umbanda têm objetivo principal de prática da caridade. As estruturas festivas descritas a seguir se referem apenas a uma casa de candomblé, por se tratar da casa que dirige a Lavagem da Conceição. Portanto, não quero generalizar a descrição afirmando que os mesmos rituais ocorrem de maneira igual em outras casas de Candomblé e nem que os centros de Umbanda não possuam festividades ou que sejam estas semelhantes às dos terreiros de Candomblé, apenas foi uma escolha metodológica já que seria impossível acompanhar todas as casas que participam da Lavagem das Escadarias da Catedral de Aracaju.

Os festejos do 1º Ciclo (anual)

O espaço dos terreiros de candomblé e umbanda nos leva a uma geografia da religião, do mesmo modo o estudo do tempo nos conduz ao calendário das festas. Cada ano, mês, dia e talvez cada hora tenha suas qualidades específicas, suas virtudes especiais, que os distinguem, separando os momentos e impedindo-os de se confundirem na homogeneidade do calendário formal.

Ora, o estudo do tempo na religião afro-brasileira é infinitamente muito complicado. Pois, o calendário africano se choca com o calendário católico, além de que é quase impossível se determinar padrões litúrgicos iguais aos terreiros de candomblé e umbanda. No começo dessas religiões o negro se viu obrigado a celebrar seus ritos e dançar diante de um altar católico que lhe servia de álibi. Assim, cada divindade se ligou a um santo católico, e as festas africanas se transportaram para os dias em que se comemoravam esses santos. Como escreve Bastide (2001, p. 90) o calendário africano foi inserido no calendário português ou se adaptou a ele. Assim, segundo este autor, chegamos ao calendário anual de festas e cerimônias destas religiões resumido da seguinte maneira:

Tabela 2: Calendário de festas anual

20 de janeiro	Dia de São Sebastião	Festa de Omolu
2 de fevereiro	Dia da Purificação	Festa de Oxum e de Iemanjá
23 de abril	Dia de São Jorge	Festa de Oxóssi
13 de junho	Dia de Santo Antônio	Festa de Ogum
24 de junho	Dia de São João Batista	Festa de Xangô Afonjá
29 de junho	Dia de São Pedro e São Paulo	Festa de Orixalá
26 de julho	Dia de Santa Ana	Festa de Nanã
24 de agosto	Dia de São Bartolomeu	Festa de Oxumaré
27 de setembro	Dia de São Cosme e Damião	Festa dos Ibêjis
30 de setembro	Dia de São Jerônimo	Festa de Xangô
2 de novembro	Dia de Finados	Festa dos Eguns
4 de dezembro	Dia de Santa Bárbara	Festa de Iansã
8 de dezembro	**Dia da Imaculada Conceição**	**Festa de Oxum ou de Iemanjá**

Fonte: O candomblé da Bahia de Roger Bastide, 2001.

De todas essas festas apenas algumas são realizadas pelos terreiros de candomblé de Aracaju variando de acordo com o orixá da casa e do zelador. As festas não são em datas fixas, podendo variar de acordo com o terreiro e religião e não quer dizer que inexistam festas ou cerimônias extraordinárias. Desse jeito, as grandes festas anuais somente se destacam, num fundo temporal religioso, ou seja, uma data que consagra a mais latente adoração. No nosso caso o dia de Nossa Senhora da Conceição é o dia da padroeira de Aracaju.

O ano do candomblé não se identifica com o calendário formal. Segundo escreve o estudioso das religiões afro-brasileiras Roger Bastide (2001, p. 93), não vai de 1º janeiro a 31 de dezembro, vai do fim de agosto ao começo do mês de agosto seguinte, ou da primeira sexta-feira de setembro ao fim de agosto do ano seguinte, conforme os terreiros. Esse calendário nos serve apenas como ponto de referência para os diversos calendários dos terreiros de candomblé e umbanda de Aracaju.

Assim, o primeiro ciclo da festa é o anual. Seguindo Bastide (2001), o primeiro dia do ano para os terreiros é marcado por uma festa chamada *Oduna,* que é a "festa de todos", destinada a pedir às divindades a felicidade dos praticantes e a prosperidade. É uma festa mais destinada a estreitar os laços sociais entre os membros da mesma religião do que abrir o calendário festivo. Conforme Bastide (2001, p. 93), "a cerimônia que abre o ano religioso era designada antigamente ou pelo nome "inhame novo", o que a liga os ciclo das festas agrícolas da África ou pelo nome de "água de oxalá", o que a liga ao ciclo das adorações divinas". Passadas estas duas fases chegamos propriamente à preparação anual da festa de Oxum.

A preparação dos festejos de Oxum começa muito antes do mês e do dia comemorativos. Como é uma festa que dá visibilidade ao terreiro, requer uma preparação mais dedicada. Para que haja sucesso na execução da festa, é preciso tempo de preparação e organização. Esse tempo em muitos casos é utilizado para tomar uma série de providências e decisões de ordem ritual e logística, com o intuito de se conseguirem recursos a fim de satisfazer os anseios de todo o povo envolvido.

A realização de uma festividade afro-brasileira mobiliza uma série de recursos econômicos e simbólicos, dentro e fora do terreiro, além, é claro, de material humano. A mãe ou o pai-de-santo responsável reúne o povo de santo e comunica que vai haver festa e que todos devem colaborar com trabalho, oferendas, dinheiro, ou seja, exige-se que se participe ou colabore com qualquer fase da festa. Na preparação da Festa de Oxum, a mãe-de-santo aproveita para avaliar a última festa, ponderar as falhas cometidas e os problemas acontecidos, bem como as soluções que foram dadas a eles. Sendo assim, começa-se justamente realizando uma auto-análise da festa anterior.

Em seguida, fazem-se reuniões com todo o povo de santo que queira participar da festa com o intuito de levantar todo o material necessário e tudo o que precisa para a festividade. As reuniões são realizadas com o intuito de esclarecer dúvidas a respeito da festa, conseguir apoio financeiro, logístico etc. Se o terreiro tiver recursos para a divulgação da festa, manda-se imprimir convites com data, motivo, endereço e até o traje adequado para a ocasião. Caso o terreiro não tenha condições financeiras para isso, será mobilizada a comunidade do povo de santo. A comunidade será a responsável por passar todas as informações necessárias para que se divulgue bem a festa.

Após muitas reuniões, discussões e levantar os recursos necessários para a compra dos artigos necessários para a festividade, todos os membros do terreiro devem estabelecer uma espécie de escala de serviço na casa. A intenção é que todos de alguma forma ajudem a montar e executar a festa. Já que há necessidade de pessoas para trabalhar nos diversos momentos da festa, muitas vezes com a variedade de detalhes da preparação clientes das mães e pais-de-santo e visitas presentes são chamados a contribuir.

Em uma organização bem encaminhada é preciso que os adeptos se organizem também fora do terreiro. Ajudar a festa é ajudar a casa de santo. A festa altera a rotina do terreiro, das pessoas envolvidas direta e indiretamente. A festa mexe com a vida diária das pessoas chegando ao ponto de se trabalhar horas a mais no emprego para conseguir economizar dinheiro, participar da festa, comprar uma roupa nova para o seu orixá, oferecer-lhe oferendas e ter tempo livre que possa ser usado nas tarefas do terreiro.

Desde a confecção dos convites, cartazes, folhetos etc tem início um trabalhoso processo que inclui não só a coleta de recursos, como ainda uma série de tarefas no terreiro. Para o francês Roger Bastide (2001, p. 92), “as festas anuais podem deixar de ter lugar, se o candomblé está de luto; neste caso ele permanece fechado por um ano”. O luto é o único impedimento para as festas.

Os festejos do 2º Ciclo (mensal)

O mês de cada orixá é celebrado com muita festa e cultos. As semanas que compõem o mês não são apenas uma seqüência de dias e horas marcadas pelo tempo convencional. Cada semana tem uma correspondência com o orixá homenageado e com os demais orixás. As correspondências podem variar de terreiro para terreiro, as relações entre o terreiro e

aquela divindade, entre o orixá e o dia não são exatamente os mesmos no candomblé ou na umbanda em Aracaju.

Como escreve Roger Bastide (2001, p. 100), essas variações não devem nos surpreender, pois também as encontramos na África. Logo, o que expusermos aqui nos serve apenas como ponto de partida para analisarmos o significado que a festa de Oxum tem para o povo de santo de Aracaju. Os festejos do ciclo mensal Começam logo após a Festa dos *Eguns*[41]. Em Aracaju não temos notícia dessa festa. Antes de iniciar os rituais para *Egum*, algumas mulheres fazem uma roda para dançar e cantar em louvor aos orixás; após esta saudação elas permanecem sentadas, para dar início ao ritual. Para Bastide (op. cit., p. 134) "toda cerimônia começa obrigatoriamente por uma saudação a *Exu*, que exige as primeiras homenagens, e logo em seguida por outra aos antepassados".

Segundo Aulo Filho (1986), o *Egum* é a morte que volta a terra em forma espiritual e visível aos olhos dos vivos. A aparição dos Eguns é cercada de mistério. Em alguns candomblés encontra-se ainda o *egungum*, aparição da alma do finado. O eg*ungum* surge no salão apresentando-se como uma pessoa vestida de longas roupas brancas e tiras de panos, que caem da parte superior da cabeça formando uma grande massa de tecidos, da qual não se vê nenhum vestígio de quem está sob a roupa. O objetivo principal desta festa é unir os vivos com os mortos.

Conforme Filho (1986) a roupa do e*gum* chamada de *opá* ou *egungum* propriamente dito, é sacra na qual nenhum humano pode tocá-la. Todos os *mariwo* usam o *ixã* para controlar a morte, ali representada pelos *eguns*. Já que a pessoa que for tocada por *Egum* se tornará um assombrado e o perigo a rondará. Ela então deverá passar por vários ritos de purificação para afastar os perigos de doença e até a própria morte.

Para o pesquisador das religiões afro-brasileiras José de Campos (1989, p. 11), a entidade *Egum* é um espírito desencarnado. O contato físico com *Egum* ainda que um simples esbarrão nas tiras de panos é fatal. Nem os mais qualificados sacerdotes, como os ojé *atokun*, que invocam, guiam e zelam por um ou mais *Eguns* ousa tocá-los. Assim, desempenhando todas essas atribuições substituindo as mãos pelo *ixã* (instrumento que invoca o *egun*).

Os *Egum-Agbá*[42], também chamados de *Babá-Egum*[43], são e*guns* que já tiveram os seus ritos completos e permitem, por isso, que suas roupas sejam mais completas e suas vozes

[41] A festa dos Eguns ocorre apenas em um terreiro localizado em São Cristóvão.
[42] Ancião.
[43] Pai.

sejam liberadas para que eles possam conversar com os vivos. Conforme Aulo Filho (1986), os *Apaaraká* são *eguns* mudos e suas roupas são as mais simples, não tendo tiras e parece um quadro de pano com duas telas, uma na frente e outra atrás. Esses *eguns* ainda estão em processo de elaboração para alcançar o status de *Babá*.

Como vimos, existem várias qualificações de e*gum*, isso pode variar conforme os ritos, suas roupas, paramentos e maneira de se comportarem. Nas festas de *Egungum* logo após os fiéis entrarem no salão público, a porta principal é fechada e somente aberta no final da cerimônia. Os *eguns* entram no salão através de outra porta exclusiva.

Os ancestrais são invocados e rondam os espaços físicos do terreiro. Vários *amuxã* (iniciados que portam o ixã) funcionam como guardas espalhados pelo terreiro e nos seus limites para evitar que algum *Babá* ou *Apaaraká* escape aos olhos atentos dos *ojés* e saiam do espaço delimitado invadindo os espaços não protegidos. Os *Eguns* são invocados na casa do segredo a qual é dividida em uma ante-sala onde somente os *ojé* podem entrar.

Nessa festa um local muito importante é o mais conhecido como *balé.* Este é o local onde estão os assentamentos, nos quais estão os elementos litúrgicos que associados individualizam e identificam o *egum* ali cultuado. Além disso, está o *ojubô-babá*, que é um buraco feito diretamente na terra, rodeado por vários *ixãs* que em pé delimitam o local.

Segundo Filho (1986), é nos *ojubô* que são colocadas oferendas de alimentos e sacrifícios de animais para o e*gum* ser cultuado ou invocado. No *balé* os *ojé atokun* invocam o *egum* escolhido diretamente no assentamento e é neste local que o poder e o *axé* de e*gum* nasce através do conjunto *ojê-ixã/idi-ojubô*. Como esclarece Campos (1989, p. 15), "para sacrificar os animais para *egum* ou *babá-balé*, é preciso que se conheçam as suas cantigas de matança e suas cantigas de danças". A comida habitual de *egum* assentado é o *ecó*. Ele bebe cachaça, vinho tinto, cerveja preta, cerveja branca, vinho doce e outros tipos de bebidas.

De acordo com Aulo Filho (1986), após saírem do *ilê awo*, os *eguns* são conduzidos pelos *amuxãs* até o salão, entrando no local onde os fiéis os esperam, isso causa grande espanto e admiração, pois eles ali chegaram levados pelas vozes dos *ojê*, pelo som dos *amuxã*, brandindo os *ixã* pelo chão e aos gritos de saudação e repiques dos tambores dos tocadores e cantadores de *egum*. *Egum* não se mistura com orixás, *egum* só se mistura com *exu* e nem é qualquer *exu*. E mais: não confundir o *axexê*, que são cerimônias funerárias, com os ritos de homenagem aos mortos. Essa festa dos *Eguns* de modo geral é realizada no dia 2 de novembro, dia de finados, por sincretismo com o catolicismo.

O que nos é importante nessa cerimônia é a divisão dos espaços dentro da casa. Há dois tipos de espaços: um sagrado composto pelo assentamento e um espaço profano formado por mulheres, crianças e homens. Após a festa, é a partir dela que o terreiro começa a sua preparação definitiva pra a festa de Oxum.

Vale a pena ressaltar que as grandes festas nos terreiros de candomblé e umbanda são em setembro e dezembro. No entanto, lembramos ainda uma vez que cada terreiro escolhe a data de suas próprias festas, e o que dizemos a respeito de essas festas se concentrarem em setembro e dezembro não vale senão para a maioria dos terreiros que realizam a festa a Oxum.

Os festejos do 3º Ciclo (diário)

As obrigações internas do Centro Espírita Paraíso dos Orixás, no ano de 2007, foram realizadas no dia 12 de novembro. Trata-se de um ritual fechado, onde nem todas as pessoas podem participar. Próximo ao dia das obrigações é feito os sacrifícios e as “comidas secas” para cada um dos Orixás. Quatro momentos marcam este ciclo: o *bori*, o *ebó*, o *padê* e o *xirê*. Tudo se inicia com consultas aos Orixás, para saber se a festa é propícia. Sendo propícia, iniciam-se os preparativos espirituais e materiais, individuais e comunitários. A preparação individual é o *bori*, o filho de santo fortalece sua cabeça para a festa que está por vir.

Desde a madrugada, quando tem lugar o início da festa, distinguimos os momentos do sacrifício, da oferenda, do *padê de exu*, do chamado dos deuses, das danças preliminares, da dança dos deuses, dos ritos de saída e de comunhão. É importante ressaltar o caráter sagrado atribuído às roupas que são utilizadas pelo povo de santo. Percebi que durante todo o período festivo os iniciados têm muito cuidado com suas “roupas de santo”, evitando utilizar as mesmas durante determinados momentos de ludicidade existente no decorrer da festa. É uma ocasião onde se manda fazer roupas novas para o ritual. Isso é uma expressão de muito respeito para com as divindades.

O dia do orixá é especial para o terreiro e para as pessoas que têm determinado orixá como tutela. As comemorações começam muito antes do amanhecer. A dedicação aos afazeres da "roça", a "comida do santo" são encaradas com muita responsabilidade por parte de homens e mulheres, os quais devem deixar prontas todas as suas obrigações antes do dia da festa. Antes da festividade propriamente dita deve-se, com certa antecedência, lavar, passar, e engomar as roupas de festa (sete saiotes para cada mulher que dance na roda-de-santo), e

consertar as roupas dos orixás, que a cada festa perdem lantejoulas. É preciso polir as ferramentas (insígnias) dos orixás, as pulseiras e os *adjás* dos *ebomis* (confeccionados em latão ou zinco niquelado e escurecidos com o tempo), pois eles devem imitar o brilho do ouro, da prata e do cobre, metais favoritos dos orixás.

Além disso, devem ser respeitados tabus alimentares e sexuais. Os sacrifícios são importantes num festejo. Os locais onde possam ser encontrados os animais caracteristicamente preferidos pelo orixá comemorado (e que não podem ter nenhum tipo de defeito físico) devem ser mapeados e identificados. A compra das folhas que comporão o *amaci*[44] dos filhos-de-santo antes da festa deve ser feita de modo que fiquem bem frescas. Uma festa de orixá além da comida precisa de música para marcar os ritos e danças. Muitas vezes a casa que não possui seus próprios *alabês*[45] realiza contratos/acordos com *ogãs* de outras casas. A música traz os orixás ao mundo dos homens.

As vésperas da festa os animais são sacrificados e feitas comidas secas[46] oferecidas aos orixás. Parte da comida é oferecida aos Orixás que têm *pegis* no terreiro. São os *ebós*, as oferendas em forma de alimento. Outra parte do alimento será degustada pelos convidados no momento da festa. Essas comidas são preparadas pela *iabassê*[47] da casa, auxiliada por *equedes* e *iaôs*. Cada orixá come um prato específico, preparado de modo peculiar. Assim, Oxum come ovos cozidos e *omolucum*.

“A comida-de-santo depende do que se chama de "qualidade" do orixá, que são *avatares*, caminhos do orixá e que são "partes ou segmentos da sua própria biografia mítica, ou representações de locais em que nessa forma foi ou é cultuado." (PRANDI, 1991, p. 157). Sendo assim, todas as comidas rituais são preparadas levando-se em consideração os preceitos de cada orixá.

Como registra Bastide (2001, p. 32):

> O animal sacrificado passa das mãos do axogum para as da cozinheira que vai preparar o alimento dos deuses. Moela, fígado, coração, pés, asas, cabeça e, bem entendido, o sangue, pertencem de direito aos deuses; mas o restante do animal não é atirado fora, é cozido, e parte dele será posta em travessas ou em pratinhos diante das pedras ou dos pedaços de ferro pertencentes às divindades (...), a iabassê, assim, cozinha o xinxim de galinha de Oxum.

Os animais de quatro pés (porcos, cabritos, carneiros, tartarugas, coelhos etc., conforme o orixá homenageado) são tratados e limpos pelos *ogãs*. É muito comum serem

---

[44] Banho de limpeza.
[45] Ogãs tocadores de atabaques.
[46] São todas as comidas-de-santo que não sejam animais sacrificados.
[47] Cozinheira que prepara as comidas dos santos e que conhece os preceitos e "temperos" do gosto de cada orixá.

vistas ao sol nas casas de santo ou mesmo na forma de pequenos tapetes, as peles desses animais. É conferindo as peles na parede que o povo de santo sabe quais foram os animais sacrificados. É costume se contarem as peles e ver se elas são novas.

Depois de limpos os bichos, cozinham-se as carnes, separa-se o que cada orixá deseja e, no dia seguinte, são preparadas as comidas que serão servidas à assistência da festa, no *ajeun*[48]. É preciso lembrar que as mulheres que cozinham as comidas do santo não podem sob hipótese nenhuma estar menstruadas o que pode representar um problema para a casa. Conforme Bastide (2001, p. 38), se uma delas ousa desobedecer, imediatamente os tambores a reconhecem, pois sua simples presença perturba o toque musical. Por este motivo a *iabassê* quase sempre é uma mulher que já esteja no período infértil, garantindo-lhe as condições necessárias ao pleno desempenho de suas funções.

Ainda de manhã se consuma o sacrifício, os preparativos culinários e a oferenda às divindades ocupam à tarde, a cerimônia pública propriamente dita começa quando o sol nasce e prolonga-se por muito tempo noite adentro. Além do orixá homenageado, também *exu* recebe sacrifícios animais, pois sempre recebe homenagens, qualquer que seja o tipo de festa ou trabalho que se realize no terreiro. É importante lembrar que a obrigação de *exu* é feita dias antes da festa de Oxum. Com o *padê* inicia-se a parte da festa aberta e pública.

Os instrumentos apresentam algo de divino, que impede que sejam vendidos ou emprestados sem cerimônias especiais de dessacralização ou de consagração, já que é somente por meio das músicas que fazem baixar os deuses na carne dos fiéis. De acordo com Roger Bastide (2001, p. 35), não são apenas os três tambores que têm o poder de evocar a vinda dos orixás; e os *aguidavis*[49] que dormiram "junto dos deuses", no santuário, para se impregnarem de força sagrada. As letras das músicas são em língua iorubana. Em geral, são cantados no mínimo três pontos para cada orixá cultuado.

Primeiro são cantadas os pontos de invocação, de chamamento dos Orixás, em seguida cada orixá chamado pode vir e tomar o corpo de seu filho, assim, acontece o transe. Os filhos que entram em transe são levados para os *pejis* dos respectivos orixás. O momento da "chegada" de Oxum é aplaudido por todos. Assim, a mãe-de-santo, agora incorporada com Oxum, é levada para vestir a roupa do orixá e retornar ao centro do barracão, para dançar e ser prestigiada por todos os presentes. Percebe-se como todos se colocam para ver o Orixá, aplaudir sua dança e principalmente, chegar próximo para cumprimentá-la e receber sua "bênção".

---

[48] Comida.
[49] Baquetas com as quais são batidos e que, antes de serem utilizados.

Um segundo momento é de comer a comida preparada para a festa, todos são servidos. Depois que todos comem, os filhos em transe voltam para o salão de danças. É através da alimentação que o *axé*, a força vital, que é a base do culto, é renovado a cada ritual. Segundo Fonseca (1996), os gostos, as preferências e os diversos modos de preparar o banquete sagrado aumentam os laços entre a comunidade e seus deuses. Dessa forma, todo o processo de preparação desses alimentos segue preceitos religiosos e é realizado em espaços específicos para os rituais.

A música recomeça: cada orixá recebe novamente músicas de louvor e saudação. Os orixás estão presentes e dançam. Transcrevendo Mário Cabral (1948, p. 81), “as filhas de santo cairão em transe, dançarão, inconscientemente, o seio palpitando, a nádega remexendo, a respiração ofegando, o suor descendo pelo rosto lustroso, dominadas pela magia da música incomparável”. Nesse instante houve gritos, palmas, foguetes, muita cachaça e muita comida. A dança representa um mito, uma qualidade. O momento final da festa é marcado pela despedida dos orixás e de Oxum, que retorna ao *orum*, dando espaço para que a mãe de santo assuma novamente seu posto como uma líder religiosa que possui o carisma e o poder dentro do espaço sagrado do terreiro. Esse momento é marcado pela aproximação de todos, filhos de santo e demais visitantes que desejam as bênçãos de Oxum.

Após ter recebido a música de despedida em sua homenagem, os filhos incorporados são levados novamente aos respectivos *pejis*, é aí que acontece o fim do transe. Tendo saído todos os filhos do salão de dança, cessa a música. Ao término do transe está encerrada a festa propriamente dita. Os convidados começam a ir embora: há alguns que ainda ficam para comer os alimentos que sobraram. Nos dias que seguem à festa, são feitos alguns rituais para seu fechamento e para resolver coisas que ficaram pendentes. Entre elas as obrigações à noite na orla de Atalaia em Aracaju. É a junção desses três ciclos que compõe a Festa a Oxum em Aracaju, cada ciclo desempenha uma finalidade importantíssima dentro da cooperação realizada. Assim, encerra-se o ciclo da festa no Candomblé.

2.4. Tempo de festa: toda cidade é de Oxum?

Realizada a explicação dos eventos organizados pela umbanda e candomblé em Aracaju que antecedem a Lavagem da Conceição e a elucidação do contexto espacial e temporal do ciclo da festividade. O objetivo agora é apontar os diversos eventos religiosos que ocorrem no dia 8 de dezembro em Aracaju.

> Nessa cidade todo mundo é d'Oxum
> Homem, menino, menina, mulher
> Toda essa gente irradia magia
> Presente na água doce
> Presente na água salgada
> E toda a cidade brilha
> Seja tenente ou filho de pescador
> Ou importante desembargador
> Se dar presente
> É tudo uma coisa só
> A moça que mora na água
> Não faz distinção de cor
> E toda cidade é d'Oxum
> [...] Eu vou navegar
> Nas ondas do mar
> Eu vou navegar
> Eu vou navegar
> Com Oxum
> É d'Oxum[50]

O artista baiano Gerônimo Duarte lançou o *LP Mensageiro da Alegria*, em 1986. Mesmo sendo a música de trabalho principal "Mensageiro d'alegria" de sua autoria, o seu disco entre outras músicas teve em "É d'Oxum", um grande sucesso. A música é uma referência à forte presença da religião afro-brasileira na cidade de Salvador/BA. O LP lançado quatro anos após a 1º Lavagem da Conceição em Aracaju, ficou conhecido através da música "É d'Oxum" em intérpretes como Gal Costa e Elba Ramalho, que gravaram respectivamente em 1992 e 1999. O envolvimento da geração de artistas dos anos 70 e 80 do século XX com os cultos afros constituiu uma importante referência a essas religiões, valorizando-as como precioso elemento do patrimônio cultural brasileiro. Disseminado por todo o país, essa música foi ouvida por diferentes segmentos sociais.

A letra dessa música nos passa alguns aspectos sociais e religiosos presentes na cidade de Salvador, no dia da festa de Oxum. Dizer que "nessa cidade todo mundo é de Oxum" significa falar em duas premissas importantes. Primeiro, confirmar que na cidade há

[50] Composição de Gerônimo Duarte e Vevé Calasans, **LP Mensageiro da Alegria**. Salvador: Nova República/Polygram, 1986, faixa 2.

comemorações para Nossa Senhora da Conceição[51], o que implica uma tradição católica de culto à santa e às celebrações de missas na Paróquia de Nossa Senhora. Segundo, indica-nos que o culto a este orixá é bem forte na cidade e que o povo de santo aproveita os dias de festa católica para fazer oferendas a Oxum. Ao falar em "homem, menino, menina, mulher / toda essa gente irradia magia" expressa que o povo de santo voltou a ter uma festividade própria, sem a interferência da elite baiana e da Igreja Católica, o que não ocorria nos séculos XIX e XX. "Presente na água doce / presente na água salgada", quer dizer que as oferendas a Oxum em Salvador são feitas tanto em rios como no mar. Isso é curioso, pois sempre na cidade houve uma confusão de dias, santos e orixás a serem cultuados[52]. É bem sabido que nos dias de festa a Nossa Senhora da Conceição da Praia a cidade de Salvador recebia decoração e iluminação especial nas proximidades do Largo e na beira mar. Se no passado a festividade era organizada pela elite baiana, o que segregava racialmente a sociedade, a festa a Oxum na década de 80 representou a união de classes, sem distinção de sexo, profissão ou cor. Isso ocorria porque o povo que dava presente era tudo uma coisa só[53]. Os pedidos lançados ao mar eram pedidos individuais de paz, harmonia e união em torno de Oxum.

Transportando apenas a letra dessa música para a nossa realidade, pensamos em três assuntos importantes para compreendermos o nosso caso. Primeiramente "É d'Oxum" indica um momento em que os símbolos dessa festa podem ser compreendidos por um público amplo fora dos cultos afros. "Ser de Oxum" expressa um caráter perfeitamente identificável ou um jeito de ser (carinhoso, alegre, afetivo, sedutor) que pode impregnar a personalidade de uma pessoa, uma cidade ou um país.

Com a letra da música refletimos sobre a natureza dos presentes dados pelo povo de santo na festa de Oxum. Em Aracaju, os presentes ofertados independem da condição econômica do filho-de-santo. À noite na praia os presentes doados pelos filhos-de-santo do candomblé e umbanda em Aracaju têm certa padronização. Assim, a festa a Oxum em Aracaju, obedece a uma tradição religiosa que ignora qualquer tipo de discriminação financeira ou racial. A festa quando surgiu aqui na capital, se apresentava como sendo uma festa do povo de santo formada já pela mistura étnica brasileira. Considerando as exceções e seus motivos, afirmo que mesmo as oferendas dadas por filhos que não pertencem aos

[51] Em Salvador é tradição desde o século XIX, a festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia no dia 8 de dezembro.

[52] Na Bahia, no dia 8 de dezembro havia homenagens a Oxum associada a Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Lurdes, já no dia 2 de fevereiro havia homenagens a festa de Iemanjá associada a Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana. Como nas duas datas as festas se processavam na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, houve por causa disso muita confusão em qual orixá era homenageado.

[53] O povo na verdade são as diversas pessoas contidas nos setores da sociedade soteropolitana que assumia como religião o candomblé/umbanda.

terreiros locais, por ocasião de visita à cidade obedecem a certos padrões religiosos locais. Em geral apenas um presente é confeccionado dentro dos terreiros e esse serve para o rico e para o pobre.

Outro assunto suscitado pela música seria a possibilidade de os presentes serem oferecidos tanto na água doce como na água salgada. A tradição maior dos terreiros da capital sempre foi dar as obrigações a Oxum na praia. No entanto, houve uma tentativa de pôr as oferendas no Rio Sergipe, mais exatamente na Ponte do Imperador. Após o fracasso desta última, geraram-se duas situações. A primeira seria que hoje alguns terreiros alugam embarcações no cais do Rio Sergipe para levarem os seus presentes até o local do encontro entre o rio e o mar, na divisa dos municípios de Barra dos Coqueiros e Aracaju. Alegando Oxum ser a deusa dos rios, ainda conservam esta qualidade do orixá. Já uma segunda situação seria uma tradição ainda conservada por outros terreiros que ofertam seus presentes na Praia. Isso ocorre na madrugada do dia 8 de dezembro em local bem afastado da grande população que se concentra à noite na Orla de Atalaia. Os presentes lançados ao mar depois das obrigações internas do Ilê são levados por pequenas embarcações para um local distante da praia, para que não retornem à areia. Hoje, em Aracaju não se têm notícias que algum terreiro coloque suas obrigações em qualquer outro dos rios que cortam a cidade.

Por fim, compreendemos agora se há a dominância de Oxum na cidade. No dia 8 de dezembro, que no calendário católico se comemora o dia de Nossa Senhora da Conceição, ocorrem inúmeras manifestações de fé em Aracaju. Isso talvez seja uma das situações religiosas mais interessantes que se apresenta na cidade. O catolicismo como religião oficial do Brasil por muito tempo dominou as manifestações de fé pública. No entanto, hoje, em Aracaju possuímos três grandes manifestações religiosas nesta data: uma liderada pela Igreja Católica, outra pelas Religiões Afro-brasileiras e outra pelos Evangélicos. Todas feitas em espaços públicos.

O que queremos provar através desse raciocínio é que na nossa cidade nem todos são de Oxum. Parece ser um argumento fácil de ser provado, já que historicamente herdamos características de um estado católico. Por outro lado nos deparamos com uma perda considerável de fiéis e espaço por parte da Igreja Católica, nos últimos anos. Então, o que está por trás de **toda cidade é de Oxum?** Festa, religião, fiéis, dinheiro, poder, espaço. Respondo que mais do que isso algo envolve tudo isto: disputa religiosa. A disputa religiosa entre a Igreja Católica, as Religiões Afro-brasileiras e Evangélicos pode gerar uma série de problemas de ordem étnica, política, social e econômica. Nos últimos 50 anos em Sergipe, o cenário religioso mudou muito. As festas religiosas públicas deixaram de ser uma

exclusividade católica e passaram a ser um momento de concorrência cada vez mais acirrada com megas produções e grandes públicos. Além disso, a disputa por recursos agita ainda mais esse espaço dominado pela fé.

Uma consequencia do que acabo de falar é que várias facções saem do meio religioso motivadas pela fé para se envolverem no meio político com o intuito de trazer para suas religiões verbas governamentais. O que acaba gerando separação de povos por motivos religiosos. Isso é uma situação de perigo, pois, envolve a fé e o estado de direito democrático. Então, quais seriam as estratégias dessa disputa religiosa?

O texto do noticiário abaixo diz que:

> As comemorações alusivas ao dia dedicado à Nossa Senhora da Conceição começaram às 6h30 deste sábado para os católicos, com o Ofício de Nossa Senhora. Logo, após, houve missa na Catedral Metropolitana de Aracaju e, às 9h30, missa solene celebrada pelo arcebispo de Aracaju, Dom José Palmeira Lessa. [54]

A Igreja Católica se utiliza de duas estratégias: a primeira seria a mobilização da própria comunidade, através das congregações e conselhos. Outra seria a representatividade da autoridade máxima da arquidiocese de Aracaju presente nas solenidades para atrair os católicos para os eventos ocorridos pela parte da manhã. Tudo isso envolve o associativismo, a interação social e o poder simbólico que juntos resultam em público, que gera fé, que gera ofertas, que gera subsistências, que gera atuação. Assim, gerando um círculo vicioso.

O mesmo documento mostra que

> Cerca de dois mil fiéis saíram da Catedral Metropolitana, na Praça Olímpio Campos, empunhando bandeiras brancas de paz, cantando e rezando pelas ruas do Centro da Cidade, em homenagem a uma das santas mais amadas do Brasil. [...] Ao final da procissão foi realizada uma missa em praça pública, seguida de rituais de homilia e benção executados pelo bispo auxiliar de Salvador (BA), o sergipano Dom George e pelo padre Jerônimo. Em seguida ocorreu a ato de iluminação das luzes natalinas da cidade, organizado pela Prefeitura Municipal de Aracaju (PMA), que montou um lindo presépio nas imediações da Praça Fausto Cardoso. A catedral ganhou um brilho especial e encheu o Centro da Cidade do encanto e da beleza do Natal. [55]

Podemos ainda apontar como estratégias religiosas: a tradição de devoção a Nossa Senhora da Conceição[56], a presença de políticos importantes na cerimônia e a inauguração de motivos natalinos. É bem verdade que a primeira estratégia influencia as outras. A tradição é

---

[54] **Agência Sergipe de Notícias**, Aracaju, 8 dez. 2007. p 2.
[55] Ibid., p 1.
[56] A consagração a Nossa Senhora da Conceição em Portugal começa com D. João IV. Segundo o livro de Tombo da Cúria Metropolitana de Aracaju, "aos 25 de março de 1642, D. João IV proclamou Nossa Senhora da Conceição Padroeira e protetora de Portugal e domínios.

um argumento muito forte, que motiva qualquer sacrifício católico. A Santa que já foi padroeira do Brasil nos tempos imperiais[57] é uma das santas mais amadas do país. Isso, pode ser a causa para um público tão grande presente na Catedral, a ponto de a Igreja montar um palanque nas mediações da praça para comportar esses fiéis. A presença de políticos importantes para a cidade como vereadores, prefeito, deputados estaduais e governador legitima ainda mais os atos religiosos. Muitas vezes por motivos eleitoreiros, a presença desses políticos pode transparecer que a máquina pública apoia a Igreja. Para muitos, a inauguração de presépio e iluminação especial no centro da cidade e na Catedral reafirma a ligação entre religião e estado. Isso descaracteriza o estado laico e fundamenta um estado de fé[58].

Ainda a mesma publicação diz que:

> Para os praticantes do Candomblé, religião na qual Nossa Senhora da Conceição é o orixá Oxum, as homenagens foram iniciadas mais cedo, às 5 horas, na Colina do Santo Antônio para a alvorada festiva e, em seguida, o toque de xirê aos orixás. No final da manhã ocorreu o cortejo e a tradicional lavagem das escadarias da Catedral. A programação do Candomblé segue até à noite com a entrega dos presentes à homenageada na praia de Atalaia e desfile de grupos de afoxé. [59]

O excerto acima nos mostra que a disputa religiosa entre Igreja Católica e Religiões Afro-brasileiras se inicia desde as primeiras horas do feriado do dia 8. Esta disputa que pode passar: por visibilidade, por novos seguidores, por espaço e por recursos gera uma série de eventos no intuito de movimentar a cidade. O que chama a atenção é que estes eventos das duas religiões não são concorrentes. Isso pode querer dizer primeiro: já há um público formado e fiel; segundo: dá a possibilidade de conhecer tanto uma religião como a outra, participando e estando nos eventos. Não dá para se esquecer que, em geral, o povo do candomblé e da umbanda são também católicos.

A primeira estratégia das religiões afro-brasileiras seria a presença de elementos culturais africanos presentes nas festividades brasileiras. A exemplo da música e da dança afro. Isso ocorre já que as mães e pais-de-santo de Aracaju, pela sua própria autoridade religiosa, não conseguem ainda, por preconceito e discriminação religiosa, atrair outras pessoas para seus eventos. Assim, uma forma universal, democrática e aceitável para conseguir mais público nos eventos seria a inserção de blocos afros, trios, artistas e dança às

---

[57] Até o fim do Império brasileiro foi Nossa Senhora da Conceição a padroeira do Brasil, deixando de ser no período republicano quando Nossa Senhora Aparecida passa a ser padroeira.
[58] Estado de fé no sentido das ações serem movidas pela religião.
[59] **Agência Sergipe de Notícias**, Aracaju, 8 dez. 2007. p 2.

festas. Apesar de muitos confundirem festa com religião, há uma distinção muito clara entre elas. O cortejo, a lavagem e as obrigações são ritos religiosos já a feijoada, a apresentação de grupos artísticos, e o afoxé são eventos festivos. Todos esses eventos são realizados no dia da padroeira de Aracaju.

Sobre o afoxé[60] organizado pelo Abassá São Jorge na Orla da Praia de Atalaia o jornal eletrônico noticia:

> A terceira edição do cortejo de afoxés arrastou uma multidão de 10 mil pessoas pela Orla de Atalaia na noite do último sábado, segundo estimativas dos agentes municipais de trânsito. O evento faz parte das comemorações das religiões afro-brasileiras a Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Aracaju e do Estado de Sergipe. O apoio é da Prefeitura Municipal e do Governo Estadual, em parceria com os grupos de terreiros da cidade. Participaram do desfile o bloco sergipano de mulheres Omo Oxum e o tradicional Ilê Ayê, vindo diretamente de Salvador (BA) para animar a festa. Pelo dia, a programação incluiu procissão pelas ruas do Centro, missas, toque de xirê aos orixás e a lavagem das escadarias da Catedral Metropolitana, manifestações que consolidam o sincretismo religioso brasileiro. Para os católicos, o dia 8 de dezembro celebra Nossa Senhora da Conceição e, para os praticantes do Candomblé, o orixá Oxum. [61]

O afoxé traz como conseqüência positiva o prestígio político junto às autoridades estaduais e municipais para a dirigente do Abassá, mãe Marizete. É bem sabido que fundamentado em leis federais que possibilitam adquirir recursos para os terreiros os organizadores conseguem alianças importantes para a realização do afoxé. Assim, a organização, a visibilidade através da imprensa local e novos seguidores são boas metas. Já uma segunda estratégia destas religiões afro-brasileiras seria a presença de atrações nacionais conhecidas pelo grande público. Por si só os artistas renomados conseguem mobilizar um público muito diversificado, e por esse público se monta toda uma indústria festiva que gira em torno do artista. Dessa forma, festa e economia têm muitas relações.

Ainda sobre o Afoxé na Orla, um noticiário eletrônico da cidade fala que: “além da lavagem da catedral um outro evento deste dia 8 dedicado à Oxum, acontece na Orla de Atalaia, é o Afoxé Omo Oxum, bloco formado por mais de 2000 mulheres caracterizadas com turbantes e abadá”. [62] O terreiro que organiza o afoxé é o Abassá São Jorge dirigido por mãe Marizete e o que organiza a Lavagem da Conceição é o Centro Espírita Paraíso dos Orixás dirigido pela mãe Angélica.

---

[60] Utilizado como candomblé na rua.
[61] **Agência Sergipe de Notícias**, Aracaju, 10 dez. 2007. p 1.
[62] **Infonet**, Aracaju, 7 dez. 2007. p 1.

7. Afoxé Omo Oxum desfilando na Orla de Atalaia. Aracaju. 2007. Foto: AP - Anderson Pereira

8. Consulta na areia da Praia de Atalaia. Aracaju. 2007. Foto: AP- Anderson Pereira

Podemos ainda apontar como terceira estratégia religiosa o envolvimento do poder municipal e estadual nesse evento. O afoxé como uma manifestação fundamentada na religião, consegue de forma aceitável divulgar e dar visibilidade aos terreiros. Uma característica importante deste afoxé é ser formado por mulheres independentemente de cor da pele. Chama a atenção também por ser um bloco fechado ao público em geral. Homens não podem entrar a não ser da organização e pertencente aos músicos e mulheres que não estejam vestidas com os *abadás* não podem participar internamente. Isso ocasiona a formação de uma multidão paralela ao bloco formado, sobretudo por heterossexuais e homossexuais que o acompanham durante o percurso.

As notícias dos jornais locais dizem que:

> Os católicos comemoram hoje o dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Aracaju – a data é feriado em Aracaju. A programação para a festa começou no final de novembro e será encerrada hoje. A santa é festejada pela Igreja Católica e pelas religiões de origem africana, a exemplo do candomblé. [63]

Esse jornal reforça ainda mais o argumento de que em Aracaju pelo menos duas religiões concorrem entre si para ver quem tem mais visibilidade na mídia. No caso a Igreja Católica que inicia seus eventos desde o final do mês de novembro e tem seu ápice no dia 8 de dezembro. Como a data é um feriado estadual por motivo religioso, as religiões que têm ligação com a Santa têm muito mais destaque, o que podemos supor que neste dia quem domina a fé são a Igreja Católica, o Candomblé e a Umbanda.

Outro jornal da cidade fala em:

> Os evangélicos aproveitaram também o sábado para comemorar o Dia da Bíblia, tradicionalmente comemorado no segundo domingo de dezembro. Pela manhã eles se reuniram na praça Dom José Tomaz, no Siqueira Campos em um culto entre as várias denominações, de onde saíram em passeata até a praça Fausto Cardoso, no Centro. O cortejo seguiu por alguns bairros da capital. Desde 1850 a data é comemorada no Brasil. Às homenagens ao livro mais conhecido no mundo foi criada em 1549, na Grã-Bretanha, pelo bispo Cranmer, incluiu no livro de orações do rei Eduardo VI, um dia especial para que a população intercedesse em favor da leitura da Bíblia. [64]

Por coincidência a disputa religiosa acirrou-se com o evento organizado pelos evangélicos em comemoração ao dia da Bíblia, tradicionalmente comemorado no segundo

[63] **Jornal do Dia**, Aracaju, 8 dez. 2007.
[64] **Jornal da Cidade**, Aracaju, 9 e 10 dez. 2007.

domingo de dezembro. O fato é que o complexo[65] de praças do centro da cidade foi o local preferido para estas manifestações de fé, que se mostraram respeitosas e dialogáveis.

No dia 8 de dezembro, que no calendário católico se comemora o dia de Nossa Senhora da Conceição, ocorrem inúmeras manifestações de fé em Aracaju. Desta forma, constatamos em 2007, três grandes manifestações religiosas: uma liderada pela Igreja Católica, outra pelas Religiões Afro-brasileiras e outra pelos Evangélicos. Todas as manifestações realizadas em espaços públicos. A **programação católica** começou às 6h30min com ofício de Nossa Senhora, depois às 07 h missa dos devotos, às 9h30min missa solene, às 11h30min celebração interconfessional, às 15h30min rosário de Nossa Senhora, às 16h consagração a Nossa Senhora, às 16h30min procissão pelo centro da cidade, homilia, e a Benção do S. Sacramento, e por fim uma missa. A **programação afro-brasileira** começou às 3-4h com a ornamentação do andor de N. S. Conceição, às 5h alvorada festiva na Colina do S. Antônio, às 7h recepção aos irmãos dos municípios e motoristas, às 8h toque e xirê aos orixás, às 9h recepção as autoridades política e religiosa do Estado, às 10 h entrega das jarras, flores e perfumes, às 11h início do cortejo da Colina do S. Antônio, às 13 h Lavagem da Conceição, às 19 h entrega dos presentes na Orla de Atalaia, e às 19h30min Afoxé na Atalaia. Já a p**rogramação evangélica** em comemoração ao Dia da Bíblia começou com uma reunião pela manhã na Praça Dom José Tomaz, no Siqueira Campos, realização de culto entre as várias denominações, de onde saíram em passeata até a Praça Fausto Cardoso, no Centro.

Os eventos religiosos em comemoração ao dia de N. S. da Conceição se estende para todos os municípios que tem a santa como padroeira. Segundo a capa do Jornal da Cidade:

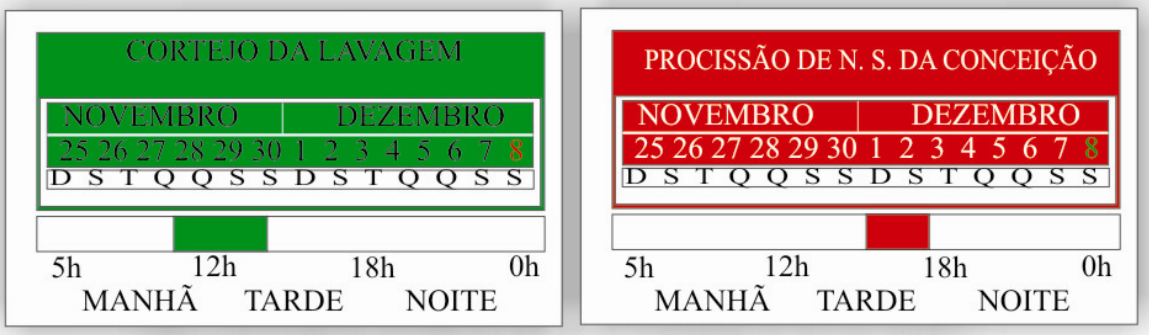
> No Mosqueiro, localidade na zona de expansão de Aracaju, cuja Igreja tem como padroeira Nossa Senhora da Conceição, inicia a programação com alvorada festiva às 5 horas. Depois às 6 horas, tem Ofício e, às 10 horas missa solene. Às 16 horas tem procissão pelas ruas próximas à paróquia. As comemorações a Nossa Senhora da Conceição prosseguem pelo interior do Estado nos municípios que têm a Santa como padroeira: Riachuelo; Arauá; Itabaianinha; Canindé; Brejo Grande; Itabi; Poço Redondo e Porto da Folha. Nestas cidades, a programação, que vem acontecendo desde o dia 29 de novembro, conta com missas e procissão. [66]

Os eventos mostram que a Igreja Católica ainda é a religião dominante no estado, mesmo admitindo que outras religiões ganharam espaço e visibilidade no meio religioso. O que demonstra também o alcance, a força e a tradição religiosa que ela mantém não só em Aracaju, mas em quase todo o Sergipe. O esquema a seguir mostra a superposição dos eventos católicos e afro-brasileiros em Aracaju.

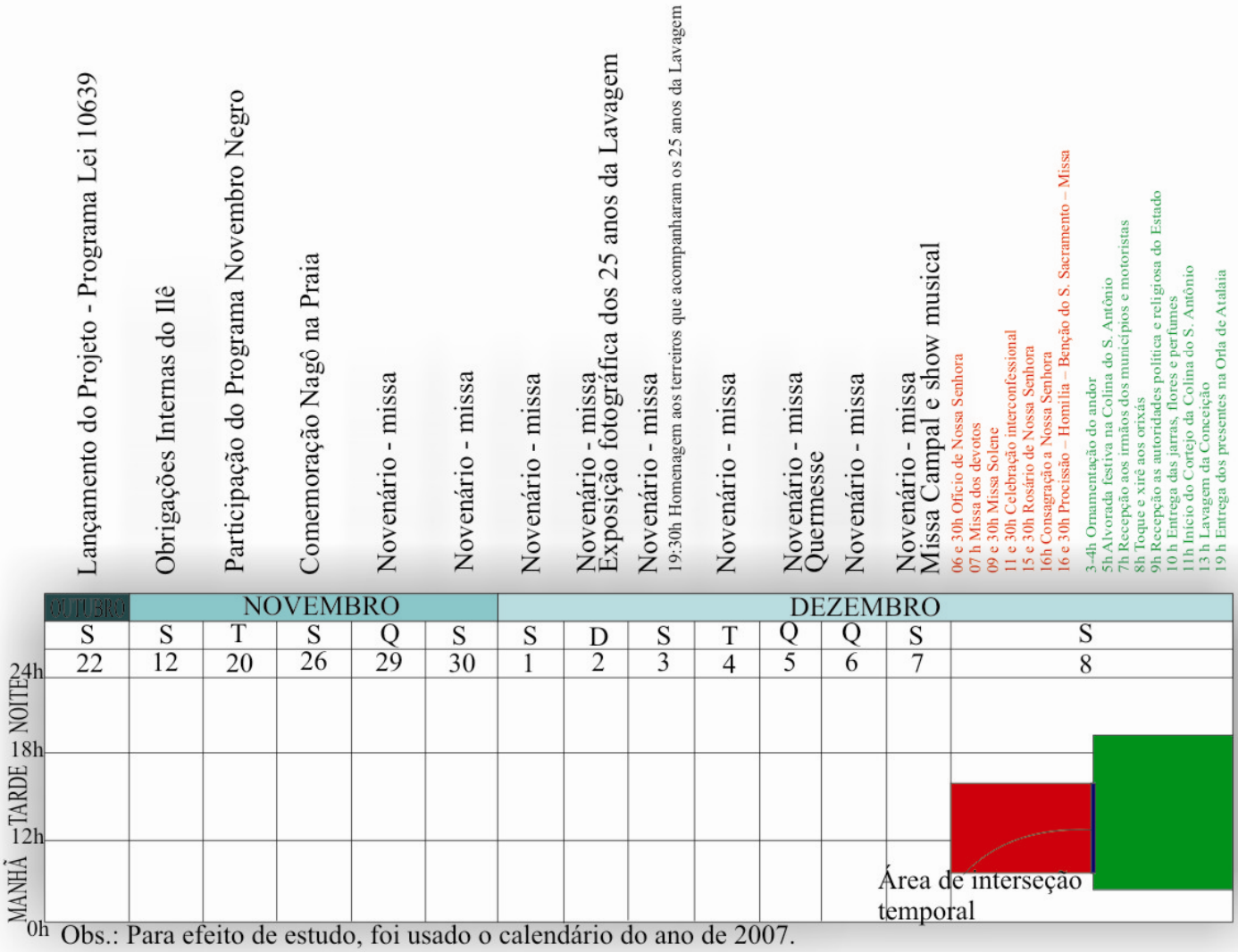
---

[65] O conjunto das praças Fausto Cardoso, Olímpio Campos
[66] **Jornal da Cidade**, Aracaju, 9 e 10 dez. 2007.

Esquema 1 - Superposição dos eventos da Festa da Conceição. 2007.



Obs.: Para efeito de estudo, foi usado o calendário do ano de 2007.



Obs.: Para efeito de estudo, foi usado o calendário do ano de 2007.

Legenda

- Evento-tempo da Lavagem da Conceição
- Evento-tempo da Procissão de Nossa Senhora da Conceição

Para o jornal local, a Festa para Nossa Senhora da Conceição, foi:

> [...] um dia de comemorações na capital e em oito municípios sergipanos por conta do dia de Nossa Senhora da Conceição, para os católicos, e Oxum, para os devotos das religiões afro-brasileiras. Enquanto a santa representa a Virgem Maria com sua pureza e bondade para os católicos, Oxum é símbolo de riqueza e beleza. [67]

Significa afirmar, então, que os filhos de Oxum gostam de vida social, das festas e dos prazeres em geral. A mitologia de Oxum guarda diversos aspectos bastante semelhantes tanto à mitologia grega quanto ao catolicismo. Nesse contexto religioso, Oxum é associada à Virgem Maria símbolo de pureza e bondade, e ao mesmo tempo à vaidade, além de referir-se também à riqueza e à abundância. Em sua figura convergem, assim, elementos fundamentais de um feminino "sagrado". Em geral, as atividades realizadas pelas religiões afro-brasileiras em Aracaju podem ser resumidas assim:

> Sexta-feira, 7, às 19h30, o Centro Espírita de Umbanda Paraíso dos Orixás, promove missa campal na rua Armindo Guaraná, número 606, seguida de apresentações musicais com o cantor Jiló e grupos afro-descendentes. No sábado, 8, às 5h acontece alvorada festiva, e por volta das 10h os religiosos dos centros de umbanda e candomblé seguem em passeata para a Catedral Metropolitana onde irão fazer a lavagem das escadas da Igreja e reverenciar a santa no altar. Já o Abassa São Jorge, localizado no Bairro América na rua Equador, número 70, está em festa desde o dia 1º de dezembro e esta noite reverencia Oxalá, com música, dança e distribuição de canjica. No sábado, 8, é a vez de Oxum, que terá como ponto alto o cortejo que sai do farol da Coroa do Meio por volta das 20h e segue até os arcos da Orla onde acontece o show com o Ilê Aiyê. [68]

Concluímos que é relativo dizer com firmeza que **toda a cidade de Aracaju é de Oxum, pois depende do ponto de vista de onde se está afirmando**. A diversidade de manifestações religiosas promovidas por outras religiões podem de certa forma até concorrer com os eventos afro-brasileiros em Aracaju. Mas, isso não quer dizer que a cidade de uma forma ou de outra não seja tomada pelo povo de santo durante o dia 8 de dezembro pela manhã na Lavagem da Conceição ou pela noite no Afoxé. Por outro lado, afirmar que toda cidade é de Oxum, significa admitir a influência das religiões afro-brasileiras no catolicismo popular brasileiro e na formação do povo sergipano.

---

[67] **Correio de Sergipe**, Aracaju, 8 dez. 2007.
[68] **Infonet**, Aracaju, 7 dez. 2007. p 2.

3 - O RITO E SEUS SIGNIFICADOS

3.1. A etnografia da Lavagem da Conceição

Os objetivos do capítulo são: descrever a lavagem das escadarias em seus diversos momentos, apontar as causas da dificuldade financeira da lavagem, registrar, analisar e escrever os discursos dos entrevistados a respeito dos significados que a Lavagem tem para o povo de santo, os diversos sentimentos atribuídos pelo povo de santo no momento do rito e expor a organização da lavagem.

A lavagem das escadarias da Igreja Nossa Senhora da Conceição em Aracaju realizada pelo povo de santo do Estado é um rito que possui uma série de programações. Antes da Lavagem da Conceição, acontecem dentro dos terreiros cerimônias secretas que preparam todo o cosmo para a festa pública. Passadas essas cerimônias, o dia o 8 de dezembro para o povo de santo começa nas primeiras horas da manhã.

Entre 3-4h do dia 8 ocorreu a ornamentação do andor da imagem de Nossa Senhora da Conceição, provavelmente na sede do Centro Prol Festividade da Lavagem da Conceição no bairro Santo Antônio. A ornamentação foi feita pela coordenação da Lavagem. O andor estava decorado com flores brancas e pequenos galhos verdes, ainda havia por baixo do andor um pano branco de renda que forrava todo o teto do carro que levaria a santa durante o cortejo. A coroa que estava sobre a cabeça da Santa também recebeu uma decoração especial feita com as mesmas flores brancas utilizadas no andor.

Às 5h ocorreu a alvorada festiva na Colina do S. Antônio que se processou com a queima de fogos homenageando Oxum, e convidando a todos para comparecerem à Colina. A comissão de fogos, geralmente formada por homens do terreiro, se dirigiu até a Colina onde ao lado da Igreja do Santo Antônio arrumaram as caixas de fogos para a sua queima. Na hora marcada iniciaram o foguetório. Espetáculo de alguns minutos, que rompeu o silêncio do Bairro Santo Antônio, anunciando o dia de Oxum. Para uns o foguetório era motivo de emoção, já para outros o barulho era motivo de intranquilidade, de interrupção de um bom sono. Em geral a alvorada festiva se resumia a queima de fogos em homenagem a Oxum. Os fogos além de servirem para anunciar o dia de Oxum era uma forma de chamar a comunidade para participar da festividade.

Às 7h começou a recepção aos candomblecistas e umbandistas do interior e aos motoristas. Os motoristas dirigiriam os ônibus até os terreiros. Lá trariam o povo de santo que estaria à espera até a Colina. As ruas próximas à Igreja ficaram movimentadas pela circulação de carros e pessoas. Como ponto de apoio, a Coordenação da Lavagem da Conceição pediu o espaço da Escola Lourival Fontes para que os filhos e filhas de santo se preparassem para o cortejo. Chegavam à Colina adeptos dos terreiros da cidade de Riachuelo/SE e Barra dos Coqueiros/SE trazidos pelos ônibus. Outros chegavam em carros particulares ou taxis vindos de diversos municípios do Estado. Os ônibus eram grandes. Após a chegada dos terreiros os ônibus estacionavam em ruas próximas à Colina. Havia uns seis ônibus estacionados. Os motoristas que iam chegando eram orientados a se dirigirem para outros terreiros da cidade a fim de apanharem mais filhos de santo que já estavam prontos para se deslocarem até a Colina.

Chegavam à Colina curiosos e simpatizantes que embaixo das copas das árvores esperavam o início do cortejo. Havia algumas pessoas com trajes esportivos, outras com trajes cotidianos que tinham em comum o colorido das roupas. À medida que aumentava a concentração de pessoas na Colina, alguns filhos de santo eram fotografados em torno da Igreja.

Ainda na Colina começou a se apresentar um grupo de percussão afro conhecido como Axé Kizomba. O grupo era formado por jovens negros e mulatos que tocavam músicas afros. Todos do grupos estavam vestidos com uma camisa branca que tinha estampada na parte da frente uma “baiana” e a frase “Eu visto”. A camisa continha também mangas; a esquerda era verde e a direita vermelha, atrás dela estava pintada a frase “A camisa do Candomblé”. Usavam bermudas de cores variadas. Uns com sapatos, outros de sandálias. Os tambores pintados com listas horizontais de cores verde, azul, vermelha, amarela e preta. Havia uns dois que não eram pintados. À medida que o grupo tocava, as pessoas se aglomeravam ao redor para ouvirem e verem.

Os filhos de santo que estavam vestidos de branco chamavam a atenção das pessoas que iam passando para trabalhar ou passar o dia na praia. Alguns homens vestidos de saiões brancos se juntavam às filhas de santo. As mulheres até então eram minoria. O destaque era o colorido das guias, que identificava o filho com o seu orixá. Na calçada de pedra portuguesa da praça iam se amontoando pesquisadores, fotógrafos profissionais e amadores, estudantes e turistas. Os grupos pareciam se separar por terreiro. A alvorada era um momento para encontrar amigos e rever pessoas que há muito tempo não se viam.

A vizinhança do entorno da Colina não prestigiava aquela manifestação, trancados em suas casas poucos eram os que se arriscavam a saírem na porta para ver os adeptos do candomblé e da umbanda.

Às 8h começou o toque e xirê aos orixás pedindo paz para o mundo, tolerância religiosa, respeito às pessoas e à mãe natureza. Três homens que me pareceram *ogãs* colocaram os atabaques embaixo de uma árvore e começaram a tocar. Eles não cantavam e nem havia próximo a eles filhas de santo para dançarem ou evocarem os orixás. Havia três atabaques grandes: um de cor azul, outro preto e outro branco com a parte inferior de amarelo. O primeiro estava coberto com um pano branco ao redor muito fino, brilhoso, com as bordas de babado. O atabaque estava apoiado por um suporte de madeira que o deixava fixo para poder ser tocado pelo *ogã.* Este que estava vestido com a mesma camisa usada pelo Grupo Axé Kizomba. O atabaque preto estava coberto com dois panos: um azul-celeste que o cobria quase todo que possuía detalhes amarelos nas bordas. E havia outro pano de cor amarela bem clara preso na parte superior que dava o acabamento decorativo para aquele atabaque. Por fim, o branco estava coberto por dois panos. O maior era amarelo bem mais escuro e continha as bordas de cor verde. Por cima deste havia um pano de dois lados (o que ficava para fora era prateado com brilho e do lado de dentro já era branco). O detalhe é que os últimos dois atabaques estavam seguros por suporte de metal que os fixava para o toque dos *ogãs*. O toque dos atabaques era uma espécie de aquecimento para os *ogãs*. O povo de santo continuava a se confraternizar uns com os outros mesmo com o toque. Alguns até olhavam para os *ogãs*, mas não davam muita atenção. O chamado dos orixás obedeceu a certa ordem, e essa ordem conhecida como *xirê* começou por Exu e terminou com Oxalá.

Às 9h ocorreu a recepção às autoridades política e religiosa do Estado. Nesse momento a imprensa televisiva e radiofônica sergipana começou a registrar o evento, colhendo entrevistas e depoimentos. As *ialorixás* e os *babolarixás*, com seus paramentos impecáveis, cheios de bordados e as guias em volta do pescoço, mostravam o prestígio e a hierarquia. Paralelamente ao momento das entrevistas o trânsito começou a ficar lento, pois a aglomeração no meio da rua impossibilitava o fluxo de carros. Logo o trânsito começou a ser organizado por agentes da Superintendência Municipal de Transportes Terrestres de Aracaju - SMTT.

À frente do local das entrevistas já se encontrava um carro todo ornamentado com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. No sentido sudoeste havia nas calçadas da Igreja várias pessoas que queriam uma vista panorâmica do cortejo, quando o mesmo descesse a

Avenida João Ribeiro. Na praça já não cabia tanta gente. Nesse instante os *ogãs* se dirigiram ao trio elétrico que acompanharia o cortejo.

Às 10 h ocorreu a entrega das jarras, flores e perfumes às filhas de santo que participarão da Lavagem. Esse material distribuído pela coordenação é padronizado e tem sua quantidade limitada. Assim, pode ser que acabem as jarras, flores e perfumes sem que todas as filhas recebam. Além disso, a água da quartinha das jarras entregue é preparada. Há filhas de santo que não foram preparadas para realizar a Lavagem que não recebem as jarras e flores. Há algumas que trazem da sua residência as jarras, as flores e os perfumes. Nesse caso, a água que esta dentro pode ou não estar preparada. As *ialorixás* não levam jarras e flores durante o cortejo. Algumas levam perfume alfazema, outras nada.

Foram distribuídas dezenas de bandeirinhas comemorativas do jubileu da Lavagem da Conceição antes da saída do cortejo.. Na concentração do cortejo todos os filhos de santo estavam vestidos de branco. As jarras eram de cor branca, mediam aproximadamente trinta e oito centímetros de altura. Havia um laço dourado nas jarras. As flores eram de cor branca e amarela, com galhinhos verdes. Mesmo as jarras distribuídas pela organização do evento variam de acordo com o tamanho e o tipo de flores dos arranjos. As jarras e flores trazidas de casa por algumas filhas variavam quanto ao tamanho, à cor e ao arranjo. Em geral as jarras eram medianas, cor de barro, e as flores também eram brancas e amarelas mudando apenas o tipo delas. Havia alguns homens vestidos como se fossem mulheres que estavam com as jarras, flores e perfumes também. Com a entrega das jarras e flores, o cortejo estava pronto para descer a Colina em direção à Catedral.

Às 11h ocorreu a saída do Cortejo da Colina do S. Antônio. No início do cortejo o povo de santo batia palmas e cantava os pontos de Oxum. Homens e mulheres se misturavam, todos vestidos de branco, alguns mal vestidos se infiltravam no cortejo. Eram minoria os homens que carregavam as jarras, e estavam vestidos de baiana. Ao descer a Avenida João Ribeiro as *ialorixás* e os *babalorixás* batiam palmas e tocavam os seus *adjás*. Ainda na primeira fileira havia homens levando jarras, flores e perfume. Eles estavam vestidos de saiões e turbantes. E havia algumas mulheres que não possuíam jarras e flores. O que predominava eram mulheres já adultas. Ao descer a avenida, no sopé da Colina, se encontrava o mini-trio elétrico com os *ogâs, alabês e solistas* já em cima do mini-trio à espera do cortejo para se incorporar.

O cortejo saiu da Colina do S. Antonio, passou pelas Avenidas João Ribeiro, Simeão Sobral e Ivo do Prado, travessa J. Faro até a Catedral, no Parque Teófilo Dantas, no centro da cidade. A seguir podemos visualizar no mapa o percurso, no ano de 2007.

9. Abraço do padre com a ialorixá próximo ao altar. Aracaju. 2007. Foto: AP - Anderson Pereira

10. O cortejo voltando de costas para as escadarias da Catedral. Aracaju. 2007. Foto: AP - Anderson Pereira

Ao chegar à Avenida Simeão Sobral a organização espacial do cortejo era: primeiro um carro que levava Nossa Senhora da Conceição em cima, em seguida uma dupla de garotos formada por uma menina negra vestida de Oxum aparentando ter uns 11 anos de idade, que carregava em suas mãos um buquê de flores amarelas, e um menino aparentando ter uns 10 anos de idade que carregava o estandarte da Lavagem; após o par, as ialorixás e babalorixás e todo o povo de santo; por fim, o mini trio elétrico com os ogãs e solistas e o comboio de ônibus e carros particulares.

A "Oxum" era representada pela garota. Ela estava vestida com a roupa do orixá que representava. A cor da roupa era rosa bem clarinho e havia detalhes em bordado com a mesma cor quase imperceptível. Nos braços havia uma espécie de pulseira feita com o mesmo pano trabalhado com pequenas miçangas. Na parte de baixo atrás do vestido, presos por alfinetes, havia alguns ramos de flores amarelas. A menina representaria a "Oxum Apara", a mais jovem de todas.

O menino estava vestido com uma calça e uma camisa de manga longa, ambos de cor branca. Havia por baixo da camisa de manga longa uma camisa polo de cor amarela. Na cabeça usava uma espécie de turbante branco de elástico, cheio de bordados. Calçava uma sandália creme junto com uma meia de cor branca. A posição do par de meninos no meio da rua era controlada por um homem que organizava o ritmo do cortejo.

Havia alguns homens que usavam turbantes de cores variados. Uns usavam amarelo, outros branco, outros verde, uns bordados, outros lisos, com brilhantes e sem brilhantes. Os tipos variavam pelo formato: orelhas, sem orelhas ou de uma orelha. Muitos eram os que usavam chapéus, toalhas e lenços.

No cortejo da Lavagem da Conceição havia diversos tipos de paramentos que variavam de acordo com a hierarquia dentro do candomblé e da umbanda. O paramento mais utilizado era a "roupa de ração", usada diariamente em uma casa de Candomblé. São roupas simples feitas de morim ou cretone. A cor da roupa de ração presente na Lavagem era branca. Havia tanto homens como mulheres vestindo roupa de ração.

Nos homens os paramentos variavam. Alguns usavam sandálias brancas, com calça e camisa de manga curta. Já outros usavam sandálias coloridas, com bermuda branca e camiseta. Muitos eram os homens que se vestiam como baianas, ou seja, com os paramentos característicos de *iaôs*.

Em geral as mulheres estavam vestidas com roupa de ração e essas usavam *axó* (saia) de pouca roda para facilitar a movimentação, *singuê* (espécie de faixa amarrada nos seios que substitui o sutiã), *camisu* ou camisa de mulata de cor branco e enfeitado com rendas e

bordados, calçolão (espécie de bermuda amarrada por cordão na cintura, um pouco larga para facilitar a movimentação e proteger o corpo em casos que se é necessário sentar no chão), pano da costa e o *ojá*, um pano que se amarra à cabeça.

Já os paramentos das *ialorixás* que estavam à frente do cortejo era diferente das roupas usadas pelas *equedes* e *iaôs.* Elas usavam a *bata* que é usada por fora da saia com o *camisu* por baixo, nas casas tradicionais somente a *ialorixá* pode usar. A *bata* é símbolo de cargo ou posto dentro da hierarquia do candomblé. O pano da costa dobrado sobre o ombro também tem sua representação, é um símbolo de cargo. As *iaôs* usavam a bata amarrada no peito, as *ebômi* na cintura e as *ialorixás* no ombro. No cortejo se viam muito saias e batas de bordado richelieu, que também só são usadas pelas *ialorixás*.

Destacavam-se ainda nos paramentos femininos os turbantes, chamados de *torço* ou *ojá*, usados na cabeça. O que se via era que quanto maior fosse o cargo dentro da religião os *torços* eram maiores e mais ornamentados. Havia também pequenos objetos que somente podem ser usados por *ialorixás* e *babalorixás.* Por exemplo, o anel de ouro com um búzio incrustado é um deles. O brinco de ouro com búzio antes também exclusivo das *ialorixás* tornou-se de uso comum, sendo usado até por pessoas que não fazem parte da religião. Paralelamente ao cortejo havia os ambulantes que ofereciam água, refrigerante e cerveja.

O mini-trio que acompanhava o cortejo era vermelho e possuía algumas inscrições. O som tinha bom volume, intensidade e frequencia, poucos eram os ruídos. Havia nas laterais na parte da frente dois banners com a imagem de Oxum. Nos banners havia escrito: *25 anos Festa da Lavagem da Conceição, Lavagem da Conceição, Ilê-Axé Oiá Güele Ginan, Centro Espírita Paraíso dos Orixás, Comissão Estadual de Centro Prol Festividade Lavagem da Conceição, Realização: ASSERMAN CEUPA/SE, CENARAB/SE, CONEN (Conselho de Yalorixás, Equedes e Mulheres Negras do Brasil), Centro Espírita de Umbanda Cabocla Jacira.*

Em cima do trio havia homens e mulheres. Alguns homens eram *ogãs, alabês e solistas.* Uns estavam vestidos com calça e camisa brancas e com seus fios de contas. Nem todos os homens que tocavam estavam vestidos adequadamente chegando a utilizar bermuda jeans. Já outros estavam vestidos com a camisa do Bloco Axé Kizomba. Havia também alguns curiosos que subia no trio para tirar fotos e ali ficavam. Chegando até a tocar os instrumentos que ali se encontravam. Havia duas mulheres, uma tocava o atabaque e estava vestida com calça branca e camisa amarela; já a outra era uma menina, que aparentava ter uns 10 anos, trajava vestido branco e usava um turbante. Havia aproximadamente onze pessoas em cima do mini-trio.

Nas laterais do cortejo se aglomeravam pessoas de toda categoria social. Algumas pessoas do povo de santo ingeriam bebida alcoólica enquanto que atrás do mini trio elétrico as mulheres dançavam ao som dos atabaques e pontos de Oxum; juntavam-se a elas homens que aparentemente não faziam parte da religião. Havia muitos *adés* que dançavam, paqueravam e consumiam. À frente do cortejo junto com os sacerdotes iam algumas pessoas de menor hierarquia da religião, carregando consigo seu perfume. No cortejo poucos eram os que cantavam.

Atrás do cortejo vinham muitas mulheres que mesmo sem os trajes adequados traziam flores e jarras para lavar as escadarias da Catedral. Quanto mais perto do mini-trio mais alegria e diversão se via, era nos passos de dança e nas feições dos brincantes que se notava a folia. Não tinha distinção de idade ou de sexo para aqueles que dançavam de acordo com o canto. Havia uma separação espacial nítida: um grupo de cunho religioso e o outro de cunho festivo. O primeiro próximo ao carro da santa e o outro próximo ao mini-trio.

No mini-trio havia um revezamento entre aqueles que cantavam, basicamente eram quatro solistas para dois microfones. Os músicos estavam sob o a direção de um *alabê*. Os nove atabaques não paravam de ser tocados pelos *ogãs*. Durante o cortejo prevaleceram os pontos de Oxum. Não foi permitido outro tipo de ponto que não fosse de Oxum, porque a Coordenação Prol Lavagem da Conceição não permitia já que a festa seria para Oxum.

Ao chegar à região dos Mercados Tales Ferraz e Augusto Franco os comerciantes de animais pararam suas atividades e os turistas aplaudiam o cortejo. Na área entre os mercados estava armado um parque de diversões para os festejos natalinos e o movimento de crianças e turistas era grande. O cortejo adentrou na Avenida Ivo do Prado e gerou grande congestionamento de veículos causado pela aglomeração de pessoas.

Havia revezamento de jarras entre homens e mulheres, motivado pelo cansaço atribuído da distância percorrida, do peso das jarras, da idade elevada das filhas de santo. **Todos carregavam as jarras nos braços**. O cortejo, quando se aproximou da Praça Fausto Cardoso, houve uma quebra na organização mantida desde a saída. Nesse momento o estandarte passou para as mãos de uma mulher. Os curiosos e turistas começaram a se dirigir para o Parque Teófilo Dantas. A organização do cortejo permanecia a mesma: a “Oxum menina”, o porta estandarte, o carro da Santa, o carro de fogos e suprimento, a cúpula sacerdotal, o mini-trio e a fila de veículos.

Ao adentrar na Rua José de Faro Rolemberg o estandarte ainda estava com a mulher. Quanto mais se aproximava da Catedral, mais intenso ficava o foguetório. O complexo de Praças estava muito agitado, com muitos carros estacionados, curiosos, artistas e políticos

presenciavam a chegada do cortejo ao Parque. Para trás ficava a Ponte do Imperador que no passado era parada obrigatória para o despacho dos balaios nas águas do Rio Sergipe. O fervor dos pontos estimulava ainda mais o povo que se dirigia apressadamente para o Parque. Nas repartições públicas os funcionários saiam para as varandas e calçadas no intuito de presenciar.

Alguns grupos aproveitavam a amplitude do lugar para se afastarem e consumirem bebidas alcoólicas. Ao chegar à sede da Prefeitura Municipal de Aracaju o menino retomou o estandarte. Nesse momento o cortejo parou para se organizar, ao mesmo tempo em que o povo de santo cantava. O cortejo percorreu aproximadamente 5 km.

A festa na Praça Olímpio Campos tinha começado antes da chegada do cortejo. A programação católica alusiva ao dia da padroeira começara às 6h30min, com o ofício de Nossa Senhora, às 7h missa dos devotos, às 09h30min missa solene celebrada pelo arcebispo de Aracaju, Dom José Palmeira Lessa contou com a participação de inúmeros padres, freiras, seminaristas, e coroinhas, às 11h30min celebração interconfessional. Às 12h40min chegou o cortejo ao Parque. Na frente da Igreja Nossa Senhora da Conceição já estavam à espera o pároco da Catedral, alguns auxiliares e todo o público.

Paralelamente a programação católica por volta das 8h30min começavam a chegar à Praça Olímpio Campos grupos de capoeira, de música e dança afro-brasileira. Atrás da estátua do Monsenhor Olímpio Campos os capoeiristas começaram a jogar capoeira. Havia três *berimbaus*, dois pandeiros, um atabaque e um *adjá.* Ao todo eram sete pessoas que tocavam instrumentos. Não existia um padrão nas cores dos berimbaus, nem nas roupas usadas pelos capoeiristas. Uns estavam de camisas azuis e calças pretas, outros todo de azul, outros todo de branco, sem contar aqueles que se juntavam à roda sem qualquer padronização. O círculo formado foi grande. Eles jogavam capoeira raiz e Angola.

Ainda pela manhã por volta das 10h alguns homens começavam a montar um palco no pátio do estacionamento do Parque Teófilo Dantas para a programação católica à tarde. O palco seria para realização do rosário de Nossa Senhora às 15h30min, a consagração a Nossa Senhora às 16h, e a procissão, homilia, benção do S. Sacramento, missa às 16h30min.

Segundo o padre Jerônimo a permissão para a Lavagem da Conceição seria porque:

> O povo de santo como é chamado os afro descendentes são chamados assim eles tem um carinho todo especial por Nossa Senhora da Conceição que pra eles é divindade suprema seria para nós cristãos católicos o Deus criador, então em função disso é eu considero muito importante pra eles para mim não tem importância religiosa, a importância religiosa é completamente devotada a eles é eu fico pensando se eu fosse impedido de prestar um culto católico por uma autoridade de outra religião ou por uma autoridade civil eu

> ficaria completamente entristecido então eu não tenho direito de impedir que aqueles que professam a fé diferente da minha é deixe de fazer o culto, assim eles fazem. [69]

No momento da chegada do cortejo à praça, os grupos musicais pararam suas atividades. O cortejo entrou na Praça pela lateral direita no sentido norte-sul. Nas escadarias da Catedral muitos já esperavam. Houve uma mistura natural entre os espectadores e o povo de santo. O povo de santo agitava as bandeirinhas comemorativas da Lavagem.

Antes que o cortejo chegasse às escadarias os espectadores procuraram se organizar atrás de duas pequenas grades que serviam para direcionar o caminho do cortejo até a entrada da Igreja. Quando o cortejo foi avistado por eles houve uma grande salva de palmas, seguida de agitação das bandeirolas comemorativas dos 25 anos da Lavagem. A primeira parte do cortejo a chegar à frente da Catedral de Aracaju foi o casal de meninos. Os mesmos foram orientados a se perfilarem e esperarem os demais. Logo após, veio o carro da Santa que adentrou no pátio do Parque Teófilo Dantas. A mando da Coordenação Prol Lavagem o carro que trazia a imagem de N. S. da Conceição estacionou em frente da Igreja. Quando o carro parou houve mais uma salva de palmas enquanto era constante a queima de fogos de artifício.

O espaço ficou pequeno para a multidão. Toda aquela multidão que vinha acompanhando o cortejo se reduziu a algumas dezenas de pessoas que realmente lavariam as escadarias. Apenas um pequeno grupo da hierarquia superior do candomblé e da umbanda permaneceram coesos e separados do restante do povo de santo.

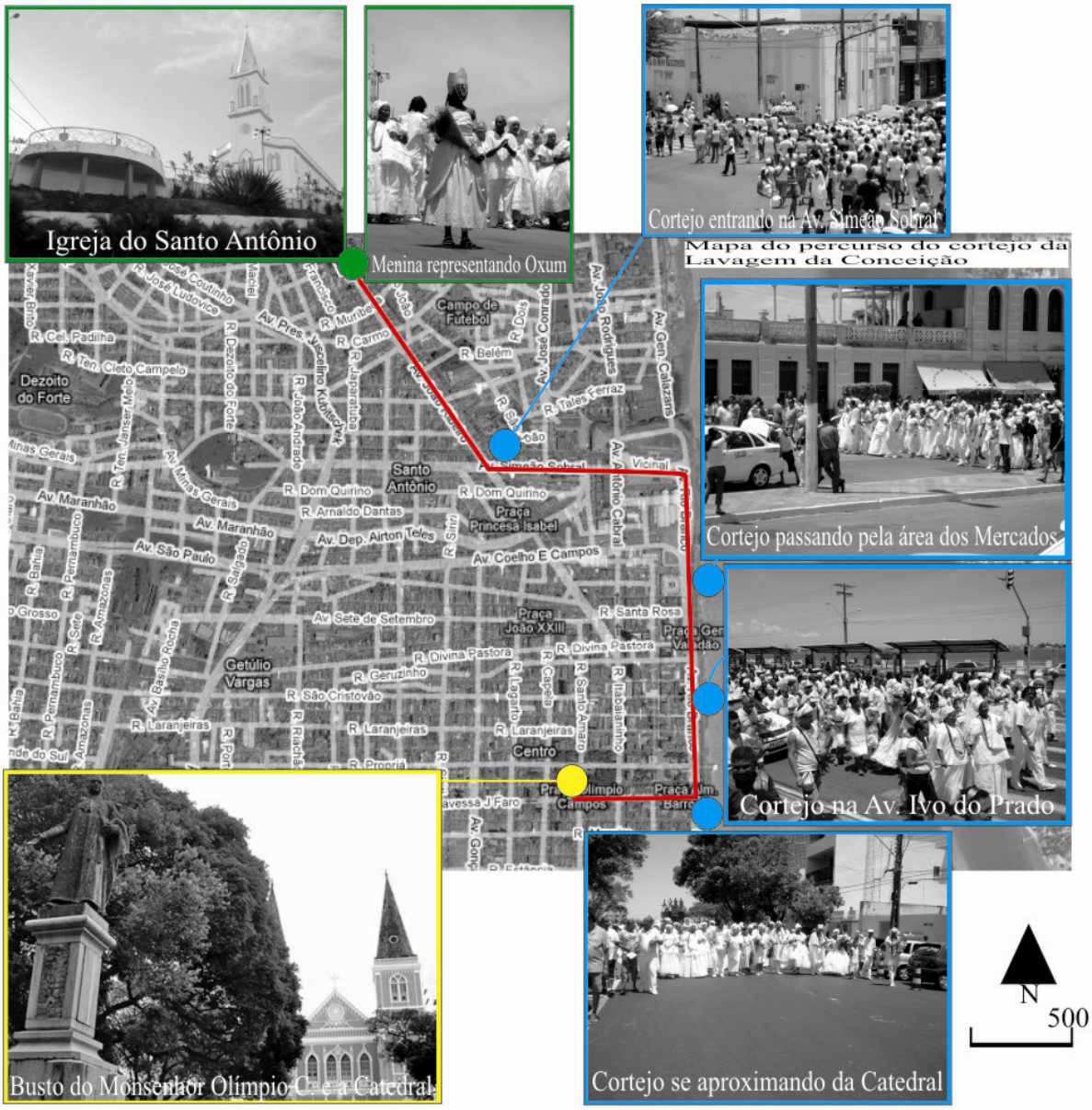
O portão cinza da Igreja já estava aberto e à frente dele nas escadarias estava o padre Jerônimo. O casal de meninos se aproximou dos religiosos católicos, junto com o carro da santa que se alinhava para ficar em frente da Igreja. Nesse momento dezenas de fogos foram disparados para festejar e anunciar a chegada do povo à Catedral e comemorar o dia da padroeira.

Enquanto isso, no mini-trio, e os *ogãs* realizavam o toque dos tambores, junto com os pontos de Oxum que logo foram interrompidos. De repente não se ouvia mais nada do mini-trio. Os *ogãs* começaram a retirar os atabaques. Então, o padre começou a recepcionar os lideres do povo de santo. À medida que os sacerdotes iam se juntando para ir ao encontro do pároco as filhas de santo, que iam fazer a lavagem, se posicionavam atrás do carro da Santa. O que ocorreu no momento foi um ato ecumênico em frente à Catedral, onde os participantes realizaram homenagens a Nossa Senhora da Conceição. A seguir podemos visualizar a ocupação do espaço pelo povo na ocasião da chegada do cortejo ao Parque Teófilo Dantas, em Aracaju no ano de 2007.

---

[69] Entrevista concedida no dia 05 de maio de 2009, pelo pároco da Catedral de Aracaju, Jerônimo Nunes.

Mapa 1 - Percurso da Lavagem da Conceição em Aracaju. 2007.



Não demorou muito e a *ialorixá* do Centro Espírita de Umbanda Paraíso dos Orixás, Angélica Oliveira, que estava à frente da coordenação da Lavagem da Conceição se posicionou para cumprimentar o pároco. Eram muitas emissoras de televisão e de rádio que faziam a cobertura do evento.

Em todo lugar da praça havia alguma manifestação política. O comércio de produtos alimentares neste dia era grande, barracas de artesanato vendendo tecidos bordados, comidas típicas e bijuterias. Os bares em torno do Parque Teófilo Dantas ficaram lotados de pessoas que consumiam bebidas e tira-gosto.

Após os posicionamentos do casal de meninos e do carro da santa, as *ialorixás* e os *babalorixás* do candomblé e da umbanda se dirigiram para as escadarias da Igreja. E as filhas de santo que realizariam a lavagem ficaram próximas ao carro da Santa. O pároco da Catedral, que já esperava o povo de santo, cumprimentou os chefes religiosos afro-brasileiros. Apenas mães e pais de santo ficaram próximos ao pároco. E em volta do padre se formou um semicírculo feito por esses lideres. Todos eles ficaram nos degraus da Igreja. Enquanto que as pessoas ao redor do semicírculo procuravam um bom local para poder observar o início do rito.

O padre foi o primeiro a falar ao microfone. Assim, ele discursou:

> Oi, alô som. Oi, boa tarde pra todos. Estão mim ouvindo mais ou menos. Nós gostaríamos em nome da Igreja Católica da Catedral Metropolitana de Aracaju, acolher a todos os adeptos inclusive do Candomblé e da Umbanda sejam bem vindos meus irmãos e minhas irmãs, a paz de Deus esteja com vocês, a paz de Deus esteja com vocês [...] A mão de Deus e vocês dizem axé, não é mesmo. Eu gostaria de parabenizar a todos pela persistência, pela perseverança e dizer que nós estamos aberto ao diálogo, estamos sempre aberto a convivência, ao dispêndio estamos sempre abertos a fazer de nossa vidas um grande instrumento de amor a Deus. [...] Somos humanos por conta de já sermos irmãos, somos filhos do mesmo pai que nos criou e que nos providencia temos maneira diferentes de cultuar a Deus mais isso não pode ser impedimento para a nossa fraternidade, para nossa união, para nosso respeito, a diferença nos desafia a comunhão, a diferença nos desafia a unidade, por isso queremos abraçar a todos vocês, abraçar a todas as pessoas que buscam Jesus Cristo, dignidade que buscam a verdade de Deus, Deus esteja no coração de todos vocês. A paz de Deus esteja convosco. Rezemos juntos o Pai Nosso. A benção de Deus todo misericordioso Pai, Filho e Espírito Santo, amém.[70]

Ao mesmo tempo em que o padre falava ao microfone os *ogãs* no mini-trio continuavam a cantar e tocar. O discurso do padre de tolerância, de diálogo, de respeito às

[70] Transcrição do discurso feito pelo Padre Jerônimo antes da Lavagem da Conceição de 2007, retirado da gravação produzida por Hippolyte Brice.

diferenças foi encerrado com a reza do “pai nosso”. Nesse momento os *ogãs* pararam o toque, e todos os que estavam perto deste ato ecumênico estenderam as mãos para o alto e rezaram juntos. Logo depois os padres pegaram *a caldeirinha e a hissopo* e através dessa jogaram água benta e abençoaram o povo de santo.

Após o discurso do pároco, iniciou-se a fala da *ialorixá* Angélica Oliveira. A sua volta estavam alguns zeladores e os símbolos do rito: o estandarte, a Oxum menina, as jarras, as flores e o perfume de alfazema.

Assim, a *ialorixá* Angélica discursou:

> Boa tarde a todos, muito axé pra todos os nossos irmãos [...] e a todos os irmãos da Igreja Católica. Agora. Eu gostaria de chamar, favor Jaira pra vim pra o microfone, Jaira está aqui?Gibaldo, Dona Maria Bispo que mais Augusto que está aqui pertinho da gente não se cansaram de trabalhar muito, sol-a-sol mesmo ta aqui mesmo cansado e veio louvar a mamãe Oxum, pai Jorge que faz tempo que agente não se ver, mãe Rita também, João né tá aqui nos ajudando bastante também na Cultura na [...] agradecemos também a presença do Secretário de Cultura que favoreceu para que nós fizéssemos no Auditório do Lourival Baptista não só uma amostra do que é a realidade da Festa da Lavagem da Conceição desde 1982 até 2007 muito obrigado. Queremos agradecer também a Raimundo Venâncio diretor, enfim queremos agradecer a todos que compareceram neste evento apesar de não comparecerem nas reuniões pra nos ajudar a compor as idéias com relação ao crescimento da Lavagem, e quero dizer o seguinte nós éramos milhões, milhões quando este país pela primeira vez recebeu arrancado de terras distantes africanos de todas as nações: angola, jejê, mina, bantu e tantos outros que compuseram a nação ioruba nesta nova terra e nós não sabíamos falar ainda o português e muita coisa que se atribuía ao negro naquela época era coisa do diabo, era coisa do satanás, era coisa do demônio, e nós pagamos essa pexa até hoje é bom que agente tire essa camisa. Joguemos essa camisa fora porque muitas vezes encontramos irmãos manifestados nos seus Ilês, no seu Centro de Umbanda com pomba giras e exus falando de São Benedito e [...]. Joguemos essa camisa fora ela não nos serve, devemos vestir a verdadeira camisa do Candomblé essa sim devemos nos vestir, hoje podemos falar uma só língua para que todos nos entendam, antes não, o ioruba não era entendido, o nagô que nós estamos homenageando hoje não tinha significado para a Colônia [...] Então, se podemos falar brasileiro e todos nós entendemos, podemos então sentar numa mesa ecumênica falar a nossa língua para falar da evolução do homem, para falar de desenvolvimento social, para falar de cultura, de cultura de um povo não assumido ainda por conta do preconceito e por conta do racismo, gente do candomblé eu agradeço a vocês, agradeço muito, apesar de muitos não terem comparecido as reuniões, mas espero que doravante este conselho, este conselho que foi constituído lá no Lourival Baptista comece na realidade com todo axé, todo axé do mundo, axé. Possamos convocar todas as nações também que estão querendo abraçar, abraçar esta Igreja que nos acolhe a Igreja que na época do cativeiro fez questão que nós estivéssemos na sua casa aprender a catequese e hoje nós falamos né Padre Jerônimo a mesma língua e queremos sentar na mesa, pra gente discutir os problemas sociais, os problemas religiosos, porque de uma forma ou de outra teremos que nos se conscientizar e não podemos fazer guerra em nome, em nome de uma falsa paz. A paz tem que estar dentro de nós primeiramente certo, e sendo

> sociabilizada com outros irmãos a medida que agente se conscientiza [...] com o arcebispo de Aracaju com todas as religiões pra discutirmos toda a problemática social de Sergipe, problemática social do Brasil e problemática social do mundo e porque não dizer do nosso planeta terra, porque nós vivemos o axé, nós vivemos a água, nós vivemos a cachoeira, nós vivemos a pedra, nós vivemos [...], por isso nós somos tratados como macumbeiros somos chamados de feiticeiros e quero desejar a Igreja Católica hoje né Padre, né Pai Jorge, quero desejar muito axé pra todos muita paz, um abraço, um abraço dado, viva ao coração é negro que abençoa, é negro que abençoa, é negro que abençoa eu peço que [...] enquanto agente entra dentro da Igreja pra ver Nossa Senhora da Conceição também dos católicos, axé pra todos. [71]

Vários foram os momentos de palmas e fogos durante a sua fala. Terminados os discursos houve a última salva de palmas e os dois cônegos jogaram pela segunda vez água benta sobre o povo de santo que estava próximo a eles. Poucos foram os que pegaram os pingos de água benta e fizeram o sinal do pai nosso. Era hora de o povo entrar na Igreja. Num sussurro rápido entre o pároco da Catedral e a *ialorixá* Angélica começou o povo de santo a se preparar para entrar na Igreja.

Os candomblecistas e umbandistas se viraram para frente da Igreja e começaram a subir os degraus para adentrar nela. As pessoas que não eram da religião entravam pelas portas laterais, enquanto os filhos de santo entravam pela porta principal. Lado a lado os representantes das duas religiões ficaram por alguns minutos sem trocar palavras. Fez-se um corredor de pessoas nas laterais do portão principal. Atrás dos *babalorixás*, *ialorixás* e do padre vinha todo o cortejo formado por homens e mulheres que repetiam os pontos cantados. No corredor central sob um tapete vermelho o cortejo andava. Durante a entrada se misturavam ao cortejo algumas pessoas que queriam ver o ritual dentro da igreja. No seu interior a imprensa local e muitos fotógrafos se empurravam para conseguir o melhor ângulo daquela manifestação.

O microfone foi passado para um *babalorixá* que começou a cantar os pontos de Oxum, que era respondido por todos que iam entrando. O outro padre ficara bem próximo aos sacerdotes da religião afro-brasileira enquanto as *ialorixás* e filhas de santo pegavam as suas jarras com flores e seus perfumes. A *ialorixá* Angélica segurava o *adjá* e tocava à medida que o cortejo adentrava. O pároco da Catedral todo de branco juntara as mãos na altura da cintura. Com a cabeça inclinada ligeiramente para baixo acompanhou o cortejo até o altar.

Os chefes das religiões na frente junto com o solista, em seguida as baianas e adés, o estandarte e todo o povo de santo. O estandarte era branco, aproximadamente um metro e

[71] Transcrição do discurso feito pela Ialorixá Angélica antes da Lavagem da Conceição de 2007, retirado da gravação produzida por Hippolyte Brice.

meio de altura com um metro de largura, nas bordas tinha detalhes dourados, na parte superior um pano amarelo cheio de brilho dava requinte. No centro do estandarte pintado estava a imagem de Oxum. Ela era bem sinuosa, não tinha nenhuma parte íntima à mostra, possuía muitos brincos, pulseiras e colores, em uma das suas mãos segurava um espelho. Havia escrito: Oxum, e logo abaixo Jubileu de Prata. A sua volta estavam pintados seis estrelas douradas em cada lado.

As filhas de santo que adentravam com as jarras vinham no meio do cortejo. O estandarte não era mais carregado pelo menino, mas por um homem adulto que o carregava a sua frente. Todos caminhavam pausadamente em direção ao altar, que era esplendoroso. Antes do altar a mesa de mármore utilizada para as cerimônias estava forrada com um *corporal* branco. Já no altar se encontravam três cadeiras juntas numa parte mais elevada do segundo nível de piso da Igreja e outras duas em cada lado do conjunto de cadeiras. Próxima a essas duas cadeiras havia duas pequenas mesas de cor branca onde se entravam *as galhetas, o vaso de purificação, o cibório* utilizado nas missas. Essas cadeiras eram de madeira e estofado de cor vermelha. Nas laterais havia mais cadeiras do mesmo tipo. Na parte superior do altar havia quatro pinturas de Nossa Senhora em momentos diferentes da sua vida religiosa. No centro do altar havia a imagem de Jesus Crucificado, do seu lado direito Nossa Senhora da Conceição e do seu lado esquerdo São José.

À medida que o cortejo de santo entrava na Igreja, os bancos iam sendo tomados pelas pessoas que em pé observavam a entrada. Junto com os filhos de santo entrou o pároco da Catedral. Não cabiam mais que duas pessoas no corredor central da Catedral, o que formava pares no intuito de se locomoverem melhor. Assim, o padre viria logo atrás de uma primeira dupla, formada por um *babalorixá* e uma *ialorixá*. O cortejo não chegou ao altar propriamente dito, esse ficou no primeiro piso da Igreja. Subindo dois degraus e caminhando mais um pouco se chegava ao altar. Quando o cortejo chegou diante dos degraus houve uma parada. Nesse instante o padre Jerônimo e a *ialorixá* Angélica se abraçaram em sinal de respeito e tolerância ao rito. Enquanto os demais continuavam a cantar. Pela segunda vez eles trocaram sussurros e o padre se retirou.

Em relação ao significado da Lavagem para a Igreja Católica, o padre Jerônimo disse:

> A Lavagem da Conceição tem um significado todo especial para eles, para os católicos apenas o significado do respeito a identidade deles que difere da nossa mas o respeito é baseado no mandamento do amor: amai-vos uns aos outros como eu vos amei, disse Jesus, e um dos princípios do amor é o

> respeito. Portanto, nós queremos respeitar a diversidade para quem sabe um dia chegarmos à unidade. [72]

Segundo o Padre Jerônimo o motivo para permitir que o povo de santo adentre na Catedral seria:

> Primeiro uma conversa franca com os líderes, sobretudo com a ialorixá mãe Angélica, e encontrei nela uma pessoa de grande consciência religiosa e a partir daí os seus líderes imediatos é os ministros da religião se é que podemos chamar assim, os oficiais da religião, então eles fizeram aqui uma grande experiência é demonstrando seriedade, demonstrando respeito ao sagrado, por isso eu fui entrando com eles na celebração para-litúrgica aqui na frente da Igreja e depois permitir aos poucos que eles fossem também é avançando o sinal um pouco mais para entrarem na Igreja. [73]

Diante do altar os zeladores se curvaram e abaixaram a cabeça. Este ato demorou alguns segundos e ao sinal de Mãe Angélica o cortejo começou a voltar. Na transição de trajeto por alguns instantes todos ficaram calados, cessando o canto dos pontos. No momento que o cortejo começou a voltar para as escadarias as palmas terminaram e os cânticos em *iorubá* voltaram junto com o toque do *adjá*. A volta para a entrada da Igreja foi feita de costas em respeito ao altar e a Nossa Senhora da Conceição. À frente do cortejo muitos filhos de santo já haviam retirado a tampa do frasco de alfazema. Os pontos a Oxum começaram a ser cantados. À medida que o cortejo saía da Igreja o corredor central dela ia se esvaziando e os curiosos se dirigindo para as escadarias enquanto outras pessoas rezavam nos altares laterais.

Para o padre Jerônimo o significado da permissão da entrada do cortejo da Lavagem dentro da Igreja seria:

> Pra mim repito significa sempre uma dimensão de abertura, de respeito uma abertura para acolher o outro que é diferente os nossos irmãos afro-descendentes eles apesarem de muitos serem também católicos né porque há um sincretismo religioso que aliás foi lhes roubada durante um período longo na história do Brasil, eles foram proibidos de professarem a sua fé foram coibidos e foi imposta a nossa religião a eles, daí o sincretismo que surgiu como forma de driblar então quando agente percebe hoje essa abertura a possibilidade o negro entrar na Igreja é vestido a caráter e fazer a sua louvação não significa dizer que estamos misturando religiões mas significa dizer que a Igreja Católica está amadurecendo está abrindo o coração, abrindo a sua alma para acolher as outras pessoas num templo que é seu católico mas que pode naquele momento também ser um templo destinado a outras manifestações religiosas sem ferir contudo a sacralidade católica que identifica a Igreja Cristã Católica. [74]

---

[72] Entrevista concedida no dia 05 de maio de 2009, pelo pároco da Catedral de Aracaju, Jerônimo Nunes.
[73] Entrevista concedida no dia 05 de maio de 2009, pelo pároco da Catedral de Aracaju, Jerônimo Nunes.
[74] Entrevista concedida no dia 05 de maio de 2009, pelo pároco da Catedral de Aracaju, Jerônimo Nunes.

Às 13h começou a Lavagem da Conceição. Quando os primeiros filhos de santo chegaram às escadarias, começou a lavagem. Os filhos que tinham jarras jogavam a água preparada em cima das pessoas. Homens e mulheres molhavam as flores dentro das jarras e jogavam nas cabeças dos que ali estavam. Enquanto já perto de sair do interior da Igreja os sacerdotes vinham de costas.

Um segundo grupo de filhos que vinham com os sacerdotes começava a se preparar para repetir o mesmo ato. Já no portão de saída de frente para a Praça, as filhas de santo fizeram uma pequena roda. E em um determinado local, no chão da calçada interna da Igreja, começaram a jogar a água das jarras, junto com o perfume de alfazema. Assim, a água saía e escorria pela borda das jarras em direção aos degraus molhando-os. A partir deste local, à medida que saíam em direção às escadarias, outras filhas de santo molhavam as pessoas com as flores banhadas na água das jarras ou com o perfume. Tudo isso era acompanhado pelos pontos de Oxum.

A Lavagem da Conceição não tem a presença de vassouras ou quebra das quartinhas. O rito de purificação em Aracaju é caracterizado por jogar a água das quartinhas e o perfume de alfazema na cabeça das pessoas presentes. Água que já vem preparada do terreiro de mãe Angélica é distribuída para as filhas de outros terreiros ainda na Colina, junto com as jarras e flores, e esta é usada no ritual. A função da água é de lavar e purificar. A lavagem é um rito de purificação que significa limpeza, renovação e promove o renascimento. A realização da Lavagem no mês de dezembro marca o fim de ano em Sergipe sob a égide de Oxum e é uma forma de agradecer mais um ano de realizações.

No fim do rito há a distribuição das flores das quartinhas. Muitas pessoas se dirigiam em direção aos filhos para poderem ser banhados pela água. Ao passo que terminava a água os filhos com as jarras vazias se dirigiam em direção ao carro da Santa para guardar o material no veículo. Não se via mais o padre ou algum representante oficial da Igreja Católica e o estandarte vinha no fim de todos ainda dentro da Igreja.

O rito assume para o povo de santo um caráter religioso, variando os seus significados de acordo com a relação de participação e a história dos filhos de santo com a Lavagem. Após sair das escadarias o povo de santo se dirigiu para o local que serve de estacionamento em frente à Igreja. A partir daí, mais uma vez a *ialorixá* Angélica proferiu algumas palavras de agradecimento. Enquanto ela discursava os *ogãs* colocavam os atabaques em frente aos degraus da Igreja. Eram quatro *ogãs* com seus respectivos atabaques. Apenas um *ogã* não tocava o atabaque com as mãos e sim com o *aguidavi*. Após os agradecimentos alguns filhos de santo ficaram um pouco afastados dos outros logo se formou uma grande roda.

Mapa 2- Ocupação da área do Parque Teófilo Dantas na Festa da Conceição em Aracaju.2007.

Igreja antes da Lavagem

Barracas de comidas típicas

Momento de preparação da Lavagem

A roda ou mandala era formada por homens e mulheres do candomblé. Parecia que aquela roda era a mesma vista em qualquer terreiro de candomblé. Assim, a roda se iniciou comandada por um pai de santo. Cantigas, danças, toque, gestos e efervescência religiosa. Os *babalorixás* e *ialorixás* seguravam nas mãos os objetos sagrados, junto ainda com as jarras e perfumes. Os cânticos eram cantados por solistas em *iorubá* e respondidos por todos. O som vinha das vozes, das palmas e dos atabaques. O povo de santo dançava em círculo e dentro dele havia mais círculos concêntricos formados pelo povo de santo. Havia para separar os curiosos da roda uma pequena grade que dividia o público em dois lados.

Nas escadarias da Catedral ficaram os *ogãs* com seus atabaques e muitas pessoas que presenciavam aquela manifestação. A grande roda era formada em sua maioria por mulheres vestidas de branco, que dançavam num espaço anterior à escadaria da Igreja. Alguns homens também de branco se misturavam a elas. A roda menor no centro, composta de homens e mulheres de hierarquia na religião trajando roupas brancas, amarelas e bordados em richelieu, dançavam formando um centro referencial para a roda maior.

A roda foi desfeita com uma salva de palmas e algumas palavras. Esta roda demorou uns sete minutos aproximadamente. Mais uma vez se agradeceu a presença de todos e o povo se dispersou. O espírito de confraternização era grande entre o povo do candomblé. A Igreja permaneceu aberta para a comunidade. Dentro dela havia algumas pessoas que aproveitaram a oportunidade para fazer suas orações para Nossa Senhora da Conceição. No tapete não havia nenhuma sujeira, nem água, nem flores e nem cheiro. A Igreja parecia não ter sido lugar de homenagens. A água preparada tinha sido despejada logo na entrada da Igreja, sem esfregar o chão, a limpeza deveria ser feita pela própria água sem ajuda humana. O altar ainda enfeitado com flores brancas e bandeiras das congregações católicas não possuía qualquer símbolo que representasse a homenagem dos candomblecistas e umbandistas à Santa.

Paralelamente a roda de candomblé próximo à estátua de monsenhor Olímpio Campos alguns grupos de percussão iniciavam as suas apresentações. As escadarias quase que não estavam molhadas. Após o povo disperso só sobraram os *ogãs* nas escadas e algumas dezenas de candomblecistas e umbandistas próximos ao carro da Santa.

Os comerciantes lucraram com a venda de comidas típicas, artesanato e outros artigos. O palanque já havia sido montado na lateral direita da Igreja. Quando se encerrou o ritual, a apresentação de um Grupo de Percussão conhecido por Burundanga teve muitos espectadores. No entanto, algumas pessoas presentes na Praça ainda ficaram com a atenção divida entre a religião e a festa. Alguns iam ver a banda de músicos tocar, outros iam ver os filhos de santo se arrumar para ir embora.

O rito de purificação teve como elementos simbólicos: a santa, o estandarte, a Oxum personificada, a cor branca, as jarras, os fios de contas e as práticas das religiões afro-brasileiras como: a lavagem, o banho de perfume e o *xirê*. Para muitas pessoas a festa de Oxum termina com a Lavagem, para outras ela tem continuidade à noite na orla da Praia de Atalaia Velha, onde os filhos dos terreiros entregam os presentes a Oxum. No candomblé a oferenda aos orixás é umas das obrigações de natureza religiosa que o filho de santo contrai com seu orixá depois de iniciado. Tal prática ritualística consiste no oferecimento de materiais e substâncias que contêm *axé*. E a sua realização garante a manutenção do sistema religioso. A prática de lançar presentes ao mar no dia 8 de dezembro é mais antiga que a Lavagem da Conceição. Para os candomblecistas e umbandistas os presentes significam pedir ou agradecer algum tipo de benefício através da intervenção de Oxum.

À noite alguns terreiros lançam suas oferendas no mar em um local bem afastado da multidão na praia de Atalaia. Turistas e curiosos vão à praia para ver os toques, as oferendas e os atendimentos. São ofertados presentes a Oxum como: perfumes, flores, jóias, bijuterias, espelhos, sabonetes etc. Junto aos presentes são encaminhados por escrito pedidos, agradecimentos e súplicas. Se a oferta não afundar e voltar para a areia da praia é sinal que a oferenda não foi aceita por Oxum. Algumas pessoas entram ao mar e tomam banho, outras acendem velas e jogam flores na água. Para cada terreiro se faz apenas um presente e este, antes de ser levado para a praia, ainda nas roças é consagrado ao Orixá por meio de rituais secretos de conhecimento apenas das mães e pais de santo. O objetivo desses rituais é “plantar as coisas de axé”.

3.2. Os Custos da Lavagem das escadarias

Feita a descrição da lavagem das escadarias em seus diversos momentos. Os objetivos agora são: apontar as causas da dificuldade financeira da execução da lavagem pela coordenação e mostrar ao longo da história da lavagem a evolução dos preços dos materiais utilizados nela.

O candomblé e umbanda são religiões caras. Gasta-se muito para fazer o rito de iniciação, as obrigações, as roupas do santo e do povo, arrumar o barracão para festas, manter os terreiros etc. A princípio durante a festa a Oxum nos terreiros de Aracaju o gasto com a "comida de santo" é muito alto. O motivo para tantos gastos seria a feitura das comidas para a festa, que se faz em quantidade muito grande, pois são nas ocasiões dessas festas que as roças enchem de filhos-de-santo de outros terreiros, familiares, visitantes e convidados. O que faz com que o gasto com alimentos, bebidas, e materiais diversos seja uma despesa importante a ser considerada pelo zelador do terreiro.

Os custos para se realizar a Lavagem da Conceição são grandes. Nesses quase vinte e sete anos de existência da Lavagem da Conceição, a coordenação da Lavagem dirigida pelo CEUPA enfrentou enormes dificuldades financeiras em sua administração. A relação do povo de santo com a coordenação não é das mais amigáveis. Isso reflete na quantidade de pessoas envolvidas na feitura da comida de santo no terreiro, na quantidade de pessoas dispostas a ajudar na organização da Lavagem e na arrecadação financeira para o evento. A dificuldade financeira se deve a alguns fatores: 1) o povo de santo não fica unido em torno da ajuda para a compra dos materiais para a Lavagem, 2) o povo de santo discorda do processo de organização do evento, 3) o povo de santo pensa que a organização não necessita de ajuda, 4) os poderes municipal e estadual não dão ou pouco ajuda a Lavagem da Conceição.

Para facilitar a captura de recursos a coordenação da Lavagem da Conceição confecciona todo ano uma espécie de projeto onde esclarece o que é a Lavagem, a sua finalidade, as justificativas para o auxílio do evento e os materiais utilizados na Lavagem. O projeto da Lavagem facilita o esclarecimento por parte dos órgãos públicos e privados do estado para possíveis apoios. A cada ano a coordenação vem alterando o projeto devido às novas necessidades da Lavagem e à baixa ajuda conseguida. Essas alterações teoricamente deveriam ampliar as possibilidades de colaborações. É bom ressaltar que toda a ajuda recebida seja pública ou particular faz uma prestação de contas para o ajudante.

O período que corresponde ao meio do ano é um momento decisivo para a Lavagem da Conceição em Aracaju, pois, é o período em que começam os preparativos para conseguir apoio financeiro. Assim, várias reuniões são realizadas nas dependências da sede do Centro Prol Festividades da Lavagem da Conceição. Não há um calendário fixo para as reuniões, mas as mesmas ocorrem dependendo da proximidade da data da Lavagem e da urgência da atividade a ser preparada pela organização do evento. No entanto, pode ser que ao fim de cada reunião se marque a data do próximo encontro. Nessas reuniões é convidado tanto o povo de santo como pessoas da sociedade civil. O número de pessoas que comparecem a essas reuniões é considerado baixo, em relação à importância do evento para as religiões afro-brasileiras em Sergipe.

As principais lideranças do candomblé e da umbanda pouco participam. A primeira justificativa que poderia ser usada para explicar tal situação seria que o local onde essas reuniões acontecem não é um local “neutro” do ponto de vista político, segundo alguns. No passado as reuniões ocorriam no auditório do Teatro Lourival Baptista em Aracaju. Também, nessa época as reuniões tinham baixa presença. É possível também que disputas em relação ao controle da Lavagem em meados dos oitenta do século passado tenham afastado essas lideranças. Outra justificativa seria a proximidade dos convites enviados para os terreiros, já que seriam enviados em cima da data, o que inviabilizaria qualquer planejamento de ida até o local. Já outra seria a falta de abertura ideológica por parte da coordenação atual, o que inibiria o público heterogêneo e crítico das religiões afro-brasileiras. A consequencia de tudo isso é a relação pouco amistosa entre a coordenação e o povo de santo em Aracaju.

Essas reuniões ocorriam na sede do Centro Prol Festividades da Lavagem da Conceição no Bairro Santo Antonio. A pauta das reuniões varia muito, em suma, os assuntos envolvem a formação de equipes para a organização do cortejo, acionar meios de comunicação, visitar as secretarias estaduais e municipais da cultura em busca de apoio, ouvir novas propostas para o evento, elaborar documentos sobre reuniões seguintes, levantamento de orçamentos dos materiais necessários para o evento, tais como: o número de ônibus, de terreiros, de talhas, de perfumes, de caixa de fogos, de lanches etc.

A Lavagem da Conceição realizada pelos estudantes do Colégio Visão de Aracaju comparada com a edição de 2007 teve poucos gastos porque a quantidade de material necessário era pouca e em sua maioria eram materiais de uso doméstico conseguidos pelos próprios estudantes em suas residências ou nas dependências da Praça Olímpio Campos. A seguir podemos visualizar a quantidade estimada dos materiais possivelmente utilizados pelos estudantes na 1º Lavagem da Conceição, no ano de 1982.

Tabela 3: Materiais da Lavagem da Conceição de 1981.

NÚMERO DE ORDEM	MATERIAIS	UNIDADES
1	Vassoura	5
2	Balde de plástico	4
3	Sabão em pó	2
4	Galhos de árvores	6
5	Hinário a Nossa Senhora	5
6	Estandarte	1

Fonte: Depoimentos de participantes, sobre a Lavagem de 1982.

Assim, concluímos que na lavagem realizada pelos estudantes em 1981 quase que não houve gastos. A partir de 1984 a Lavagem da Conceição cresceu com a adesão de vários terreiros tradicionais e seu planejamento passou a ser pensado para esta demanda. Na época o número de baianas que participava era muito grande, exigindo por parte da coordenação uma estrutura de mega evento. O auge da Lavagem da Conceição em termos de participação do povo afro-brasileiro talvez tenha sido a década de 1990.

Na década de 1990, a Lavagem da Conceição tinha o apoio do antigo Departamento Central de Esporte e Lazer da Secretaria de Estado da Educação e Cultura – DCEL que apoiava os eventos esportivos e culturais promovidos pela então coordenação da Lavagem. Assim, houve a Corrida da Conceição, Feira de Comidas Típicas e Artesanato e apresentações artísticas e culturais. O DCEL apoiava também a compra de materiais e doava ônibus para o transporte do povo dos terreiros para a Colina.

A seguir podemos visualizar a quantidade estimada dos materiais possivelmente utilizados na 8ª Lavagem da Conceição.

Tabela 4: Materiais da Lavagem da Conceição de 1990.

NÚMERO DE ORDEM	MATERIAIS	UNIDADES
1	Ônibus	80
2	Cartazes	2000
3	Folders	2000
4	Flores	100 dúzias

5	Fogos	8 girândolas e 80 caixas
6	Perfumes	150 dúzias
7	Talhas	200 talhas
8	Folhas de isopor (grossa e mediana)	10
9	Colas de isopor (médio)	10
10	Arame	2 kg
11	Papel crepom branco	100
12	Papel crepom verde	100
13	Fita/papel prateada	10
14	Fita/papel laminada verde	10
15	Papel chumbo	50
16	Cesto de vime	50
17	Cachês para grupos artísticos	CR$ 100.00,00

Fonte: Documento da II Reunião Preparatória, da Lavagem de 1990.

Em 2007, a Lavagem da Conceição passou por uma série de dificuldades tais como de **1) organização** - porque a coordenação da Lavagem conta com uma equipe de trabalho reduzida comparada a possibilidade de ajuda do povo de santo, **2) financiamento** - porque não conta com ajuda oficial dos órgãos governamentais; **3) participação** - porque pela quantidade de terreiros que Aracaju possui e a quantidade de adeptos das religiões afro-brasileiras, a festa apresenta uma queda da população afro e um aumento de público espectador. Talvez o ato ecumênico que a Lavagem propicia unindo em um só momento líderes da Igreja Católica, do Candomblé e da Umbanda em Aracaju atraia atenção dos turistas, pesquisadores, estudantes e curiosos que aumentaram o público espectador.

Na 25ª Lavagem da Conceição os custos referentes aos materiais necessários cresceram muito. Tal fato se deve a diferença entre os recursos/materiais que provêm da ajuda público-privada e às diversas despesas crescentes com a Lavagem. A falta de apoio governamental que outrora era presente e o quase isolamento por parte da coordenação da

Lavagem para com os terreiros importantes e influentes do Estado acarretaram em reduzido capital que entra para a cobertura dos gastos.

A seguir podemos visualizar a quantidade estimada dos materiais possivelmente utilizados na 25ª Lavagem da Conceição.

Tabela 5: Materiais da Lavagem da Conceição de 2007.

NÚMERO DE ORDEM	MATERIAIS	UNIDADES
1	Ônibus	3
2	Cartazes	20
3	Faixas	5
4	Folders	100
5	Bandeirolas	100
6	Flores	10 dúzias
7	Fogos	1 girândola e 10 caixas
8	Perfumes	1
9	Talhas	20 talhas
10	Mini-trio	1
11	Táxi	2
12	Água mineral	50
13	Almoço (omolocum, feijão preto, peixe, bolo, salgado, refrigerante)	200
14	Fita/papel amarela	20
15	Estandarte	1
16	Grupo artístico	1

Fonte: Observação da Lavagem da Conceição, em 2007. Pelo autor.

Todo esse material não se destina à festa a Oxum do CEUPA a que a Lavagem é subordinada e sim exclusivamente à Lavagem das Escadarias. Após a retirada paulatina da ajuda governamental à Lavagem a coordenação acumulou dívidas de edições anteriores. Assim, para se ter uma ideia dos gastos que a Lavagem das Escadarias da Catedral de Aracaju

traz para o Centro Prol Festividades da Lavagem da Conceição, segue uma tabela de preços estimados de acordo com o comércio da capital sergipana feita em 2007.

Tabela 6: Materiais e preços estimados para a Lavagem da Conceição de 2007.

MATERIAIS	UNIDADES	PREÇO
Ônibus	1	R$ 450,00
Cartazes	1	R$ 1,00
Faixas	1	R$ 15,00
Folders	1	R$ 2,00
Bandeirolas	1	R$ 2,10
Flores	1 ramo	R$ 1,50
Fogos	13 tiros	R$ 15,00
Perfumes	1	R$ 5,00
Talhas	1 - 30 cm	R$ 60,00
Mini-trio	1	R$ 850,00
Táxi	1	R$ 150,00
Água mineral	1	R$ 1,00
Almoço (omolocum, feijão preto, peixe, bolo, salgado, refrigerante)	1	R$ 50,00
Fita/papel amarela	1 – 1 m	R$ 1,50
Estandarte	1	R$ 80,00
Grupo artístico	1	R$ 1.000,00
Santa	1 – 1m	R$ 110,00
Total	17	R$ 2.794, 10

Fonte: Comércio de Aracaju, em 2007. Pelo autor. Consultado em 2007.

Os gastos em qualquer festa interna afro-brasileira sempre são muito altos. Não seria diferente em uma festa pública, que envolve o prestígio daquele que organiza, a capacidade de mostrar a beleza da festa e o sucesso dela. Como a Lavagem é organizada pelo CEUPA a idéia das contribuições espontâneas pelo povo de santo não funciona, fazendo com que se precise pedir ajuda a órgãos públicos e privados. Alguns políticos e empresários locais colaboram com doações de materiais, mas ainda é insuficiente para cobrir os gatos com materiais.

As despesas do terreiro são separadas da Lavagem. Assim, o Centro Paraíso dos Orixás dirigido pela *ialorixá* Angélica tradicionalmente faz e doa as alimentações. A festa que se realiza nesse terreiro tem talvez gastos equiparados com a Lavagem da Conceição. Pois se gasta para arrumar a roça, com comida de santo, com água, energia, gás etc. O gasto com a comida de Oxum é em relação: ao *omolocum*. Para fazer o *omolocum* se compra feijão fradinho, cebola, azeite de oliva e ovos. Além disso, nesse terreiro se gasta com feijão preto, arroz, peixe e camarão seco. A comida de Oxum não pega dendê. A comida é feita em panelaços, para não faltar ao povo de santo e aos convidados. Portanto se faz muita comida.

Outro gasto que podemos constatar é em relação aos presentes ofertados a Oxum na praia à noite. Apesar de não constar como despesas para a Lavagem da Conceição, os balaios representam um percentual grande de gastos na divisão do dinheiro arrecadado no terreiro. Diz a tradição oral que se Oxum não gostar dos presentes ofertados pode castigar a casa. A festa a Oxum na praia de Atalaia Velha remonta as primeiras décadas do século XX, quando surgiram na capital os primeiros terreiros de candomblé e umbanda. No dia da festa são ofertados flores, sabonetes, perfumes, joias, bijuterias, pentes, espelhos, desodorantes etc.

A seguir podemos ver uma tabela dos principais materiais utilizados nas oferendas a Oxum em Aracaju à noite pelos terreiros e seus respectivos preços.

Tabela 7: Materiais e preços dos materiais contidos nos presentes a Oxum

MATERIAIS	QUANTIDADES	PREÇO
Sabonete	1	R$ 2,00
Flores	1 ramo	R$ 1,50
Perfume	1	R$ 5,00
Bijuteria	1	R$ 2,00
Espelho	1	R$ 2,50
Pente	1	R$ 2,00
Vela	1	R$ 3,00
Oxum	1 – 30 cm	R$ 30,00
Fitas amarelas e brancas	1	R$ 3,00
Garrafa de espumante	1	R$ 20,00

Fonte: Observação da Festa na Praia de Atalaia, em 2007. Pelo autor. Consultado em 2007.

A natureza dos presentes oferecidos a Oxum tem ligação com as qualidades da Oxum. As oferendas a ela em Aracaju são colocadas ao mar seguindo uma determinada tradição. Como Aracaju não tem nenhum rio caudaloso, ou sem poluição, ou com cachoeiras para

serem colocados os presentes, começou uma tradição de depositar no estuário do Rio Sergipe e outra ao mar. A tradição de levar os presentes ao mar prevalece como prática ritual em muitos terreiros da capital.

O CEUPA comparado com outros terreiros possui poucos filhos de santo. Assim, as dificuldades financeiras e de organização e participação na Lavagem estão ligadas também aos compromissos desses poucos filhos-de-santo em relação à sua família de santo, os quais devem auxiliar na subsistência e na reprodução. Os laços estabelecidos entre o filho-de-santo e a casa de candomblé não se referem apenas à filiação religiosa, mas às obrigações recíprocas, às emoções, e aos sentimentos. A adesão a um terreiro de candomblé sugere a entrada em um círculo de intimidade e o cumprimento de uma rigorosa agenda relacionada à família de santo e ao seu dirigente.

A Lavagem como festa pública é uma demonstração de prestígio e poder do terreiro. Este tipo de celebração é uma prova da fecundidade do axé da casa, através da ostentação não só da competência ritual, mas também do poder de mobilização dos recursos materiais e humanos necessários à realização do evento, evidenciando a capacidade do terreiro de oferecer ao orixá a sua riqueza. De certo modo, a aquisição dos meios de realização de uma festa decorre da capacidade pessoal e da competência administrativa do chefe do terreiro.

É importante perceber que a presença dos filhos de santo na Lavagem é uma maneira de participação apoiada no princípio da ajuda, que é uma forma assumida pela dádiva dos orixás e que se expressa nas trocas entre os filhos e o zelador. Essas trocas envolvem recursos financeiros que são entendidos como um modo de integrar, participar e redistribuir o axé. Por outro lado, nunca se perde de vista a dimensão econômica envolvida nessas trocas. Ela assume muitas vezes para os agentes traços de distinção ou de manifestação de poder. Ela exclui a crença na pureza da dádiva e permite enxergar um universo particularizado, cujos valores relacionados à despesa e ao consumo têm um significado muito diferenciado das relações meramente utilitaristas.

A ideia de ajuda demonstra uma participação econômica sem invocar necessariamente a presença explícita do dinheiro. A ajuda é sustentada na relação entre filhos e divindades, criando um fluxo pelo qual circulam indistintamente bens materiais e bens espirituais. Nesse sentido, a capacidade de uma mãe-de-santo de mobilizar a ajuda de seus filhos-de-santo é também uma expressão de seu poder ritual. Concluímos que a Lavagem da Conceição como **festa religiosa espelha dificuldades de organização, financiamento e participação** que estão relacionadas à sociedade local.

3.3. Os Significados da Lavagem da Conceição

Apresentada as causas da dificuldade financeira da lavagem da Conceição. Os objetivos agora são: registrar, analisar e escrever os discursos dos entrevistados a respeito dos significados atribuídos pelo povo de santo ao rito. Assim, identificando as teias de significados presentes na Lavagem da Conceição.

Os ritos de "Lavagem" (lavagem da cabeça do iniciado, lavagem de contas e outros) dentro das religiões afro-brasileiras possuem o significado de preparação e purificação. Os banhos, nesse sentido, servem para purificar o *iaô*, o *ebâmi*. A lavagem de escadarias, no fundo, teria por fim abrir a cabeça (do povo ali presente) para que o orixá possa penetrar. Isso porque não se lavam só as escadarias, mas a "cabeça" quando a água da quartinha e do perfume toca naqueles que estão participando. Ao mesmo tempo em que seria um rito de purificação, seria um rito de entrada, para as pessoas passarem do mundo profano para o sagrado.

A lavagem das escadarias da Conceição em Aracaju teria a seguinte finalidade segundo a coordenação da Lavagem:

> Olhe já me perguntaram por diversas vezes a finalidade da Lavagem das Escadarias se a gente for olhar pelo lado histórico né, alguém há de dizer: Vamos lavar o que? Mágoas talvez históricas né, vamos lavar o que talvez o mau humor cultural que vem em cima das religiões africanas vamos lavar né talvez algo do comportamento que não é muito afinado com as questões né da africanidade, mas pra nós que hoje fazemos e até respondi essa pergunta pra você praticamente quando você me questiona sobre o significado maior da Lavagem da Conceição né eu torno até a dizer a você pra gente tem um significado né um significado importante, porque ela vem reunir vem unir setores é isso que a gente quer, vem unir é pessoas que um dia talvez estivessem tão próximas mas ainda se encontram afastadas que são pessoas de religiões diferentes e que um dia venha reunir em volta de uma mesa e que não falte nenhuma derivação, nenhuma derivação religiosa que o Candomblé, que a Umbanda, que o Kardecismo, que o Catolicismo todas as vertentes religiosas estejam sentadas a mesa discutindo os problemas sociais para a evolução humana, para evolução do homem acho que isso é importante. (Ialorixá Angélica, entrevista nº 1)[75]

A finalidade maior de reunir setores diferentes da sociedade em torno de uma prática religiosa tem duas formas de serem compreendidas. A primeira, que seria a visão daquele que participa como espectador, e vai ser induzido a entender que a Lavagem da Conceição tem um caráter político norteador de suas ações. Isso quer dizer que a mesa (pode ser comparada às

[75] Entrevista concedida no dia 30 de janeiro de 2009, pela Ialorixá Angélica de Oliveira do Centro Umbanda Paraíso dos Orixás.

escadarias da Igreja) seria um espaço simbólico de negociações sociais por “direito a ter direito”. A segunda visão seria daquele que participa ativamente da execução do rito e pode entender como ato ecumênico que congrega várias religiões para abençoar aqueles que irão lavar. Cabe observar que não são todas as religiões chamadas para se fazerem presentes no momento da Lavagem. Isso talvez enfraqueça a finalidade maior de reunir, de congregar para discutir os problemas sociais. A ideia que para alguns é “generosa” para outros não passa de uma estratégia política por busca a apoio em projetos sociais de cunho comunal já que não se encontram aliados dentro das próprias religiões de matrizes africanas.

O rito possui múltiplos significados: 1) religioso - por que os elementos simbólicos trazem um sentido metafísico, **2) político** - por que a luta pelo “direito a ter direito” foi permeada por discursos políticos pela parte da demanda. A Lavagem da Conceição como fenômeno em si tem caráter afirmativo. Ou seja, o evento é utilizado como meio de promoção da cultura afro-brasileira. O significado maior da Lavagem da Conceição em Aracaju para o povo de santo é de um rito religioso. Em geral, lavar as escadarias com a água preparada simboliza um ato de purificação espiritual.

Para a coordenação da Lavagem o significado de lavar as escadarias da Conceição seria:

> Bom a festa da Lavagem das Escadarias pra alguém pode ser uma festa é vamos dizer religiosa pra mim religiosa né pra alguns festa profana pra outros uma festa. Porque Aracaju veio a se movimentar durante né a manhã do dia 8 que nós não tínhamos outro tipo de evento na manhã do dia 8 a não ser a missa rezada na Catedral, mas uma festa pública uma procissão pública de uma outra religião não existia né, e a festa em si vem significar para mim como você me perguntou para mim e eu espero que seja para todo o povo do candomblé um momento em que a gente venha a refletir né o que é o que necessitamos de conversação, de aproximação, de união dessas culturas não pra fazer exatamente uma festa né, onde as pessoas bebam, comam invistam em torno dessa festa nesse sentido, mas que as pessoas venham a refletir o significado exato de união, de aproximação de nós nos sentarmos em volta de uma mesa pra discutirmos religião ou discutirmos movimento social né do que nós herdamos. Porque se a gente hoje é buscarmos ver as questões sociais que nós temos a mão, os problemas também sociais que nós vislumbramos em todas as comunidades a gente sabe que veio de uma história né que nós herdamos e que herdamos lá da colonização né e que muitas vezes persiste no conceito hoje lá de fora o conceito da comunidade e a gente precisa sentar pra discutir não só as nossas diferenças, porque temos diferenças temos mas queremos discutir as questões que nos colocam tolerantes uns aos outros e crescer sempre em busca da melhoria da evolução social, é isso que a gente quer que a festa da Lavagem nos aproxime não só da Igreja Católica mas da do protestantismo em si, de outras relações religiosas e que nos faça né, é vamos dizer, é fluir né, fluir novas né, colocações, novas é ...ebulições na questão de da evolução social das Igrejas

> dos terreiros né e do homem como um todo. (Ialorixá Angélica, entrevista nº 1)[76]

É possível deduzir que através da associação em torno da Lavagem da Conceição se busque transmitir o significado político-social. A ação conjugada em prol de uma comunidade serve como meio de aproximar os diferentes agentes sociais da sociedade em busca de melhorias para essa comunidade. Isso não quer dizer que a comunidade esteja coesa, consciente, unida em torno deste significado. O contato social que se estabelece entre o eles (o povo de santo) e os outros (os diferentes agentes sociais) pode servir tanto para discutir os problemas sociais como para dificultar a sua solução. Isso acontece porque essa fase da associação em que ocorrem as interações sociais pode aproximar ou dissociar os indivíduos. Se o contato primário, que é aquele face a face, é quase "ilusório" (representação do eu em uma festa), pode ser que a finalidade seja alcançada, no entanto o contato formal, calculado; com intuito de atingir determinado fim, é mais conflitante porque se mostra deliberadamente autoritário à medida que se colocam às "claras", o que realmente se quer.

Se para alguns o significado pode ser político-social, para muitos o significado pode ser religioso. Mesmo sendo religioso não implica falar que haja uma ideia comum do que realmente simbolize o ato de ir a um templo católico e processar a lavagem das escadarias. Como bem sugere o depoimento a seguir: "representa muita coisa boa, representa a Oxum ela é tudo pra mim, é Nossa Senhora da Conceição ela é tudo, ela é tudo Nossa Senhora, Iemanjá. (Filha-de-santo Argentina França, entrevista nº 3)[77]".

Através da declaração, infere-se que a Lavagem da Conceição representa toda uma história de devoção a Oxum associada a Nossa Senhora da Conceição. A crença em poderes sobrenaturais ou qualidades, associados a sentimentos de respeito e veneração, se expressa nesta Lavagem como destinados a lidar com esses poderes. Logo, as religiões afro-brasileiras oferecem toda uma sensação de bem estar àqueles que participam da Lavagem por considerar a presença do orixá entre eles.

Para outros a Lavagem da Conceição significa uma melhoria social. O rito de purificação por muito tempo em Aracaju foi impedido ou dificultado de se processar, pois, o ato em si precisava se desenvolver nas escadarias de uma Igreja Católica. A Igreja discriminou as manifestações das religiões afro-brasileiras e impediu a luta por direitos de processar a fé de forma pública. É sugestivo, portanto, o excerto que diz:

---

[76] Entrevista concedida no dia 30 de janeiro de 2009, pela Ialorixá Angélica de Oliveira do Centro Umbanda Paraíso dos Orixás.

[77] Entrevista concedida no dia 14 de fevereiro de 2009, pela Filha-de-Santo Argentina França do Terreiro de Nisinho do Bairro América.

> Pra gente seria muito significado hoje, é o preconceito que a gente tinha antes pelo menos hoje já acabou que a gente hoje temos o direito de entrar na Igreja da Conceição que nós só chegava [*sic*.]até o degrau e hoje agente já entra. (Ialorixá Jacira, entrevista nº 4)[78]

Se considerarmos que a "paz racial ou social" nunca existiu no Brasil, não é de se espantar que aqui em Aracaju desde os anos 30 do século passado, momento de difusão dos cultos de umbanda e candomblé, houvesse por parte do aparelho estatal, da religião predominante e de uma elite intolerante atitudes discriminatórias dirigidas de forma incondicionada contra as pessoas desses cultos. Tais atitudes reforçadas por preconceitos de traços ou características de origem biológicas eram constantes no meio social da época. Assim, o povo de santo era impedido de cultuar suas tradições de forma pública. Já para muitos que viveram esse momento de forma mais intensa e que sofreram com os preconceitos, o significado maior é de vitória, de conquista e pertencimento social.

Com isso,

> A Lavagem das Escadarias é o seguinte: quer dizer que é uma festa pra Oxum então a gente vai levar aquela oferenda pra Oxum, lava lá a Igreja e faz aquela oferenda pra o Santo né que pra Oxum, pra Oxum né canta ao redor daquele faz aquele ritual lá com o pessoal e a noite vai levar o presente lá ela agora ta vindo de lá do Santo Antônio descendo lá descendo lá que ela mora pra lá já vem com o cortejo de lá pra Igreja [*sic*.] eu não to mais assistindo isso. (Ialorixá Nair, entrevista nº 5)[79]

Em torno da festa a Oxum existe uma série de ritos ou conjunto de cerimônias que têm como significado maior homenagear o orixá festejado. A festa a Oxum como uma realização cultural é também uma realização religiosa, e não é muito fácil de demarcar na prática as formas sociais e simbólicas que podem servir a múltiplos propósitos. Isso que dizer que a **religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana.** Talvez compreender os significados das festas afro-brasileiras a partir do povo de santo requer pensar interpretações particulares do que realmente é o rito.

Se para os visitantes as festas religiosas só podem ser representações de uma perspectiva religiosa, podendo ser apresentadas esteticamente ou dissecadas cientificamente, para os participantes elas são, além disso, interpretações, materializações, realizações da religião, não apenas modelos daquilo em que acreditam, mas também modelos para a crença

[78] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Jacira Santos do Abassá Ogum de Ronda.
[79] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Josefa Maria – Mãe Nair do Centro Social Bom Jesus dos Navegantes Ogum Marinho.

nela. Nas palavras de uma *ialorixá*, o rito faz com que se regenere a fé do homem à medida que:

> Lavagem das Escadarias significa o momento em que a gente estamos assim homenageando a Oxum, a nossa mãe Oxum e lavam...é lavando tirando [*sic.*] aquelas coisas ruins e e lava...e tirando as coisas ruins e colocando assim outros fluidos né vamos dizer tirando as coisas negativas, colocando as positivas vamos dizer assim mais ou menos certo. (Ialorixá Claudeildes, entrevista nº 6)[80]

Então, a Lavagem da Conceição é um rito de purificação espiritual que faz saírem todos os fluidos ruins do corpo daqueles que recebem a água perfumada ou pingos de perfume durante o ritual e que a partir deste ato se colocam as coisas boas por meio da água da Oxum. Com efeito, o filho de santo Severo reforça a ideia:

> Lavagem? Bom, lavagem é aquele termo, é que o vocabulário diz, que o dicionário diz, porque quando lava é pra limpar; é limpeza, é purificação, é simplesmente modificação, ta? Dentro desse processo da Lavagem ta, começou o que então é lavar, purificar. Depois da peste negra ta entendendo que foi feito, porque as pipocas é a ferida aberta, então quando ela vai encolhendo então ela vai trazendo todas as energias negativas e fica coisa boa, então se lava para purificar, então a Lavagem é a purificação... quer dizer é isso, e nesse caso seria uma parte espiritual, a parte política de acordo com a conotação que se queira dar aí. (Filho-de-santo Severo, entrevista nº 7)[81]

De acordo com Clifford Geertz (1978, p. 143), "a religião nunca é apenas metafísica". Como bem ele explica, "em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca, ele não apenas encoraja a devoção como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional". O ato de purificar ultrapassa a vida espiritual do indivíduo e chega a sua conduta social imbuído dos princípios norteadores da religião. Assim, pode refletir na vida cotidiana pela busca da "simplicidade" e "caridade", em que a tolerância e a irmandade sejam ações de amor ao próximo (da religião ou não).

O rito de purificação é uma proteção coletiva de caráter emocional contra o mal provocado por um objeto, indivíduo, situação ou sentimento. Segundo Felte Bezerra (1980, p. 344), "os 'cultos de purificação' são precedidos de negociações entre seus sacerdotes e os chefes das sociedades com os quais se entendem, antes de procederem aos rituais". Os sacerdotes que exercem a mediação em questões entre grupos sociais possuem um

[80] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Maria Claudeildes do Ilê Axé Alakito Oia Balé Caboclo Congombira.
[81] Entrevista concedida no dia 07 de março de 2009, pelo filho-de-santo Severo D'Acelino do Ilê Axé Opo Aira.

comportamento diversificado. Dessa maneira, a Lavagem das escadarias da Conceição como um rito de purificação segue um modelo padronizado e não institucionalizado. Esse rito tenta quebrar barreiras sociais e criar novas formas de consciência social.

Nas palavras de uma *ialorixá*: "significa que o Candomblé hoje, a cultura está sendo evoluída está sendo respeitada e pra mim significa o máximo. (Ialorixá Lindinalva, entrevista nº 8)[82] Isso quer dizer que o Candomblé como símbolo maior de uma cultura afro-brasileira está sendo valorizado não só pelo povo de santo, mas também pela sociedade abrangente. Por que está sendo respeitado? Inúmeras são as respostas a essa pergunta, apontamos entretanto duas delas como sendo primordiais para o desenvolvimento desse raciocínio. A primeira seria o fato de que a sociedade sergipana começou a atingir um grau considerável de sociabilidade, o qual foi impossível retroagir. Isso porque ao longo da história sergipana os indivíduos afro-brasileiros (mães e pais de santo principalmente) lideraram por muito tempo os processos sociais de inclusão alcançando aceitação junto à sociedade. A segunda seria o papel social desempenhado pelo povo de santo na formação de uma identidade sergipana. Ao perpetuarem as suas tradições e símbolos culturais através da resistência social, contribuíram com hábitos e crenças a *sergipanidade*. Tudo isso cooperou para que, hoje, se encare o candomblé no mesmo patamar que outras religiões ditas "evoluídas e aceitáveis". Ao que parece, o candomblé deixou de pertencer à decalagem cultural.

Já para outros a Lavagem significa:

> Olhe, pra mim ...O que significa? Porque dentro da Umbanda nós temos os santos com suas origens e na Igreja também existe os santos, porque a diferença é só de nome, assim... porque modifica muito, tem Ogum, Ogum dentro da Umbanda, já na Igreja: Santo Antônio, tem Oxossi dentro da Umbanda, na Igreja é São Jorge, então a gente tá fazendo [*sic.*]aquela Lavagem porque tem os orixás na Umbanda e tem os santos na Igreja. (Ogã Dizo, entrevista nº 9)[83]

Se Ogum é o orixá da metalurgia, da agricultura e da guerra e Santo Antônio é um santo católico intitulado pai dos pobres ou casamenteiro, são dois personagens diferentes para qualidades distintas. Hoje, nas religiões afro-brasileiras, Ogum é Ogum; Santo Antônio é Santo Antônio. Portanto, quando um candomblecista ou umbandista vai homenagear Ogum ele vai homenagear o orixá e não o santo.

Outro significado é que:

> A Lavagem da escadaria da Catedral pra nós, assim, é vamos ver do início, ela foi criada por três estudantes da Universidade Federal de Sergipe que

[82] Entrevista concedida no dia 11 de março de 2009, pela Ialorixá Lindinalva Bastos da Congregação Social Espírita São Lázaro.
[83] Entrevista concedida no dia 12 de março de 2009, pelo Ogã Dizo Santos do Centro Mitauá.

> fizeram uma promessa e que foram atendidos na sua promessa. Então, eles criaram a 1º Lavagem pagando aquela promessa né, e daí veio a 2ª a 3ª, veio a mãe Linda né, a Lindinalva, e que assumiu de certa forma a responsabilidade em articular os demais terreiros e depois eu cheguei, chegou Gizelda, chegou a professora Angélica, e hoje, a Lavagem é ...está aí essa grandiosidade, fico feliz porque temos um sacerdote né, a Igreja Católica finalmente está nos respeitando e entende o que é a nossa cultura, por isso está abrindo as portas. (Filha-de-santo Isabel, entrevista nº 10)[84]

Nesse sentido a Lavagem significa direitos conquistados. Falamos não só de direitos naturais, sobretudo direitos civis. O direito à liberdade religiosa e à igualdade social foi batalha travada no campo político-social. De um lado a ideia dominante (do Estado e da Igreja) que impedia qualquer manifestação por parte do povo de santo, alegando perigo às outras pessoas que frequentavam o lugar, do outro (dos militantes sociais e das religiões afro-brasileiras) que queriam processar a sua fé em um lugar que não lhes pertencia historicamente. O direito de associação e reunião fruto da organização social e política da comunidade foi uma batalha travada também no campo religioso. A disputa por espaço e visibilidade religiosa dentro de Aracaju ocasionou perseguições, constrangimentos e muita intolerância religiosa por ambas as partes. Assim, um ritual afro-brasileiro de adentrar em uma Igreja Católica é um sinal de direitos conquistados e de muito acordo, para não falar em diálogo entre as partes.

Para outros,

> Na minha opinião é ...significa o seguinte, a gente pega [*sic*.] não sei se procede isso, porque como eu já falei antes, no item antes, eu não acompanho o preparo dela. Na minha opinião se eu fosse a dirigente da Lavagem eu faria o seguinte, porque eu também eu faço uma Lavagem dia 2 de fevereiro aqui na Orlinha do Bairro Industrial eu faço a Lavagem de Iemanjá, entendeu? Então, o que é que eu faço nessa Lavagem? Eu preparo até aquela água que vai pra dentro da quartinha, entendeu tudo passa por um ato religioso tudo passa por aquela coisa toda, que tem que acontecer. Então naquele momento ali, que a gente vai, que a gente joga, a gente vai e leva aquela água, deixa aqui no pé do santo, a gente reza, a gente pede bênçãos, a gente vai lá e a gente lava, a gente tá purificando a nossa alma ao mesmo tempo que a gente está se purificando, tá jogando [*sic*.] a alfazema nos demais ta elevando o astral e o ego de todo mundo que está ali presente, muito proveitoso. (Ialorixá Rita, entrevista nº 11)[85]

Portanto, significa falar que o rito de purificação não se restringe à pessoa que está recebendo a água perfumada ou o perfume, mas também àqueles que participam efetivamente da ação. Concordo com Clifford Geertz (1978, p. 144) quando diz que "a crença religiosa e o

[84] Entrevista concedida no dia 12 de março de 2009, pela filha-de-santo Isabel Nunes do Abassá Mameta Oxum.
[85] Entrevista concedida no dia 24 de abril de 2009, pela Ialorixá Rita de Cássia do Ilê Axé Oloia Tassytaoo.

ritual confrontam e confirmam-se mutuamente". Na verdade, "a religião é em parte uma tentativa de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta". Em suma, a purificação ocorre em dois sentidos para quem faz e para quem recebe.

Já para outros o significado da Lavagem da Conceição é:

> Uma síntese da Lavagem do Senhor do Bonfim da Bahia. Porque essa Lavagem ela foi começada na Bahia com a Lavagem do Senhor do Bonfim e trouxeram para Aracaju pra tipo uma cópia, no meu modo de ver, entendeu? Porque tudo que tem na Bahia infelizmente o sergipano ele não é original ele quer copiar o que vem da Bahia. (Ialorixá Acássia, entrevista nº 12)[86]

Pensarmos a Lavagem da Conceição como uma cópia da Lavagem do Senhor do Bonfim implica simplificarmos todos os processos sociais, históricos e religiosos que ocorreram na primeira e que não aconteceram na segunda e vice-versa. É negarmos o devir histórico de cada sociedade, o progresso social, a mudança cultural e a interação social. Ao considerarmos a Lavagem da Conceição como uma síntese da Lavagem do Bonfim pelo fato de que o ritual de Lavagem começou na Bahia quer dizer que as nossas origens (Lavagem da Conceição) são origens importadas, que, portanto, não temos o mesmo ambiente e nem o significado. Talvez o termo "cópia" seja empregado no sentido de referência. Dessa forma, tivemos como grande referencial ritualístico a Lavagem que ocorria na Bahia desde o século XVI.

Por fim, retomamos um argumento já desenvolvido, que é da aceitação social do candomblé e umbanda perante a sociedade. A "conciliação" alcançada entre a Igreja Católica e os representantes das religiões afro-brasileiras em Sergipe ocasionou o que chamamos de "sentimento de nós" dentro dessas religiões. O fato é que as ideias, as opiniões, os sentimentos e as ações caracterizam esse "nós" em prol de uma cooperação. Não negamos os conflitos internos, a disputa por poder e toda a competição por visibilidade entre *ialorixás* e *babalorixás*. No entanto, este contato que faz mudar a forma de agir dos representantes religiosos é bem vindo em um mundo cada vez mais "ecumênico". Assim, o significado para outros é:

> Pra gente que é do Candomblé é uma coisa boa porque nós estamos ali na porta de uma Igreja, bem que antigamente o povo não queria que chegasse nem perto ta, todo mundo de saia cantando pra Oxum ali lavando as escadas, é uma coisa muito boa pra gente do Candomblé, tá aceitando nós [*sic.*] é pra religião da gente, bom. (Ialorixá Marizete, entrevista nº 13)[87]

---

[86] Entrevista concedida no dia 29 de abril de 2009, pela Ialorixá Acássia Maria do Axé Ilê Obá Abassá Odé Bamorê.

[87] Entrevista concedida no dia 01 de maio de 2009, pela Ialorixá Marizete Lessa do Abassá São Jorge.

11. Espera para a Lavagem da Conceição. Aracaju. 2007. Foto: AP - Greicyhianne Fernanda

12. Baianas iniciando a Lavagem. Aracaju. 2007.Foto: AP - Greicyhianne Fernanda

13. Lavagem e purificação do povo. Aracaju. [199-] Foto: ACPLC

14. A Lavagem do adro e distribuição das flores das quartinhas. Aracaju. 2005. Foto: ASN

Em relação aos sentidos de ir a uma Igreja Católica atribuído pelo povo de santo, na ocasião da Lavagem da Conceição em Aracaju seriam também múltiplos. Entre eles podemos constatar que significa ser já um espaço pertencente às religiões afro-brasileiras, ou seja, um lugar de adoração a Oxum. É como se a Igreja fosse um de seus *pejis* fora do terreiro.

Para a coordenação da Lavagem o significado de ir a Igreja seria:

> Talvez não tenha significado pra alguém, até para o próprio pároco lá da Igreja né, ou para outras pessoas de outras religiões que nos vem descer até a Catedral pra lavar as escadarias da Catedral, mas eu me refiro e eu me reporto a mais uma vez há um tempo possivelmente passado né, que historicamente é ...nós né nós fomos impedidos [*sic*.] né de cultuarmos os nossos orixás lá na senzala lá na colonização é me refiro a um tempo onde nós também fomos impedidos de cultuar né, e termos os nossos terreiros os nossos centros enquanto religiosos, mesmo os africanos já no Brasil e nós tivemos que assimilar a cultura do português e me refiro também a um tempo em que nós não tivemos assim a possibilidade de crescer enquanto outras culturas tiveram crescendo no país outras religiões tiveram crescendo então se nós vamos a um ato de Lavagem, por outro lado por outro olhar a gente pode descobrir que nós estamos até é... podendo lavar né, todo um passado negado pra gente lavar todas as impurezas todas as portas fechadas que um dia fecharam pra gente, pra gente chamar uma conversação né, [*sic*.] pra gente chamar uma conversação não significa só o ato de ser humilde ou humilhar-se sair de seu patamar que muita gente pensa isso eu vou falar aqui porque eu sei que você vai encontrar alguém que possivelmente vai falar sobre esse ponto né, e é que acha nós não deveríamos ir as escadarias da Catedral pra lavar as escadarias porque acha um ato é humilhante eu não acho é uma possibilidade de nós lavarmos também né da Igreja Católica nos ver que nós estamos lavando aqueles atos né impuros que vieram em cima de nós da nossa cultura dos negros que vieram da África e que foram impossibilitados né de transformar momentos importantes da cultura momentos da história do Brasil né em momentos grandiosos. Então se nós lavamos é a mesma aquela questão da cerimônia do lava pé que ele tem então nós estamos perdoando né nós estamos também tirando as barreiras que impedem da gente se aproximar, então se for por uma lavagem que a gente lave sempre por mil séculos e a gente possa estar né conjuntando nossas energias conjuntando conceitos pra essa melhoria social que a gente ta falando que o movimento social sempre procura colocar é né em risca ta sempre discutindo e que a gente possa fazer o homem evoluir, porque as religiões vieram pra isso, pra fazer o homem evoluir. (Ialorixá Angélica, entrevista nº 1)[88]

É possível deduzir que o sentido de ir à Igreja e lavar as escadarias seja perdoar todos os atos discriminatórios ao longo da história do negro no Brasil ou ainda apagar um passado negado pelo "homem civilizador". O ato de ir à Igreja, por si só, simboliza lavar todas as impurezas, abrir as portas fechadas para o negro. Se essa ação simbólica quer transparecer um convite para conversação, pode ser uma possibilidade de alterar a imposição cultural da Igreja

[88] Entrevista concedida no dia 30 de janeiro de 2009, pela Ialorixá Angélica de Oliveira do Centro Umbanda Paraíso dos Orixás.

Católica para com os negros brasileiros. Então, lava-se para perdoar, para tirar as barreiras que impedem o povo de santo se aproximar da sociedade. Em suma, a melhoria social é um argumento de paz como forma de discutir e fazer o homem evoluir.

Vejamos precisamente o que uma *ialorixá* falou, referindo-se ao sentido de ir à Igreja: "é porque eu acredito que a Nossa Senhora da Conceição como é a padroeira de Aracaju é a nossa mãe, a gente se sente muito honrada entrar na Igreja para salvar, adorar ela lá dentro. (Ialorixá Jacira, entrevista nº 4)[89]". Uma interpretação pode ser apresentada tendo como base tal passagem, cujo significado seria de adorar Nossa Senhora da Conceição. Se um candomblecista vai até um local católico e processa sua fé em prol de uma santa denominando-a como "nossa mãe", tal fé transpôs qualquer barreira religiosa, chegando ao nível de parentesco. Se Nossa Senhora da Conceição é padroeira de Aracaju e, religiosamente falando é quem domina espiritualmente o Estado já que também é padroeira, a autoridade feminina sobre o povo é obedecida como se fosse num sistema matriarcal, característico da África. Em suma, o hibridismo ocasionou nesse caso a perda de uma tradição local, à medida que se perdeu o referencial de se adorar Oxum.

Para alguns o sentido ainda é de buscar liberdade de culto, já que:

> É a mesma coisa porque não tem diferença nenhuma agora o padre já está lá falando tudo, antigamente ele não abria nem a porta ta, tava celebrando a missa lá de Nossa Senhora da Conceição e num abria e hoje já abre, já tem comunicação lá com ela tá eu escuto aqui no rádio aqui a noite quando passa na televisão, mas nunca mais fui não. [sic.] (Ialorixá Nair, entrevista nº 5)[90]

Dessa forma, mesmo com a conquista de entrar na Igreja, a finalidade da Lavagem não se perdeu, pois a tradição já estava enraizou ao rito. Se no começo o povo de santo ia até a Igreja para tentar cultuar Oxum e isso era impedido, hoje o processo não é tão diferente, porque mesmo com a abertura de diálogo alguns membros da Igreja católica não veem com bons olhos esta aproximação com os cultos afro-brasileiros. A explicação pode estar no ambiente de conflito religioso instalado na década de oitenta em Sergipe, que foi um momento de perseguição das manifestações públicas e que perdurou até o ano de 2004, ano da abertura das portas da Igreja, em que o cortejo adentrou. Significa falar, também, que em algum instante o cunho político da festa religiosa teve um sobressalto em relação ao fim maior (purificação) e marcou uma geração do povo de santo.

Para outros,

---

[89] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Jacira Santos do Abassá Ogum de Ronda.
[90] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Josefa Maria – Mãe Nair do Centro Social Bom Jesus dos Navegantes Ogum Marinho.

> Ir a uma Igreja Católica e realizar, bom, quando a pessoa faz a religião católica, a Igreja Católica melhor dizendo [*sic*.] é ...você vai o que? Vai rezar, você vai é ...se comungar ouvir as palavras do padre né, quanto a Lavagem não, você vai homenagear a Oxum que é a Nossa Senhora da Conceição, ali vai haver uma manifestação da Oxum para os presentes e assim vamos dizer, assim é uma homenagem que ela naquele momento vai prestar para agente vai prestar pra Oxum. (Ialorixá Claudeildes, entrevista nº 6)[91]

Ir à Igreja de Nossa Senhora da Conceição significa, também, falar em homenagear Oxum. É nesse local que muitos saem de suas casas em busca de ver e sentir uma manifestação de Oxum seja ela de transe ou apenas representativa. A Oxum não personificada em nenhuma *ialorixá* ou *babalorixá*, ou qualquer filho de santo, mas na água ali presente. A água simboliza as lágrimas que Oxum derramou para formar os rios, simboliza a pureza e a inocência. É no momento que esta água entra em contato com o povo de santo que se sente a Oxum presente, na forma material e espiritual. Isso não quer dizer que todos naquele momento sintam ou percebam esta transfiguração. Para alguns ainda não há nenhuma acepção, segundo um filho de santo:

> Olhe a questão de ir a Igreja Católica e realizar, eu não vejo nenhum sentido a não ser o sentido individual, no sentido coletivo é aquela coisa de Maria vá atrás das outras e a coisa tradicional que você vai porque seu pai foi, porque seu pessoal vai, seu amigo vai ta, entendendo? Não tem aquilo sentido prático dentro da consciência coletiva ta, então é tradicional, então vai. (Filho-de-santo Severo, entrevista nº 7)[92]

Desta maneira, ir a Igreja poderia ser um ato consciente ou não. Ir a um templo católico pode ser algo tradicional: se a Casa for, porque o filho também deve ir; se o pai de santo vai, ele deve ir; ou algo alienante, pois se o pessoal do terreiro vai, ou algum amigo vai, então se deve ir. A razão de ir a Lavagem da Conceição deixa de ser religioso e passa a ser social, ou ideológica. Em suma, a vontade e a personalidade individual deixa de existir em detrimento de uma consciência social de grupo exterior a esse indivíduo. O que ocorre é que a vontade do indivíduo passa a pertencer ao coletivo.

Outros entendem que:

> A questão da Igreja Católica, porque tem o sincretismo religioso nós sabemos que Nossa Senhora da Conceição não é Oxum se pra gente Oxum a gente sabe que é a deusa da água doce, mas que pra gente significa Nossa Senhora da Conceição, então como a padroeira de Aracaju é Nossa Senhora da Conceição e a Catedral [*sic.*] então vamos lavar os pés de nossa mãe

[91] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Maria Claudeildes do Ilê Axé Alakito Oia Balé Caboclo Congombira.
[92] Entrevista concedida no dia 07 de março de 2009, pelo filho-de-santo Severo D'Acelino do Ilê Axé Opo Aira.

> Oxum as escadarias da Igreja da Catedral que é Oxum. (Ialorixá Lindinalva, entrevista nº 8)[93]

Como já bem explicado, a Igreja da Catedral tem como santa protetora Nossa Senhora da Conceição, que dá nome à Igreja que, por sua vez é a padroeira da cidade. Logo, como nos terreiros, os *peji*s há santos católicos; seria uma forma semelhante de cultuar o orixá fora do terreiro simbolizado pela Igreja que leva o santo. A Igreja deixa de ser utilizada pelos católicos e passa a ser usada pelo povo de santo. Ela passa a ser um símbolo que junto com outros funciona como local de homenagens a Oxum. As escadarias simbolizam os pés de Oxum, que devem ser lavados como forma de agradecimento a graças alcançadas durante todo o ano.

Como explica o depoimento a seguir: "aí é tipo uma procissão aí é um segredo de nós umbandistas é um segredo que a gente faz isso aí por amor aos orixás. (Ogã Dizo, entrevista nº 9)[94] ".Também, há um argumento religioso que é segredo dessas religiões que nos impede de interpretarmos por completo tal rito. De acordo com Clifford Geertz (1978, p. 135), "ninguém vive todo o tempo no mundo que os símbolos religiosos formulam, e a maioria dos homens só vive nele alguns momentos. O mundo cotidiano de objetos de senso comum e de ator práticos é que constitui a realidade capital da experiência humana". Em suma, para o povo de santo que participa da Lavagem da Conceição as disposições que o rito religioso induz têm seu impacto importante, do ponto de vista humano, fora do rito, na medida em que refletem de volta a concepção individual do mundo sem máscaras simbólicas.

A relação entre as religiões (a católica e as afro-brasileiras) aproxima os atos cotidianos de cada religião. O fato de colocar atos íntimos (de cada religião) em contextos específicos torna a religião socialmente poderosa (no sentido de mudança social). Essa intimidade comum dos adeptos para com as religiões (como se num processo de fusão) altera, muitas vezes radicalmente, todo o panorama apresentado ao senso comum, mudando de tal maneira que as disposições e motivações induzidas pela prática religiosa parecem, elas mesmas, as únicas práticas a serem adotadas com sensatez, dada a forma como são as coisas realmente. Para outros searia:

> Olha o sentido, o Deus, a mãe é uma só né, a mãe Oxum a Nossa Senhora da Conceição pra os católicos pra nós é Oxum. A fé, a crença, é uma só, então eu acho que se você entra em uma Igreja Católica você vai falar em Deus e você vai pedir as bênçãos a Nossa Senhora da Conceição, mas se você está no axé você pedi a Deus, acredita e você está pedindo todo o axé, toda a

[93] Entrevista concedida no dia 11 de março de 2009, pela Ialorixá Lindinalva Bastos da Congregação Social Espírita São Lázaro.
[94] Entrevista concedida no dia 12 de março de 2009, pelo Ogã Dizo Santos do Centro Mitauá.

> força toda a benção em minha mãe Oxum. (Filha-de-santo Isabel, entrevista nº 10)[95]

A fé em um Deus único é a mesma tanto para os católicos, quanto para os umbandistas e candomblecistas. Partindo desse princípio, quando termina a Lavagem da Conceição, o indivíduo (espectador) volta para o mundo do senso comum e se modifica (a não ser que não se deixe levar pela influência ritualística). Quando o indivíduo muda, ele muda o mundo do senso comum, pois ele (o mundo) é visto agora como uma forma parcial de uma realidade mais ampla, deixando de ser agente de práticas intolerantes e preconceituosas. É o que acontece, por exemplo, quando se tenta quebrar o preconceito enraizado a uma determinada cultura através de uma ação religiosa que tem como princípio uma base comum. Todavia, essa correção social não tem o mesmo conteúdo em todo lugar. Portanto, esse impacto do sistema religioso sobre o sistema social torna impossível uma avaliação geral do valor da religião em termos morais ou funcionais. Já para a *ialorixá,* o sentido é

> Pra quebrar o... pra quebrar esse tabu, essa força negativa que existe até hoje esse preconceito que até hoje existe entre a Igreja Católica e o Candomblé tendo em vista que o Deus é o mesmo a gente não muda de Deus, entendeu? O Deus é o mesmo a força é a mesma e maldade, ou seja, macumbeiro como algumas pessoas fala isso aí [*sic.*], tá dentro de cada um, entendeu? É dentro do ego de cada um porque todas as religiões existe o bem e o mal porque isso a pessoa o bom você já nasce sendo e o ruim também você já nasce sendo e só melhora, se você quiser porque se você não quiser ninguém lhe ajuda nem Deus. (Ialorixá Rita, entrevista nº 11)[96]

Desta forma, ir a Igreja romperia o preconceito entre a religião católica e as religiões afro-brasileiras. A Igreja como espaço de adoração fora do terreiro significaria um local permitido para freqüentar. Porque o povo de santo não pensa os cultos afro-brasileiros como religiões contrarias a católica. Até porque muitos são ao mesmo tempo candomblecistas e/ou umbandista/ católicos. As religiões afro-brasileiras e o catolicismo possuem ritos semelhantes. Nesse sentido, é permitido o povo de santo ir a Igreja: batizar, rezar, ofertar, cultuar, agradecer, casar, comungar, realizar missas de aniversário e sétimo dia, mas a ida necessita de uma preparação. As religiões envolvidas não são confundidas, elas são híbridas dando espaço para tratar de tensões, conflitos e re-significações dos eventos culturais.

Assim, para alguns seria:

> O mesmo sentido que os negros tinham antes de se esconder já que a religião afro ela sempre foi muito inibida e a religião católica não, então atrás na Igreja né os negros sempre colocaram os seus orixás e o que não fazem

[95] Entrevista concedida no dia 12 de março de 2009, pela filha-de-santo Isabel Nunes do Abassá Mameta Oxum.
[96] Entrevista concedida no dia 24 de abril de 2009, pela Ialorixá Rita de Cássia do Ilê Axé Oloia Tassytaoo.

> diferente de hoje atrás da Igreja de Nossa Senhora da Conceição está escondida um culto a Oxum. (Ialorixá Acássia, entrevista nº 12)[97]

Desta forma por muitos anos os negros no Brasil foram obrigados a frequentar a Igreja com intuito de rezar, adorar, louvar e pedir benção, não para os santos católicos mas para os seus orixás. Se a forma de manter vivas as tradições religiosas desses negros era ir a um local estranho para a sua cultura e representar nele todo um panteão místico em função da sobrevivência espiritual, isso se fez. Hoje, mesmo com toda a liberdade de culto, ainda se usa dessa estratégia enraizada no culto. Assim, a forma de burlar a inibição pública por parte das religiões afro-brasileiras é fazer-se acreditar pelos outros (católicos) que se vai a uma Igreja para cultuar Nossa Senhora da Conceição, o que na verdade é um culto a Oxum.

Para uma *ialorixá* sentido é,

> Ir a Igreja porque nós do Candomblé nós crê [*sic*.] muito na Igreja nós não é muito crente, mas da Igreja Católica quase o pessoal do Candomblé é tudo quase católico, assim que vai numa Igreja se batiza se casa então pra gente a Lavagem da escadaria é coisa boa também. (Ialorixá Marizete, entrevista nº 13)[98]

Por fim, o sentido de ir a uma Igreja por parte do povo de santo de Aracaju, é algo mais "natural". Por muito tempo o negro brasileiro foi visto como item a ser agregado à identidade brasileira, assim, não é de se espantar que muitos filhos e filhas de santo se batizaram, comungaram e casaram na Igreja Católica. Ou ainda, que mandem celebrar missas de aniversário, de sétimo dia e eventos comemorativos. O fato é que muitos são ao mesmo tempo católicos/candomblecistas ou católicos/umbandistas. Nisso não há uma ideia de familiaridade intrínseca a essa mistura. O que faz então, a justificativa adotada por muitos ser algo normal, "natural" ir a uma Igreja, mesmo sabendo que irá para processar a fé em um orixá.

Em relação aos significados da entrada do cortejo dentro da Igreja pelo povo de santo na ocasião da Lavagem da Conceição em Aracaju. Logo, podemos dizer que significa a presença desse único Deus mais próximo do povo de santo. Não no sentido de possessão, contudo no sentido de presença, de contato, de adoração.

O depoimento abaixo é um bom exemplo desse significado:

> Eu agora vou ter que ser mais prolixa do que eu já fui em todas as respostas que eu já lhe dei. Eu não sei se você já observou, mas a Igreja tem determinados atos é de consagração dos seus religiosos que se aproxima do

[97] Entrevista concedida no dia 29 de abril de 2009, pela Ialorixá Acássia Maria do Axé Ilê Obá Abassá Odé Bamorê.
[98] Entrevista concedida no dia 01 de maio de 2009, pela Ialorixá Marizete Lessa do Abassá São Jorge.

> ato de consagração religioso do Candomblé já observou. Sendo assim, você tendo observado você vai me entender então, é tem momentos de consagração que eles não fazem mais à mostra né nós também não fazemos à mostra é a consagração do noviciado né, e do iniciado no candomblé do noviciado na Igreja Católica com a sagração do pombo né, a queda lá deles do morô né, a queda e o nosso mucunã já muda um pouco o termo e a consagração do ejê do pombo sobre a cabeça do noviciado e do iniciado cá dentro do candomblé. Então, depois desse processo nós temos a apresentação desse noviço pra eles lá na Igreja e do iniciado que a gente tem no Candomblé e nessa apresentação você ver que quando o iaô sai num é sendo apresentado ele deita né, em diversas fases dentro do terreiro né, e se posta aos pés daqueles que são maiores do que ele, babalorixás, ialorixás aqueles que são maiores no terreiro e que eu às vezes é que vem visitar sua festa né, os ogãs, as equedes da casa, pai pequeno, mãe pequena, então toda essa hierarquia é saudada. Lá na Igreja também, então, é como você bem me perguntou e eu estou tentando lhe responder né é isso tudo aproxima um tanto quanto a liturgia né, é da Igreja Católica da liturgia do Candomblé e aproximando da gente vai ver a resposta a essa questão maior que vai ser justamente né é de ter esse significado né, de união, de aproximação né, de culturas que a gente estuda dentro da história do homem negro da cultura portuguesa que vai ser onde vai nascer a questão sincrética religiosa afro-brasileira que é muito bonita né, então. Sendo assim, eu acredito que nessa pequena historinha você vai ter na conclusão do que você quer do seu trabalho que é justamente a gente chegar né, [*sic*.] a esse significado de luz né nesse significado de intermitência né, é evolutiva dessas religiões católica [*sic*.] porque nós também somos católicos e do candomblé porque herdamos também a questão do Candomblé e elas unidas vai dar no que a gente na realidade é faz valer dentro do côncavo e convexo né, do Yng e do Yang e do você lançar mão né trocando essas energias passando as mãos e cantando o babasaurê, por exemplo. Aí você ver quanta, luz realmente né, a gente recebe quanta luz de conceito e de apaziguamento a gente recebe [*sic*.] pra que agente possa crescer e caminhar cada vez mais. Eu acredito que deva ter respondido, porque eu fui lá na história pra trazer a sua resposta. (Ialorixá Angélica, entrevista nº 1)[99]

É possível deduzir que o ato de entrar na Igreja significa se assemelhar ao outro por meio da união, da aproximação das culturas. Quando uma cultura encontra outra o processo inicial é quase sempre é de conflito e imposição, devido à diferença de estágios culturais, porém se levarmos em consideração o grau de desenvolvimento desse processo, chagamos a outro momento do contato cultural que seria o hibridismo (BURKE, 2003) Talvez o consenso em relação a esse aspecto não seja tão bem aceito. Chegamos, então, a outro significado:

> Pra gente significou muita coisa a gente, acho que o preconceito caiu, a gente derrubamos [*sic*.] o preconceito porque antes a gente não entrava na Igreja e hoje graças a Deus e ao padre é como é o nome dele a gente viemos [*sic*.] entrar na Igreja depois deste padre Jerônimo. (Ialorixá Jacira, entrevista nº 4)[100]

---

[99] Entrevista concedida no dia 30 de janeiro de 2009, pela Ialorixá Angélica de Oliveira do Centro Umbanda Paraíso dos Orixás.

[100] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Jacira Santos do Abassá Ogum de Ronda.

Então, através da permissão da entrada do cortejo dentro da Igreja, um ato que ultrapassa o aspecto simbólico e chega à esfera social, sinaliza-se para uma maior compreensão por parte da autoridade católica em prol da causa do povo de santo. Se o preconceito acabou ou está camuflado por outros atos corriqueiros ao longo do ano e que no dia 8 de dezembro parece ter uma um ambiente favorável de perdão, de aproximação, de caridade, de fraternidade e compaixão, não sei afirmar ao certo, sei que este ato representa para os filhos de santo uma grande conquista, mais que religiosa, uma conquista política e moral. A igreja representa um local sagrado, um local que faz parte da oferenda a Oxum. A igreja, portanto, seria um local necessário para que as oferendas a Oxum possam ser aceitas e, a partir disso, as bênçãos pedidas sejam alcançadas.

Isso pode ser visto como bem explica a declaração: "oi uma oferenda que a gente faz a Nossa Senhora da Conceição que é a dona das águas, entendeu, por ser a mamãe Oxum, a gente vai fazer aquela oferenda pra ela. (Ialorixá Nair, entrevista nº 5)[101] ". Esta ação de entrar na Igreja gerou no povo de santo inúmeras interpretações, já que a meu ver pode ser um indício de "invenção da tradição" (HOBSBAWN, 2006) e assim como tal, não é bem clara a funcionalidade e a compreensão por parte dos que dela participam. É importante lembrar que quando se entrou pela primeira vez no interior da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em 2004, foi uma ação não planejada pela organização do evento. O que aconteceu obedeceu a regras comportamentais do candomblé e da umbanda em espaços públicos.

Segundo a entrevistada:

> A permissão bom..., pra que não dizer ótimo em parte, só que tá havendo uma mistura, certo? As pessoas não tão sabendo é seguir se vai seguir o que vai fazer ou que vai seguir, a o padre ta uma mistura num sei se já deu pra perceber, você ali que as pessoas vai porque [*sic*.] para benzer não precisa chamar o padre porque a gente também podemos benzer sem precisar o padre. Então, havendo aquela mistura que porque não tão sabendo é realmente entendeu porque benzer, benzer o que o padre vai benzer e a gente tem a nossa maneira de benzer nossos orixás, então quando a gente quando a gente tá lavando a lava...a escadaria com as águas da Oxum a gente já estamos benzendo não precisa a água do padre se a gente temos a nossa. (Ialorixá Claudeildes, entrevista nº 6)[102]

[101] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Josefa Maria – Mãe Nair do Centro Social Bom Jesus dos Navegantes Ogum Marinho.
[102] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Maria Claudeildes do Ilê Axé Alakito Oia Balé Caboclo Congombira.

15. Cortejo em frente à Catedral. Aracaju. 2007. Foto: AP - Greicyhianne Fernanda

16. O padre recepcionando o povo de santo. Aracaju. 2007. Foto: AP - Greicyhianne Fernanda

O encontro cultural proporcionado pela presença de elementos de duas culturas diferentes pode ocasionar para aqueles espectadores uma noção de mistura cultural. Não quero aqui defender cultura X ou cultura Y, nem o ato em si, mas mostrar que há nitidamente uma hibridização. Talvez assim, entendemos o surgimento de reações contrárias, e as tensões entre a "mistura" de ritos e a "pureza" da tradição.

Para outros significa,

> quando o cortejo entra na Igreja a gente pensa de um ato mais formal tá, onde as duas culturas se juntam é a introdução de um templo no outro a junção desses templos o templo Orixá com o templo judaico-cristão. Então, os pais de santo vão reverenciar a imagem de Nossa Senhora da Conceição, então aqui ali é muito significante ta, pode ser um processo de purificação, processo de encontro, tá ou também pode significar um processo de submissão tá e mostrar exatamente a questão do equilíbrio ou do desequilíbrio que existe entre as culturas ou as religiões, mas esse processo da interpretação não é de acordo com a perspectiva de cada um. Agora dentro desse formulário é muito importante para quem está ali realmente para reverenciar, então se você está ali para reverenciar Oxum e Nossa Senhora da Conceição, então ali é o máximo, ta ali é máximo e nos remete a um processo de purificação a um processo de confirmação. (Filho-de-santo Severo, entrevista nº 7)[103]

Isso permite dizer que mesmo com todo um contato cultural anterior (me refiro ao período colonial brasileiro) entre o negro e o branco (o afro-religioso e o católico) ocorre uma forma de estranhamento que ultrapassa a aparente formalidade. Se por um lado significa junção de culturas nessa interposição de um templo no outro (não de forma a sobrepor um ao outro), de dois mundos cósmicos diferentes, por outro lado o processo do encontro pode significar submissão seja para uma cultura ou para outra. O processo de purificação, agora, pode ser interpretado como uma forma de equilibrar ou desequilibrar as culturas ou as religiões. À medida que limpa as desigualdades cósmicas simbólicas ou limpa a igualdade de culto num processo de hibridismo.

No entender de uma mãe de santo é: "muita glória muita vitória porque os padres não aceitava [*sic.*] e daí do momento, do ano que ele aceitou e veio até o meio de nós abraçar e deixar que a gente entrasse dentro da Igreja foi uma grande vitória. (Ialorixá Lindinalva, entrevista nº 8)". [104] Não passa de uma forma de reconhecimento pela causa maior dos afro-sergipanos. Se por muito tempo se impediu o acesso até as escadarias e hoje consegue-se entrar até o altar, muito se deve ao trabalho e ao esforço do padre responsável pela Catedral e ao atual arcebispo de Aracaju. Logo, o sentido de ir a essa Igreja além de ser a construção

[103] Entrevista concedida no dia 07 de março de 2009, pelo filho-de-santo Severo D'Acelino do Ilê Axé Opo Aira.
[104] Entrevista concedida no dia 11 de março de 2009, pela Ialorixá Lindinalva Bastos da Congregação Social Espírita São Lázaro.

religiosa que abriga Nossa Senhora da Conceição, conter escadarias, ter um processo um pouco parecido com todas as histórias de Lavagens de Escadarias no Brasil pelo povo de santo, é mais que uma vitória, é uma conquista alcançada pela compreensão da causa e pela aceitação católica, como princípio norteador do cristianismo.

Já para outros signifca,

> Olhe pra mim significou muito grande muito importante porque os padres antigamente não deixava [*sic*.] nenhum umbandista entrar na Igreja com negócio de festa e desde quando ele conseguiu deixar a gente fazer a Lavagem e entrar na Igreja foi muito importante para os umbandistas. (Ogã Dizo, entrevista nº 9)[105]

O catolicismo cristão tem uma característica interessante a se ressaltar: ser uma religião que acolhe todos os povos (independente desse ato ser bom ou ruim). Todas as práticas aqui exemplificadas pela participação de padres, a bênção sobre o povo de santo e a presença de uma autoridade da religião na Lavagem é um reconhecimento às religiões afro-brasileiras tão perseguidas e discriminadas pela própria Igreja católica nos anos de 1980. Dessa maneira, reforça o argumento o depoimento a seguir, "para nós que somos da Umbanda que somos do Candomblé muito importante foi mais um passo que nós conquistamos que nós conseguimos. (Filha-de-santo Isabel, entrevista nº 10)" [106]. A "lei de um único deus" e de "uma única família" faz com que se estabeleça uma sensação de aconchego, de pertencimento e de comunhão. Essa perspectiva, sem dúvida, não nega a consciência: ela a define. Cada percepção consciente é um ato de reconhecimento. Conforme a entrevistada:

> Pra mim é assim, aquela coisa radiante na minha cabeça. Significa o seguinte: Deus, a casa não é minha, a casa é nossa e por mim vocês são todos irmãos e quero vocês também na minha casa porque vocês são também meus filhos na minha cabeça se passa isso. (Ialorixá Rita, entrevista nº 11)[107]

Ainda segundo alguns adeptos das religiões afro-brasileiras, não há nenhum sentido em ir à Igreja. Devemos considerar que a diferenciação de uma comunidade política autônoma implica também a diferenciação de um modelo cultural separado e distinto de ação política, pois os modelos mais antigos são abrangentes ou demasiado concretos para fornecer o tipo de orientação que tal sistema político exige. A consequencia disso seria o bloqueio do comportamento político, misturando-o com uma significação transcendental, ou sufocando a imaginação política, atando-a ao aparente realismo vazio do julgamento habitual.

Para outros significa,

---

[105] Entrevista concedida no dia 12 de março de 2009, pelo Ogã Dizo Santos do Centro Mitauá.
[106] Entrevista concedida no dia 12 de março de 2009, pela filha-de-santo Isabel Nunes do Abassá Mameta Oxum.
[107] Entrevista concedida no dia 24 de abril de 2009, pela Ialorixá Rita de Cássia do Ilê Axé Oloia Tassytaoo.

> Significou que o padre da Igreja Católica em si ela hoje tem um pouco mais de consciência da nossa religião afro, porém uma coisa não condiz com a outra não vejo ligação forte entre uma coisa e outra não. (Ialorixá Acássia, entrevista nº 12)[108]

Retomando o significado da conquista política feita pelo povo de santo no campo religioso. Num certo sentido, essa afirmativa se constitui numa outra forma de dizer que a Lavagem é uma resposta à tensão cultural, social e psicológica. O desenvolvimento de uma comunidade política diferenciada (consciente internamente) traz consigo um grave deslocamento social, uma tensão psicológica e uma confusão conceptual que altera a forma de pensar o rito e a religião. De acordo com a entrevistada:

> Foi coisa boa também, porque de primeiro a Igreja, o padre fechava as portas nós não conseguia [*sic.*] entrar nós só lavava as escadas e agora nós entra na Igreja o padre bota água benta e tal, já é outra coisa muito maravilhosa pra nossa religião. (Ialorixá Marizete, entrevista nº 13)[109]

A festa é o espaço privilegiado de reunião das diferenças, o espaço de figurações sociais, de assembleia coletiva e de sociabilidade. A festa é um elemento de re-ligação. As festas religiosas mostram uma maneira singular de viver a sociedade e de perceber o mundo e de com ele se relacionar. Assim, concluímos que **o rito possui múltiplos significados.** Em geral religioso - por que os elementos simbólicos trazem um sentido metafísico; e político - por que a luta pelo "direito a ter direito" foi permeada por discursos políticos pela parte da demanda.

[108] Entrevista concedida no dia 29 de abril de 2009, pela Ialorixá Acássia Maria do Axé Ilê Obá Abassá Odé Bamorê.
[109] Entrevista concedida no dia 01 de maio de 2009, pela Ialorixá Marizete Lessa do Abassá São Jorge.

3.4. Os sentimentos e a organização do significado local

Realizados o registro e a análise dos discursos dos entrevistados a respeito dos significados que a Lavagem tem para o povo de santo. Os objetivos agora são identificar os diversos sentimentos atribuídos pelo povo de santo no momento do rito e expor a organização social da lavagem.

Cada um dos participantes deste rito desempenha um papel correspondente à posição social que ocupa, ao **status** que possui dentro da sua religião (candomblé e umbanda) junto com uma função estabelecida pelo gênero. O conjunto de todas as ações que se presencia na Lavagem da Conceição é realizado quando os membros do povo de santo desempenham seus papéis sociais. Aparentemente o controle social que se estabelece a partir da ordem é fundamental na estrutura da festa. Contudo, mesmo com todos os papeis bem definidos durante o rito, percebem-se comportamentos desviantes. Inicialmente o papel e a função dos participantes da Lavagem da Conceição foram pensados para que os homens ficassem responsáveis por dar suporte à Lavagem (organização do carro de som, da santa, dos suprimentos etc.) e as mulheres (só as mulheres) fariam parte do cortejo e lavariam a Igreja, comportamento que não acontece. Porque há uma mistura de papeis. Assim, mesmo com todas as tentativas de ordem social, a “desorganização social” prevalece. Isso acontece pelo próprio caráter da festa e pelo hibridismo cultural que influencia a ação e a estrutura social vigente.

Quando existe um grupo de pessoas reunidas para se socializar, uma ordem social é desenvolvida para aquele grupo particular de indivíduos. No entanto, o que há na Lavagem é uma ruptura da solidariedade entre os membros dessa comunidade que acarreta desequilíbrio da organização existente. Se os laços que unem os membros de um grupo se afrouxam e este se desfaz, procurando cada membro emancipar-se do controle social há mudança de papel interna. Se o controle social que funciona como maior instrumento de socialização não cumpre seu papel, os valores os significados e os sentidos começam a divergir.

Se não há controle social, mas pelo menos uma tentativa de consegui-lo, o processo ainda em curso dentro da Lavagem seria de socialização. Isso faz com que o indivíduo se integre ao grupo ou comunidade em que nasceu assimilando o conjunto de hábitos e costumes característicos do grupo. Assim, os objetivos estabelecidos para a Lavagem da Conceição em Aracaju passam a desempenhar naturalmente a forma de transmitir, de inculcar na mente do

indivíduo os padrões sociais da sociedade afro-brasileira, por sua vez tornando o indivíduo sociável e aceito pela sociedade abrangente.

Segundo a coordenação da Lavagem das Escadarias da Igreja Nossa Senhora da Conceição os objetivos seriam:

> Bom, é segundo que me lembre ainda é das objetividades traçadas por Otávio Luiz da época em que ele criou né, a primeira Lavagem da Conceição que seria o pagamento da promessa com a presença dos terreiros e ele não conseguiu né é acredito que sim a objetividade está sendo cumprida e mais além um pouco, se eles queriam né um dos pontos que Otávio Luiz bem fez enaltecer na época que conversou conosco, conversou com nosso pai foi fazer com que houvesse um movimento uma movimentação diferente na cidade em Aracaju, que Aracaju ficava a erma [*sic.*] tanto antes da procissão quanto depois da procissão de Nossa Senhora da Conceição num tinha [sic.] uma outra atividade não tinha movimentação de outras religiões trabalhando o espaço ou fazendo alguma coisa em torno do nome da padroeira de Aracaju. Eu me lembro bem que um dos pontos falados por ele foi este e acredito que a Lavagem da Conceição está cumprindo seu papel este, e está indo até além deste só objetivo de trazer atrativo, de levar o povo às ruas, do povo se integrar ela está. Ela a festa da Lavagem da Conceição hoje está buscando integrar conversar com outras religiões, está buscando é trabalhar o processo evolutivo do homem na sociedade está é ... buscando meios pra que o homem possa socialmente, possa em si né, cada um avaliar os seus propósitos o meu, o meio de probabilidade que ele tem de evolução os meios de melhoria o que a religião é uma conscientização é um processo de conscientização e de evolução. Então, quando a gente leva o humano, a pessoa a caminhar neste patamar e a buscar algo mais que ele precisa então acredito que a Lavagem da Conceição está né, fazendo seu papel os que foram traçados por Otávio Luiz até a nível de turismo né; foi quando ele disse assim Angélica não importa a festa está entregue na sua mão e na mão do seu pai vocês podem e então faça acontecer só não deixe morrer leve avante, quando a gente diz que não podia, vocês podem um é babalorixá e você trabalha na cultura. Então, unam-se e a festa é de vocês está entregue na mão de vocês faça o que vocês quiserem da festa. Então, não foi a toa que logo na festa de 83 nós é intitulamos a Festa da Oxum né num sei se você viu em algum cartaz ou em alguns lugares é descrito em algum jornal é Oxum nossa festa afro né porque era a única festa pública que nós conseguimos né conseguimos segurar condensar as pessoas vem participando e a cada ano vem crescendo e foi o que foi a beleza de 2008, 26 anos da festa quando todos nós falando com o pároco é o padre Jerônimo né, e ele favoreceu e ele permitiu que todo o povo de candomblé né, é pudesse entrar na Igreja e não um grupo não nomes, mas todo o povo de candomblé e nós entramos todos nós na Igreja de Nossa Senhora da Conceição que é a Catedral né, então isso mostra que nós estamos é conquistando talvez um espaço que um dia foi fechado que um dia a polícia militar impedia-nos de entrar e que nesse diálogo, nessa conversação nos cultos ecumênicos onde nós nos encontramos com o padre Jerônimo nas pequenas conversas que nós temos, nós tiramos algumas idéias e até brincadeiras com relação a essa questão né é de estarmos interlocutando com a Igreja quando o próprio Papa é infelizmente veio a falecer nós enviamos uma carta pela Coordenação de Aracaju pela Coordenação do SENARABE, essa carta acredito é que os párocos lá da Catedral tenham guardado esse documento. Porque eu tenho guardado aqui e vai ficar nos anais da história não só da Lavagem da

> Conceição como da coordenação do Afro daqui de Sergipe nós enviamos essa carta e temos também a cópia aqui entendeu. Então, isso é condensar valores é condensar possibilidades de mais adiante nós estarmos juntos né trabalhando para a evolução do homem. (Ialorixá Angélica, entrevista nº 1)[110]

Em suma, os objetivos da Lavagem da Conceição são: manter a promessa com a presença dos terreiros (lavar as escadarias da Igreja Nossa Senhora da Conceição), movimentar de forma diferente a cidade de Aracaju trabalhando o espaço ou fazendo alguma coisa em torno do nome da padroeira da Capital, ser atrativo turístico, levar o povo às ruas a se integrar, buscar unir e conversar com outras religiões e buscar trabalhar o processo evolutivo do homem na sociedade.

Os sentimentos dos significados de lavar as escadarias pelo povo de santo na Lavagem da Conceição em Aracaju podemos dizer que circundam em dois grandes eixos: ânimo e motivação. Para Clifford Geertz (1978, p. 110), "a motivação é uma tendência persistente, uma inclinação crônica para executar certos tipos de atos e experimentar certas espécies de sentimento em determinadas situações". Os motivos são inclinações para executar determinados tipos de atos ou ter determinados tipos de sentimentos. Assim, quando dizemos que o povo de santo é religioso, ou seja, motivado pela religião, isso é uma parte do que realmente captamos e desejamos falar.

Nesse sentido um dos sentimentos para a *ialorixá* seria,

> Olhe orgulho de ser do Candomblé, orgulho de fazer algo por minha religião por nossa religião é eu sempre to é enfatizando estas palavras o Candomblé hoje precisa muito de todos aqueles que o Candomblé um dia ajudou, ele ajudou a levantar e erguer ilês, axés, terreiros, roças de candomblé, né? Então, se o Candomblé está precisando não é que nós nos dediquemos ta pra mostrarmos o melhor que a gente tem da nossa ancestralidades da nossa hierarquia, da nossa historicidade eu acho que isso é tudo nesta participação. (Ialorixá Angélica, entrevista nº 1)[111]

Baseado nas ideias de Geertz (1978), sabendo que uma mulher é orgulhosa (ou seja, é motivada pelo orgulho) esperamos que ela se comporte de determinada maneira, que mostre o melhor que a cultura dela tem, que faça conhecer a sua ancestralidade, que enalteça a hierarquia social e que perpetue a sua historicidade. Ser orgulhoso é tender a agir dessa e de muitas outras maneiras determinadas. Espera-se também que uma mulher orgulhosa sinta prazer em determinadas situações e temores em outras, e ainda que ela se sinta ofendida

[110] Entrevista concedida no dia 30 de janeiro de 2009, pela Ialorixá Angélica de Oliveira do Centro Umbanda Paraíso dos Orixás.
[111] Entrevista concedida no dia 30 de janeiro de 2009, pela Ialorixá Angélica de Oliveira do Centro Umbanda Paraíso dos Orixás.

quando outra pessoa denigre a sua cultura e que se sinta eufórica ao perceber que a sua cultura está sendo exaltada. Contudo, ser orgulhosa não é mais indicativo do orgulho do que atos públicos de realizar uma festa tão repleta de "perseguições" e "dificuldades".

Outro sentimento desse significado seria: "muita coisa boa, muita coisa boa sinto emoção, aquilo é muito bom. (Filha-de-santo Argentina França, entrevista nº 3)" [112]. De acordo com Geertz (1978, p. 112), "a diferença mais importante entre disposições e motivações talvez resida no fato de que as motivações são tornadas significativas no que se refere aos fins para os quais são concebidas e conduzidas, enquanto as disposições são tornadas significativas no que diz respeito às condições a partir das quais se concebe que elas surjam". Quando uma pessoa se diz emocionada, pensa-se logo em uma perturbação de ânimo. A emoção que é o estado da alma ou espírito e nesse caso pode significar energia e excitação.

Quando uma pessoa se sente realizada, isso significa dizer que ela atingiu uma situação que almejava, seja espiritual seja materialmente. O comportamento percebido é de agradecimento, de gratidão, e de obediência. No entanto, a ação de pedir passa quase que despercebida no meio de tanto agradecimento. Já para outros a emoção seria: "eu me sinto realizada, um ano mais de realização, porque a gente vai [*sic.*] é agradecer pelo ano é que a Oxum que é a nossa mãe a dona da riqueza, a dona do ouro e pedir muita paz muita prosperidade. (Ialorixá Jacira, entrevista nº 4)" [113].

A história da Lavagem das Escadarias da Igreja Nossa Senhora da Conceição é repleta de muitos episódios de conflitos, disputas, união, aproximação, conspirações, paixões, traições, invenções, mentiras e frustrações. Assim, com tudo isso, os sentimentos foram surgindo, sumindo, mudando e transformando. Desta forma, os sentimentos acabaram sendo múltiplos.

Para outros seria,

> Quando eu fui, gostei muito né, achei de acordo. Agora é que está muito diferente não ta mais como era né agora é ela usa ela bota um negócio de festa diferente. Naquela época era só pra lavagem igualmente a do Senhor do Bonfim na Bahia, agora não, agora aquelas festas, aqueles botecos, aquelas cachaçadas, aquelas coisas eu deixei de ir após. Tem uns 4 quatro anos ela me chamou que disse que ia me dar uma placa, uma placa né foi uma saudação dos ogãs lá, eu fui me apresentar lá cantei tudo, mas esperei a placa não chegou até hoje, ela disse que ia dar a placa aqui na minha casa num deu, quer dizer que essas coisas a gente vai estimulando, vai deixando né. Eu fui deixando de ir, todo ano ela vem aqui na minha casa convidar, mas eu

[112] Entrevista concedida no dia 14 de fevereiro de 2009, pela Filha-de-Santo Argentina França do Terreiro de Nisinho do Bairro América.
[113] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Jacira Santos do Abassá Ogum de Ronda.

> num tô mais freqüentando num tô mais freqüentando [*sic*.], às vezes nós vai assistir, mas não vai como ia eu levava meu terreiro e agora ultimamente eu não tô indo ta, lá Angélica que ta lá resolvendo as coisas lá. (Ialorixá Nair, entrevista nº 5)[114]

Quando se gosta de algo ou de alguma pessoa, supõe-se que agrade em algum aspecto ou em algum momento, ou por motivos pessoais, culturais, sociais ou políticos. À medida que se altera esse quadro de harmonia e de equilíbrio entre a pessoa e o alvo de gostar, inicia-se um processo de declínio desse sentimento e, a partir daí, defeitos, incoerências e causas são apontadas para justificar o desgosto. Com o tempo o comportamento de desgosto se caracteriza por desprezo, abandono e até nostalgia.

Segundo as confissões da *ialorixá* a seguir,

> Eu deixei de ir pra Lavagem desde que houve a mudança, porque antigamente a Lavagem era ...a Lavagem das Escadarias antes tinha é ...assim reuniões com o pessoal do candomblé tinha seminário, é de apresentações das coisas que era passado né, dentro das casas do candomblé, e assim tinha eventos, eventos que condizia com aquilo do candomblé, hoje não, hoje a lavagem ta sendo diferente né, ela tá sendo mais assim vamos dizer mais uma coisa assim afro né, uma ela tá saindo [*sic*.] completamente da realidade entendeu. (Ialorixá Claudeildes, entrevista nº 6)[115]

Em um rito nem todas as pessoas sentem as mesmas coisas, muitas até nem sentem nada. O vazio emocional da expressão religiosa de uma pessoa ou grupo pode ser causado pela não compreensão do rito ou por não concordar com as ações de seu grupo; ou ainda causas patológicas ou psíquicas. Cada uma dessas causas pode agir sozinha e em algum momento do rito ser sanada ou agir em grupos e interferir no sentimento final.

Nas palavras de um filho de santo seria:

> Olhe na verdade quando eu participei, eu apenas estava sentindo expectativa, não estava participando como a expressão religiosa [*sic*.], eu estava ali como, e fico ali na expectativa de observador e vigilante, para que nada acontecesse de mal aos participantes, e tô ali na segurança, e dentro de uma expressão mais fundamental de rito não sinto nada ta, quer dizer, dentro de um processo de transe, é de nada eu sinto realmente, é a satisfação da paisagem ta, e vejo as pessoas lá se tão gostando ou não. (Filho-de-santo Severo, entrevista nº 7)[116]

A emoção pode surgir em um indivíduo por diversos motivos e circunstâncias. Sabendo que, quando este se emociona, age muitas vezes inconsciente, levado pela emoção de alegria, de satisfação, de euforia, de êxtase e pode ocasionar ações simbólicas que significam

---

[114] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Josefa Maria – Mãe Nair do Centro Social Bom Jesus dos Navegantes Ogum Marinho.
[115] Entrevista concedida no dia 05 de abril de 2009, pela Ialorixá Maria Claudeildes do Ilê Axé Alakito Oia Balé Caboclo Congombira.
[116] Entrevista concedida no dia 07 de março de 2009, pelo filho-de-santo Severo D'Acelino do Ilê Axé Opo Aira.

cordialidade, gratidão e partilha. Por exemplo, para outros o sentimento seria: “sinto muita emoção em ter e ver a nossa cultura ser divulgada e ser reconhecida pelas autoridades”. (Ialorixá Lindinalva, entrevista nº 8). [117]

A variedade de sentimentos pode ser compreendida pela experiência pessoal de cada sujeito durante a sua história pessoal de vida e da Lavagem da Conceição, pois quanto mais o indivíduo participou do momento de impedimento da Lavagem o sentimento varia entre realização, conquista, vitória e orgulho. Assim, a relação entre a memória e os sentimentos nesse caso é mais próxima do que se parece.

Para outros o sentimento seria:

> Olha o que eu sinto é o maior prazer porque a gente que cultua a seita quando fala na Lavagem isso é muito importante é muito bonito porque essa Lavagem já veio de Salvador então aqui nós não tinha Lavagem porque os padres não deixava nós cultuar na frente da Igreja a partir de 2004 foi ele conseguiu a dar esse direito de fazer a Lavagem na frente da Igreja nos degraus e chegar a entrar dentro da Igreja. (Ogã Dizo, entrevista nº 9)[118]

Nesse sentido, o prazer está associado à liberdade de culto e a concretização da Lavagem das escadarias. Como não havia a tradição em Aracaju por parte do povo de santo de lavar um templo católico, e quando se resolveu “inventar” sofreu impedimento por parte da Igreja sergipana, o prazer é sentido pela conquista e não pela ação metafísica. Assim, o direito de fazer a Lavagem na frente da Igreja, e chegar a entrar dentro dela é prazeroso pelo fato e não pela ação.

Já para outros o sentimento de felicidade está presente no rito.

> Nós sentimos muito feliz [*sic*.] e principalmente nós que somos do axé não é, em que nós acreditamos você se emociona né? Vem emoção é de você entender que todos aqueles adeptos porque na verdade a Lavagem da Conceição ela não tem dono né? A Lavagem da Conceição é de todos os filhos-de-santo de todas as pessoas do axé e todos os simpatizantes ela é a mãe de todos é verdade então a gente fica muito feliz muito feliz em ver que é uma cultura; não deixa de ser uma cultura e a outra felicidade é entender que como nós temos adeptos nós temos irmão. (Filha-de-santo Isabel, entrevista nº 10)[119]

Sabendo que uma pessoa feliz sentiu felicidade, e que felicidade é motivo de comemoração. Acho que é um dos sentimentos principais daqueles que participam da Lavagem de forma direta. O que quero dizer é que uma festa sempre tem motivos alegres que unem as pessoas em torno de uma só felicidade.

---

[117] Entrevista concedida no dia 11 de março de 2009, pela Ialorixá Lindinalva Bastos da Congregação Social Espírita São Lázaro.
[118] Entrevista concedida no dia 12 de março de 2009, pelo Ogã Dizo Santos do Centro Mitauá.
[119] Entrevista concedida no dia 12 de março de 2009, pela filha-de-santo Isabel Nunes do Abassá Mameta Oxum.

17. Baianas jogam a água da quartinha na cabeça das pessoas. Aracaju. 2007. Foto: AP - Anderson Pereira

18. O adro e as escadarias molhadas pela água do rito religioso. Aracaju. 2007. Foto: AP - Anderson Pereira

19. Grande roda feita pelo povo de santo, após a Lavagem. Aracaju. 2007. Foto: AP - Anderson Pereira

20. Término da Lavagem da Conceição. Aracaju. 2007. Foto: AP - Anderson Pereira

Dessa forma, a Lavagem faz surgir esse sentimento por dois motivos: 1) a Lavagem é do povo de santo, das pessoas do axé 2) a cultura afro-brasileira tem muitos seguidores na cidade. O fato de realizar uma homenagem a Oxum é motivo de felicidade e de transcendentalidade.

Para uma *ialorixá* seria,

> Eu sinto aquela emoção aquela energia positiva entendeu aquela energia positiva aquela força até mesmo porque naquela hora aquele encontro da gente não só de religião aquele encontro com Deus, Deus é importante porque pra mim assim, tá vendo um encontro de religião principalmente com a Católica que existe aquele tabu né que é...entre religiões né. Então, pra mim eu acho assim muito envaidecida,muito grandiosa de grande, de grande proveito mesmo energia positiva. (Ialorixá Rita, entrevista nº 11)[120]

O sentimento religioso está bem próximo do sentimento festivo, talvez até unido. A espiritualidade que se sente, ao ser tocado por aquela água toda preparada, é uma oportunidade de encontro com o mundo metafísico. O aspecto positivo do encontro de culturas faz surgir uma emoção muito forte, que transparece no fervor das ações ritualísticas.

Assim,

> quando eu participei foi interessante porque as pessoas estavam muito mais unidas depois eu vi uma certa diferença e aí eu me afastei hoje só participo superficialmente...foi uma emoção grande foi um vínculo muito forte uma coisa muito boa mas depois os envolvimentos foram meio...não condisse com o que eu gosto com o que eu sei fazer, com aquilo que eu aprendi dentro da religião aí eu prefiro mim afastar [*sic*.]. (Ialorixá Acássia, entrevista nº 12)[121]

Portanto, o que seria emoção para o povo de santo? Emoção no ponto de vista do povo é sentir a Oxum, é sentir o axé, é sentir Deus. É bem verdade que a emoção traz união entre os filhos da religião e os espectadores. Segundo a entrevistada, "a gente sente uma emoção grande como esteja um orixá ali ao lado da gente é uma coisa muito boa. (Ialorixá Marizete, entrevista nº 13)" [122].

Gostaríamos de concluir que a relação da Igreja Católica com as religiões afro-brasileiras em Sergipe não são tão amistosas como aparentam ser, de acordo com o padre Jerônimo,

> Ainda há muitas dificuldades né, aqui em Aracaju em função dessas iniciativas a coisa parece assim como se fosse um pouco mais estável um pouco mais amistosa mas não é tão fácil assim, há muito preconceito né há sempre da parte dos católicos aquela idéia de que nós somos superiores

[120] Entrevista concedida no dia 24 de abril de 2009, pela Ialorixá Rita de Cássia do Ilê Axé Oloia Tassytaoo.
[121] Entrevista concedida no dia 29 de abril de 2009, pela Ialorixá Acássia Maria do Axé Ilê Obá Abassá Odé Bamorê.
[122] Entrevista concedida no dia 01 de maio de 2009, pela Ialorixá Marizete Lessa do Abassá São Jorge.

> porque nós temos o Deus de Jesus Cristo né e aqueles outros são inferiores porque tem crendices é se nós tivéssemos [*sic*.] do lado de lá não queríamos ser chamados de quem tem crendices mas de quem tem fé de quem faz uma experiência religiosa. Então, não há um entendimento ainda da parte também das autoridades sobre essa realidade da fé vivenciada, partilhada, então é acho que ainda vamos queimar muitas arrestas ainda pra chegarmos lá e termos uma relação amistosa, tranqüila, quero crer que essas iniciativas fizeram aumentar o respeito entre as partes hoje é você chegar e ver um padre ou alguns padres que ficam comigo aqui abraçar um babalorixá e dizer você é minha irmã e ela dizer você é meu irmão então isso já é uma grande vitória um sinal um indicativo que aponta para um caminho de respeito. [123]

Ainda há muito a se aproximar, dialogar, discutir, compreender, romper, e corrigir, as diferenças entre as religiões envolvidas, mas talvez a iniciativa de permitir o povo de santo realizar um rito tão tradicional de sua cultura em um lugar católico, seja um sinal para sociedade de convergências de direitos. Por outro lado, hoje, somos atraídos por essas manifestações públicas religiosas, pois a diversidade de significados que esses tipos de ventos possuem parecem atrair cada vez mais identidades. Concluímos que por si só o culto a Oxum é capaz de emergir nos indivíduos emoções subjetivas tais como de: amor, paixão, orgulho, prazer e realização.

[123] Entrevista concedida no dia 05 de maio de 2009, pelo pároco da Catedral de Aracaju, Jerônimo Peixoto.

4 - CONCLUSÃO

Os significados da Lavagem das escadarias da Catedral, em Aracaju, são múltiplos. Eles variam de acordo com o papel de cada sujeito na festa, a relação do terreiro com a Lavagem e a história do indivíduo com o rito. Como **significado religioso** é **homenagem a Oxum**. Porque a Lavagem tem certas características de festa, que faz os filhos de santo prestar louvor a Oxum, através das obrigações. É também r**ecebimento de graças.** Porque a Lavagem tem certas características de cerimônia religiosa, que faz os indivíduos pedir e agradecer as graças alcançadas durante o ano. É ainda de **purificação.** Porque as águas simbolizam a totalidade das virtualidades. As águas são fonte de todas as coisas, fundamento, força criadora, o princípio de toda cura. As águas encontram-se no começo e no fim desse rito. O destino mítico das águas é abrir e fechar ciclos. O contato a água implica regeneração, aumenta o potencial de vida. Na água reside a vida, o vigor e a eternidade. A água da quartinha não é acessível a toda a gente, nem de qualquer maneira. Assim, a Lavagem como rito, purifica, regenera, absolve, e a partir da limpeza renasce outro mundo. As águas purificam e regeram porque anulam a história e restaura o velho mundo.

Como **significado político** é **pertencimento ao catolicismo.** Porque o povo de santo não pensa os cultos afro-brasileiros como religiões contrarias a católica. Até porque muitos são ao mesmo tempo católicos/candomblecistas ou católicos/umbandista. As religiões afro-brasileiras e o catolicismo possuem ritos semelhantes. Nesse sentido, é permitido o povo de santo ir a Igreja: batizar, rezar, ofertar, cultuar, agradecer, casar, comungar, realizar missas de aniversário e sétimo dia, contudo a ida a Igreja necessita de uma preparação. As religiões envolvidas não são confundidas, elas são híbridas dando espaço para tratar de tensões, conflitos e re-significações dos eventos culturais. É também **quebra de preconceito.** Porque rompeu as barreiras sociais que impediam o rito de se estabelecer e foi uma luta política travada no campo religioso, além do que a manifestação religiosa se realiza de forma pública.

Assim, homens/mulheres, casadas/viúvas, católicos/candomblecistas, católicos/umbandista e nativos/turistas atribuem ao rito significados distintos. Embora cada um desses sujeitos participem de acordo com a forma de pertencimento. Vejamos o caso dos significados da Lavagem sob a ótica das *ialorixás*. Para elas, o rito significa uma oportunidade de purificação. Por meio dele as sacerdotisas se liberam de “fluidos negativos”, ao mesmo tempo se regeneram de “novas energias” ou “*Axé*”. Já para os filhos-de-santo, a Lavagem significa uma homenagem a Oxum ou uma forma de estar mais perto de Oxum.

Distinta é o significado do rito para os *adés*. Para eles a Lavagem é, sobretudo uma oportunidade de paquera, de estabelecer novos contatos, de conhecer *adés* de outros terreiros ou curiosos. Também, é distinta o significado do rito para os católicos. Conforme eles, a Lavagem não passa de um ato sem sentido do ponto de vista religioso. Por fim, para os turistas a Lavagem da Conceição de Aracaju é basicamente uma festa, ou seja, uma diversão ou lazer. Além disso, o rito funciona para o povo de santo como um meio de aprendizado das religiões afro-brasileiras. É uma oportunidade de ver e praticar os ritos próprios das religiões.

A razão maior para realizar a Lavagem da Conceição é que o povo de santo crê que se está purificando as pessoas que estão ali presentes. Nesse sentido, **a Lavagem da Conceição em Aracaju é um rito de purificação.** É isso que ela significa para o povo de santo. Por sua vez, o sentimento que os católicos/candomblecistas e católicos/umbandista sentem é de uma verdadeira emoção. Emoção de orgulho, de alegria, de amor, esses sentimentos complexos nascem a partir da adoção de papeis. Em cada um desses casos as emoções são provocadas diante da visualização do eu, do ponto de vista do outro ou pela colocação de si na posição do outro. Por exemplo, sentir a presença de Oxum pode provocar alegria, e elevar o Axé; por outro lado quem purifica pode sentir orgulho. Um das características dessa Lavagem é purificar o povo, e não lavar a igreja e/ou purificá-la.

O significado de entrar na Igreja para o povo de santo é de muita vitória. As razões para tal significado pode ser buscada na própria história do surgimento da Lavagem da Conceição em Aracaju, que por muitos anos sofreu discriminação por parte da sociedade. Assim, para aqueles que lutaram nesse processo de consolidação da tradição entrar na Igreja é vitória devido as lutas, os choros, as religiões e os antepassados. A lavagem é um fenômeno que exemplifica bem a “invenção da tradição” (HOBSBAWN, 2006).

A maioria do povo de santo não vê sentido nenhum em ir a uma Igreja Católica e lavar as escadarias. Acham que não precisam de outra “água” ou “figura” para abençoar um ato da sua religião. Talvez pela distância histórica do verdadeiro momento de sentido de entrar na Igreja traga estranhamento ou não aceitação. Isso pode também explicar o fato do discurso de “discutir os problemas sociais” tenha ganhado um peso tão grande nos depoimentos e entrevistas coletados, e seja reproduzido pelas emissoras de rádio e televisão da Capital.

O rito espelha algumas dificuldades: 1) organização - porque a equipe de trabalho a disposição da Coordenação Prol Lavagem da Conceição é pequena comparada à potencialidade de ajuda dos terreiros envolvidos; **2) financiamento** - porque não conta com ajuda oficial dos órgãos governamentais; **3) participação** - porque pela quantidade de

terreiros que Aracaju possui e a quantidade de adeptos das religiões afro-brasileira, a Lavagem apresenta uma queda na freqüência do povo de santo e um aumento de público espectador.

Desta forma, **a Lavagem da Conceição espelha no seu desenrolar as dificuldades da sociedade local.** No plano da organização a Lavagem, padece com a limitada participação dos terreiros motivada por rivalidade religiosa. No plano material o rito não recebe os mesmos recursos dados a outros eventos religiosos tais como: a festa de Bom Jesus dos Navegantes, a Semana Santa, a festa da Padroeira Nossa Senhora da Conceição, e o Alto de Natal. Nesses eventos a prefeitura de Aracaju custeia diversas despesas. Dos terreiros existentes em Aracaju, a maioria participa indiretamente da Lavagem. A razão para isso foi disputas pelo controle da Lavagem e má relação das principais *ialorixás* de Aracaju com a coordenação da Lavagem da Conceição. Para essas ialorixás a presença de *adês*[124] levando as quartinhas, vestidos de baianas desmoralizam a religião e a aqueles que participam. Além disso, a presença de elementos modernos como: o trio elétrico, artistas; motivam o consumo de bebidas alcoólicas os quais descaracterizam qualquer ato religioso. Assim, mesmo que seja um ato de negar a sua identidade religiosa não participando é também um ato de preservação das tradições e dos costumes herdados.

A Lavagem da Conceição como processo de socialização, se encarrega de passar os muitos comportamentos e habilidades da religião para os iniciados, turistas e curiosos pela observação. Isto pode fazer aumentar os adeptos da religião, inculcar padrões de comportamento, tornado-se parte de um "eu-identidade". Por fim, o comportamento das pessoas na Lavagem da Conceição em Aracaju reflete os seus propósitos. Muitos daqueles que se reúnem para a Lavagem compartilham do propósito estabelecido (purificar e comemorar), já outros comparecem para acompanhar um amigo, para encontrar possíveis companhias ou para se divertir. O que ocorre é reflexo da influência dos propósitos dos participantes e das características da situação. Vê-se, pois que o rito examinado é um fator polissêmico.

[124] Termo utilizado para designar homossexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, R. de C. de M. P.. **Povo-de-santo, Povo-de-festa**: Um estudo antropológico do estilo de vida dos adeptos do candomblé paulista. São Paulo, USP/FFLCH/DEP. ANTROPOLOGIA, Dissertação de Mestrado, 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977. 226 p.

BASTIDE, R.. **Candomblé da Bahia**: rito nagô. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Estudos afro-brasileiros.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BAUMAN, Z; VECCHI, B. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEZERRA, F. **Problemas e Perspectivas em Antropologia**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Cultural, 1980.

_____. **Etnias Sergipanas**. Aracaju: J. Andrade, 1984.

BONFIM, L. A. **Lavagem do Bonfim:** Tradições e Representações da Fé na Bahia. II Congresso Virtual de Antropologia, Simpósio em Antropologia Visual. Salvador: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/Mestrado em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

BOURDIEU, P; CHAMBOREDON, J-C; PASSERON, J-C. **Ofício de sociólogo:** metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRANDÃO, M. do C. “O Pai e a Mãe de Santo no Sistema de Alocação de Recursos: Agenciamento da Chefia Religiosa.” In: **Cadernos do Mestrado em Antropologia**. N° (02). Recife, pp.09-12, 1990.

BURKE. P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

CABRAL, M. **Roteiro de Aracaju**: guia sentimental da cidade. Aracaju: 1948

CACCIATORE, O. G. **Dicionário de Cultos Afro-brasileiros**: com a indicação da origem das palavras. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

CAMPOS, J. J. P. de. **Guia do Candomblé da Bahia.** Rio de Janeiro: Pallas, 1989.

CANCLINI, N. G.. **As culturas populares no capitalismo**. Ed. Brasiliense, 1983.

CARNEIRO, E. **Candomblés da Bahia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

_____. **Candomblés da Bahia:** com 14 desenhos de carybe. 2. ed. Rio de Janeiro: Andes, 1948.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, 1954.

CUNHA, M. C. **Antropologia do Brasil:** mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense/ Universidade de São Paulo, 1986.

DANTAS, B. G. **Vovó Nagô e papai branco**: usos e abusos da África no Brasil. Campinas: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social/UNICAMP, 1982.

DUARTE, G. e CALASANS, V. **LP Mensageiro da Alegria.** Salvador: Nova República/Polygram, 1986, faixa 2.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** O sistema totêmico na Austrália. São Paulo, Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, J. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

FERRETTI, S. F. **Festas religiosas populares em terreiros de culto afro.** In: BRAGA, S I G. Cultura Popular, Patrimônio Imaterial e Cidades. Manaus, EDUA/ FAPEAM, 2007, p 77-97.

_____. “Festas e Religiosidade Popular no Tambor-de-Mina do Maranhão.” In: **IV Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste (ABA)**. João Pessoa, 1995, mimeo.

FILHO, A. B. O Culto dos Eguns no Candomblé**.** In: **Revista Planeta**, nº 162, março de 1986. Disponível em: <http://aulobarretti.sites.uol.com.br/Egungun.htm>. Acesso: 18 ago. 2008.

FONSECA, E. P. de A. Os significados das festas nas religiões afro-brasileiras. In: **Vivência – revista do Centro de Ciências Humanas.** Letras e Artes da UFRN. Natal, CCHLA/UFRN, v.13.

_____. **O Candomblé é a Dança da Vida**: Aflição, Cura e Afiliação Religiosa ao Palácio de Yemanjá. Recife, Dissertação de Mestrado em Antropologia/UFPE, 1995, mimeo.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. 4. ed. Petropolis RJ: VOZES, 1997.

HALL, S. “Quem precisa de identidade?”, p. 103-133. In SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOBSBAWN, E.et al. **A invenção das tradições.** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

LIMA, V. da C. **A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia**: um estudo de relações intragrupais. Salvador: Corrupio, 2003.

LOYOLA, M. A. **Médicos e Curandeiros**: Conflito Social e Saúde. São Paulo, Difel, 1984.

MAGNANI, J. G. C. **Umbanda**. São Paulo: Ática, 1991.

MAIA, J. C. T. **Umbanda em Aracaju**: na encruzilhada da história e da etnografia. São Cristóvão: Monografia/UFS, 1998.

MARETTI, M. Escadaria Florida. 22º Lavagem da escadaria da Catedral Metropolitana de Campinas. **Revista de Antropología Experimental.** nº 7, 2007. Texto 13: 161-167. Universidad de Jaén (España)

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MENDES, É. do N. P. M. **A Lavagem das Escadarias do nosso senhor do Bonfim da Bahia: Identidade e memória no final dos oitocentos**. Rio de Janeiro: UERJ, [s.n].

MOTTA, R. M. C. "Transe, Possessão e Êxtase nos Cultos Afro-Brasileiros do Recife." In: **Religião, Política e Identidade. (Série Cadernos da PUC)** N° (33) - CONSORTE, Josildeth G. & COSTA, Márcia Regina. São Paulo, Educ, pp. 109-120, 1988.

OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

PRANDI, R. **Os candomblés de São Paulo**: a velha magia na metrópole nova. São Paulo: Hucitec e Edusp, 1991.

PREVITALLI, I. M. **Candomblé**: agora é Angola. São Paulo, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais/PUC-SP, 2006.

QUERINO, M. **Costumes Africanos no Brasil**. 2º Ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1988.

RAMOS, A. **O Negro Brasileiro**. Recife, Ed. Massangana, 1988.

RIBEIRO, R. **Cultos Afro-brasileiros do Recife**: Um Estudo de Ajustamento Social. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978, 2a. edição.

RODRIGUES, R. N. **O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1935.

_____. **Os africanos no Brasil.** Brasília: Editora de Brasília, 2004.

SANTOS, E. C. M. **Religião e espetáculo**: análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé. São Paulo, Tese de Doutorado em Antropologia/USP, 2005.

SANTOS, J. dos. **O Literário no discurso cosmogônico do Candomblé**. São Cristóvão: UFS, 1994. Relatório semestral do PIIC-CNPq/UFS.

SELTIZ, C. et al. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais.** São Paulo: EPU, 1974.

SERRA, O. **Rumores de Festa. O sagrado e o profano na Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2000.

SPRADLEY, J. **The ethnographic interview**. Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich. College, 1979.

VERGER, P. F. **Orixás**: deuses na África e no Novo Mundo. São Paulo: Corrupio, 1981.

GLOSSÁRIO

A

Abadá: vestido largo para homens, atingindo o tornozelo; blusão usado em festas africanas.

Abassá: barracão do terreiro, salão onde se realizam as cerimônias públicas.

Abebé: leque simbolo de Oxum e Yemanjá. O de Oxum é de latão, em forma circular, com estrela no centro, batida ou vasada. O de Yemanjá é de metal prateado em forma circular, com sereia ou ainda em forma de peixe, com o cabo a partir da cauda.

Abiã: pré-iniciada do Candomblé, em estágio anterior à iniciação, tendo cumprido apenas uma parte dos rituais.

Abô: líquido feito com folhas sagradas maceradas em água das quartinhas do roncó.

Adé: termo pejorativo para homossexuais.

Adjá: pequena sineta de metal, usada para diversas cerimonias privadas e públicas.

Afoxé: festa de um candomblé, realizada como uma obrigação por elementos de certos candomblés.

Agogô: instrumento ritmador de metal, composto de dois sininhos metálicos desiguais, que se bate com uma varinha igualmente de metal.

Água de Oxalá: cerimônia de purificação e abertura do tempo sagrado, realizada nos candomblés nagô e jejê.

Água fluidificada: água potável sobre a qual foram atraídas vibrações das entidade-guias, usada na Umbanda.

Aguidavi: corruptela de oguidavis; baqueta dos tambores.

Aiê: festa de Ano Novo.

Ajeum: comida.

Alabê: tocador chefe dos atabaques.

Amaci: líquido preparado com folhas sagradas, maceradas em água das quartinhas do roncó, deixado a repousar durante sete dias; banho purificatório com esse líquido.

Amicto: pano branco, bento que cobre o pescoço e os ombros do padre, por baixo da alva.

Amuxã: título de um iniciado do culto secreto dos Eguns.

Apoti: banco em que sentam as iaôs durante o sundidé ou em outras cerimônias da iniciação.

Assentamento do orixá: símbolo que representa o orixá, seu fetiche, onde se assenta sua força dinâmica por meio das cerimônias rituais.

Atabaques: tambores altos e estreitos, afunilados, de um só couro, usados nos cultos afro-brasileiros.

Avatar: reencarnação de um Deus; transformação; transfiguração.

Axé: energia vital sagrada do orixá. A força que está nos elementos da natureza, como animais, plantas, sementes e outros.

Axés: no plural significa os tecidos e órgãos dos animais que contêm as forças sagradas, e que são necessariamente oferecidos aos orixás.

Axexê (ou candomblé funerário): ritual celebrado depois da morte dos membros de um candomblé para expulsar suas almas da terra.

Axogun: sacerdote encarregado dos sacrifícios animais.

B

Babá: termo que entra em grande número de palavras, com diferentes acepções.

Babá-balé: pai dos mortos.

Babá-egun: chefe do candomblé do Egun.

Babalaô: sacerdote encarregado do culto de Ifá, o orixá da adivinhação.

Babalorixá: chefe masculino de terreiro, mais conhecido como pai-de-santo.

Babalossâim: sacerdote encarregado da colheita de ervas ou de folhas rituais.

Babaojê: sacerdote encarregado do culto dos mortos.

Balé: casa dos mortos, pequena peça fora da casa.

Banho: ritual feito com água misturada a determinados materiais, com a finalidade de livrar a pessoa de fluidos negativos e atrair proteção divina.

Bori: ritual de "dar comida à cabeça", realizado antes da iniciação e também quando é necessário fortalecê-la por alguma razão.

Brajá: colar de contas feito de vários fios, truncado a certos intervalos conforme a numerologia dos orixás. É usado apenas por ebomis e símbolo de prestígio no candomblé. Também é chamado de elekê.

Brincar: dançar.

C

Cabala: prágticas mágicas de código de símbolos e palavras; grande círculo.

Caboclo: nome genérico para espírito aperfeiçoado de ancestral indígena brasileiro, representando um orixá ou a si próprio.

Cambono: também dito cambone; auxiliar assistente de sacerdote ou dos médiuns.

Candomblé. 1) lugar em que se celebram as festas religiosas africanas; 2) conjunto de cerimónias religiosas africanas; 3) no Sul do Brasil, designa qualquer dança ou festa de negros.

Cargo: título hierárquico para funções especiais no candomblé.

Casas-de-santo: mesmo que casa de candomblé; terreiro.

Centro de Umbanda: o mesmo que terreiro, tenda, cabana etc.

Comer: receber sacrifícios; receber comida.

Comida de santo: alimento votivo preparado ritualmente e oferecidos aos orixás, os quais necessitam de suas vibrações para manutenção da própria força dinâmica.

Cortar: sacrificar, matar.

D

Dagã: a mais velha das duas filhas encarregadas do padê de Exu (não segundo a idade, mas de acordo com a data da iniciação).

Decá/deká: confirmação da aptidão para o cargo de pai ou mãe-de-santo, estando apto a iniciar novos adeptos, formar um Terreiro e transmitir obrigações religiosas.

Despacho: oferenda feita a Exu, com a finalidade de enviá-lo, como mensageiro, aos orixás e de conseguir sua boa vontade para que a cerimônia a ser feita não seja perturbada.

Dilogun: nome dado à advinhação com búzios que podem ser de 4 a 32.

Dobalé: saudação das filhas iniciadas para orixás femininos e que consiste em se deitar ao comprido no chão, apoiando-se nos quadris e nos antebraços, uma vez do lado direito, outra vez do lado esquerdo.

E

Ebó: descarrego de más influências; limpeza espiritual; sacrifício oferecido aos deuses; sortilégio.

Ebâmi: Também dizem ebômim; filha-de-santo que completou sete anos de iniciação; segunda etapa, portanto, da hierarquia, depois da etapa de iaô.

Ebomi: oferenda a Oxum.

Ecó: mingau de milho branco ou de milho vermelho.

Egum ou Egungun: espíritos, almas dos mortos ancentrais que voltam à Terra em determinadas cerimônias rituais.

Ekede/equede/ekédi: ebâmi do sexo feminino, que não entra em transe e tem funções de auxílio ao orixá (uma espécie de "aia" deste), tendo como obrigações principais vesti-lo, cuidar de suas roupas, dançar com ele, estar permanentemente ao seu lado quando entra em transe, atendendo a seus pedidos, enxugando o suor do rosto de seu "filho" durante a dança.

Exu: intermediário entre os homens e os deuses.

F

Ferramentas: insígnias que os orixás trazem nas mãos como símbolo de sua identidade mítica. Ogum traz uma espada, Oxóssi um arco e flecha etc.

Filha-de-santo: a iniciada; os membros das confrarias religiosas africanas, iaô.

Fio de contas: nome dado, no Candomblé, aos colares rituais, nas cores dos orixás.

G

Gongá: peji, altar.

Guia: colar ritual de miçangas ou contas de vidros ou louça, da cor de cada orixá ou entidade.

Guiné: proteção contra espíritos obsessores e limpeza espiritual de pessoas e lugares.

H

Hissope: instrumento utilizado para aspergir água benta.

I

Ibá: gamela de madeira onde se colocam pipocas para Omolu; cuia usadas em certos rituais; colar de balangandãs.

Ia: mãe.

Iabassê: cozinheira do culto, responsável pelas comidas dos santos.

Iá kekerê: mãe-pequena, auxiliar direta da ialorixá.

Ialorixá: sacerdotisa encarregada da direção de um candomblé.

Iansã: Oyá, orixá feminino, divindade africana do rio Níger, umas das esposas de Xangô, rainha guerreira, dona dos ventos, raios e tempestades.

Iaô: sacerdotisa; nome que a inicianda adquire logo após o sundidé.

Iara: entidade feminina indígena que “baixa” nos terreiros.

Ia Tebexê. encarregada de escolher os cânticos e de cantar os solos.

Ibeji: são assimilados a Cosme e Damião, e muitas vezes confundidos com erês.

Iemanjá/Yemanjá: orixá patrono das águas correntes.

Igbá: cabaça sagrada, representando o mundo.

Ijexá: subdivisão do povo iorubá; ritmo tocado para Oxum, bem cadenciado.

Ilá: grito característico e identificador de cada orixá, sendo único para cada um. Mesmo quando se trata, por exemplo, de vários Oguns, cada um deles terá seu próprio ilá, diferente dos demais.

Ilê: casa, terreiro.

Ilê-orixá: casa dos deuses.

Ilê-saim: casa dos mortos, o mesmo que ibó.

Ilu: denominação genérica de atabaques.

Ilã: colar ritual com um simples fio de contas.

Inkices: designação das divindades nos candomblé angola-congo, correspondente ao orixá nagô.

Iorubá: mais comumente chamado povo nagô no Brasil; nome da região e da língua.

Iroko: orixá fitomorfo nagô; gameleira branca.

Ixã: bastão dos ojés.

Iabá: auxiliar das iaôs em transe; no plural orixás femininos das águas.

L

Lavagem da Conceição: cerimônia realizada no dia 8 de dezembro em Aracaju para purificação das pessoas presentes.

M

Macumba: nome dado às religiões africanas ou cerimónias efetuadas por elas nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo.

Mãe-de-santo: nome mais comumente usado para dirigente feminino de um terreiro afro-brasileiro.

Mãe pequena: o mesm que Iá kekerê, termo mais usado nos terreiros de Umbanda.

Mamãe Oxum: uma das designações do orixá feminino Oxum, na Umbanda.

Manípulo: feixe de ervas ou de flores.

Mucunã: cabelo.

N

Nação: rito religioso identificado às práticas das etnias de origem africana que foram trazidas ao Brasil.

Nagô: nome dado, no Brasil, ao grupo dos escravos sudaneses procedentes do país Iorubá.

Nanã: nome da orixá, mãe de Obaluaiyê.

O

Obá: termo usado, no Brasil, para designar os doze ministros de Xangô; orixá do rio Obá; maneira especial do santo cumprimentar, ao se despedir, antes de retornar à camarinha e daí partir.

Obatalá: nome africano de Oxalá, filho de Olórun, o Deus supremo.

Obrigação: nome que se dá às confirmações da iniciação (de dois em dois anos, existindo obrigação de 1,3,5,7 anos, quando se tiver condições de dar).

Oduna: festa do ano-novo.

Ogã: ebômi do sexo masculino, que não entra em transe.

Ogun: orixá patrono do ferro, do desbravamento e da guerra.

Ojá: longa faixa, usada para diversas finalidades: como turbante, rodeando o busto, ao redor dos atabaques etc.

Ojê: sacerdote do culto de Egun ou Egungun.

Ojubô: lugar de adoração.

Olorun: entidade suprema, força maior, que está acima de todos os orixás.

Oluô: sinônimo de babalaô.

Omi: água.

Omolu: um dos nome de Obaluaiyê.

Omulucum: também omulucu, humulucu, omolokun; comida ritual de Oxum, à base de feijão-fradinho e ovos.

Oriqui: também oriki; cântico de louvor que conta os atributos e feitos de um orixá.

Orixá: nome genérico das divindades, que são intermediárias entre Olorun, o deus supremo, e os mortais.

Orô: ritual de fundamento; parte da cerimônia ritual que tem a finalidade de “acordar” os orixás.

Oró: fantasma, espírito.

Orunkó: festa do “dia do nome”.

Ossé: semana; renovação semanal de oferendas.

Otá: pedra-fetiche onde é fixada, por uma cerimônia ritual especial, a força mística do orixá, seu axé, e que constitui o “assentamento” principal do deus.

Oxalá: o mais respeitado, o pai de todos orixás.

Oxossi: orixá patrono da floresta e da caça.

Oxum: uma das orixá das águas.

Oxumaré: nome do orixá relacionado ao arco-íris.

P

Padê: ritual propiciatório, com oferenda a Exu, realizado antes do início de toda cerimônia pública ou privada dos cultos afro-brasileiros.

Peji: quarto onde ficam as representações materiais dos orixás, chamadas de ibás; santuário do candomblé; altar.

Peji-gã: ogã encarregado do peji do candomblé.

Pepelê: altar dos orixás, quando em forma de prateleiras, às vezes de cimento, dentro do Ilê-axé, onde estão colocadas as vasilhas com os “assentamentos”, “vestidas”, muitas vezes com as roupas dos orixás; banco.

Povo de santo: os crentes dos cultos afro-brasileiros.

Ponto cantado: letra e melodia de cântico sagrado, diferente para cada entidade.

Pretos velhos: espíritos purificados de antigos escravos africanos no Brasil, os quais “descem” na Umbanda e são exclusivos dessa religião.

Purificação: limpeza espiritual de pessoas, lugares e objetos, por meio de banhos com água pura ou com folhas sagradas, água do mar, de rio, de chuva, cachoeiras, ou por defumações; ato de tonar puro, limpo.

Q

Quartinhas: vasilhas de barro, de determinada forma onde são colocados no peji, os líquidos para os orixás ou para as entidades.

Quizila: repugnância pessoal a comer, beber ou fazer determinadas coisas; proibição ritual determinada pelo orixá no seu culto impondo interdições, temporárias ou definitivas, a seus filhos.

R

Roça: terreiro.

Roncó: camarinha , quarto sagrado, onde as futuras iaôs são recolhidas, por determinado tempo, para aprendizado dos segredos e rituais de culto.

Roda de santo: círculo formado em ordem hierárquica para a dança no barracão e que o faz no sentido anti-horário.

Rum: o maior dos três atabaques; dança principal dos orixás; a saída, na iniciação, em que o orixá veste, pela primeira vez, suas roupas rituais e usa suas ferramentas.

Rumpi: o atabaque médio.

Runjefe: colar de contas vermelhas e contas redondas ou cilíndricas de coral. É usado pela filha de santo somenta após sete anos de “feita”.

S

Saída: festa em que o iaô, após o período de recolhimento para a iniciação, sai pela primeira vez, apresentando-se publicamente à comunidade do povo de santo.

Salvar: saudar, cumprimentar.

Santo: orixá, entidade.

Sundidé: banho ritual de sangue; parte do ritual de iniciação.

Suspensão: ato pelo qual o orixá "escolhe" alguém na assistência ou na casa de santo e lhe atribui um cargo.

T

Talha: pote, vaso de barro.

Tempero: elementos que compõem o fundamento religioso, como folhas, sementes etc.

Terreiro: conjunto dos terrenos e casas onde se processam as cerimônias religiosas e os preparativos para as mesmas, nos cultos afro-brasileiros.

Toque: ritmo especial de cada orixá batido nos atabaques.

Toré: designação dos cultos de influências indígeno-afro.

U

Uado: comida votida de Oxum, feita de pipocas reduzidas a pó, com azeite de dendê e mel de abelhas ou açúcar.

Umbanda: religião formada no Brasil por uma seleção de valores doutrinários e rituais, feitos a partir dos cultos africanos congo-angola com a Pajelança, o Catolicismo, Espiritismo e Ocultismo.

V

Virar no santo: entrar em transe.

Vodun: nome genérico das divindades jejê, correspondendo a orixá nagô.

X

Xangô: nome do deus da tempestade; termo usado para designar os candomblés de Pernambuco e de Alagoas.

Xangô-Afonjá: Xangô assimilado a S. João

Xim-xim: preparação da galinha com molho de azeite-de-dendê e outros condimentos, alimento de Oxum.

Xirê: ordem seqüencial de cantigas para o orixá, cantada durante a festa; em iorubá significa dançar, brincar.

Y

Yámi oxorongá: significa feiticeiras ou bruxas.

Z

Zambi: deus supremo dos cultos bantos e da Umbanda, criador e senhor todo poderoso.

Zelador: pai-de-santo.

FONTES ESCRITAS E ENTREVISTAS

ACM – Livro de Tombo
ACMA – Livro de Tombo, Livreto da Festa de Nossa Senhora da Conceição
ACPLC – Fotografias da história da Lavagem da Conceição
ASN – Notícias e fotografias eletrônicas
AP – Fotografias da Lavagem da Conceição – Anderson Pereira
AP - Fotografias da Lavagem da Conceição – Greicyhianne Fernanda
AP – Gravação da Lavagem da Conceição – Hippolyte Brice
APES – Jornal da Cidade, Tribuna de Aracaju
APMA – Jornal da Manhã
IHGS – Revista Alvorada, Jornal da Cidade, Jornal Correio de Sergipe, Jornal do Dia
INFONET – Jornais e fotografias eletrônicas
INTECAB/SE – Fotografias da Lavagem da Conceição
AP - Jornal A Tarde – Salvador-BA
AP - Jornal da Bahia – Salvador-BA

Entrevistas

Ialorixá Angélica de Oliveira do Centro Umbanda Paraíso dos Orixás, 30 de janeiro de 2009.
Filha-de-santo Argentina do Terreiro de Nisinho, 14 de fevereiro de 2009.
Ialorixá Jacira Santos do Abassá Ogum de Ronda, 05 de abril de 2009.
Ialorixá Josefa Maria do Centro Social Bom Jesus dos Navegantes Ogum Marinho, 05 de abril de 2009.
Ialorixá Maria Claudeildes do Ilê Axé Alakito Oia Balé Caboclo Congombira, 05 de abril de 2009.
Filho-de-santo Severo D'Acelino do Ilê Axé Opo Aira, 07 de março de 2009.
Ialorixá Lindinalva Bastos da Congregação Social Espírita São Lázaro, 11 de março de 2009.
Ogã Dizo do Centro Mitauá, 12 de março de 2009.
Filha-de-santo Isabel Nunes do Abassá Mameta Oxum, 12 de março de 2009.
Ialorixá Rita de Cássia do Ilê Axé Tassytaoo, 24 de abril de 2009.
Ialorixá Acássia Maria do Axé Ilê Obá Abassá Odé Bamorê, 29 de abril de 2009.
Ialorixá Marizete Lessa do Abassá São Jorge, 01 de maio de 2009.
Pároco Jerônimo Peixoto da Igreja Nossa Senhora da Conceição, 05 de maio de 2009.